

UNIVERSIDADE DE SOROCABA
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO

Vitor Setani

O PLANO DE ENSINO NA PRÁTICA DOCENTE

Sorocaba/SP

Novembro/2005

Vitor Setani

O PLANO DE ENSINO NA PRÁTICA DOCENTE

Dissertação apresentada à Banca Examinadora do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade de Sorocaba, como exigência parcial para obtenção do título de Mestre em Educação.

Orientador: Prof. Dr. Fernando Casadei Salles

Sorocaba/SP

Novembro /2005

Vitor Setani

O PLANO DE ENSINO NA PRÁTICA DOCENTE

Dissertação apresentada como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre no Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade de Sorocaba, pela Banca Examinadora formada pelos seguintes Professores:

Ass. _____

1º Exam.: Prof.Dr. Nilson José Machado

Ass. _____

2º Exam.: Prof.Dr. Wilson Sandano

Nota:

Sorocaba,

Agradecimentos

Nenhum vento ajuda a quem não sabe para
que porto deverá velejar.

Montaigne

RESUMO

O objetivo deste trabalho foi investigar a forma como os professores concebem o planejamento e lidam com os planos de ensino em sua prática escolar.

A pesquisa, na dimensão educacional, buscou analisar os problemas pedagógicos na perspectiva global do complexo social. Com essa preocupação foram realizadas entrevistas com professores do ensino médio da rede pública estadual. As entrevistas forneceram subsídios para uma compreensão maior de como os professores entendem e elaboram o plano de ensino e como o articulam com o plano escolar e com o projeto político pedagógico. Os resultados obtidos apontaram que, de fato, o professor elabora o plano de ensino, mas há indícios de que não o articula suficientemente com a idéia de projeto, nem do ponto de vista pessoal, nem do coletivo.

Apontamos como caminho, para uma solução possível, uma participação mais efetiva dos professores no processo educacional, sobretudo no estabelecimento das metas a serem perseguidas, apoiados em valores socialmente acordados, enfim construindo um projeto que mais tarde será colocado em ação pelo planejamento. A negação pura e simples desta participação nos leva a planejamentos burocráticos e inócuos, carreando o professor a uma perigosa inversão, fazendo do conteúdo disciplinar um fim, quando na realidade é um meio, com conseqüências imediatas para a formação do corpo discente, sobretudo no que se refere ao desenvolvimento das personalidades individuais e aos projetos pessoais de existência.

ABSTRACT

The aim of this work was to investigate the way teachers conceive the planning and deal with the teaching plans in their school practice.

The research, in educational dimension, searched to analyse the pedagogical problems in the global outlook of social complex. Interviews with high school teachers of the state public system were carried out with this concerning. The interviews provided subsidies for a broader comprehension on how teachers understand and work out the teaching plan and how they match it with school plan and with the political pedagogical project. The final results pointed that, indeed, the teacher works out the teaching plan, but there are hints that he doesn't link it sufficiently with the idea of the project, neither from the personal point of view nor from the collective one.

We point, as way to a possible solution, a more effective participation of the teachers in the educacional process, mostly in the stablishement of the aim to be reached, supported on values agreed socially, in short, building a project that later on will be carried on by the planning. The pure and simple denyng of this participation takes us innocuous and burocratic projects, leading the teacher to a dangerous inversion, by making the disciplinar content a goal, when, in fact, it is a mean, with immediate consequences for the formation of a learning staff specially when it comes to the development of individual personalities and to the personal projects of existence.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	8
1. UTOPIAS, PROJETOS E PLANEJAMENTO	
1.1 Utopias e Projetos	19
1.2 O que é planejamento e por que planejar?	23
1.3 O planejamento no processo histórico	24
1.4 Necessidade de planejar: abordagens distintas	26
1.5 O planejamento e a sociologia do conhecimento	35
1.6 Análise sociológica do planejamento	42
2. PLANOS	
2.1 O Plano Educacional	44
2.2 O Plano Escolar	46
2.3 O Plano de Ensino	50
3. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS	58
4. ANÁLISE DOS DEPOIMENTOS	
4.1 Planejamento escolar	64
4.2 Plano de ensino	67
4.3 Concepção	72
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS	77
6. REFERÊNCIAS	79
7. ANEXOS	81

INTRODUÇÃO

O plano de ensino é um documento de reflexão do educador com relação ao seu trabalho frente à sua responsabilidade como profissional da educação. O objetivo principal desta dissertação é conhecer como os professores “enxergam” esse que é um dos instrumentos do planejamento da educação escolar, na sua prática docente.

Se por um lado se reconhece a importância do esforço de previsibilidade da ação docente, por outro, nem sempre se tem consenso sobre a utilização do plano de ensino como instrumento deste.

Em primeiro lugar é importante destacar que a idéia de plano de ensino, que constitui o objeto de estudo desta investigação, é derivada, ou constitui-se em mera aplicação direta da idéia de planejamento. O planejamento por sua vez deriva de projetos que se originam de utopias. O que significa dizer que o plano de ensino tem origem em uma das tantas formas que o homem tem se valido para pensar a realidade e sobretudo para planejar o seu destino.

O plano de ensino, neste contexto, seria apenas a aplicação particular ao processo de ensino-aprendizagem de uma das atitudes do homem frente ao seu caminho na sociedade e na história. Caminho este que tenta compreender a complexidade contraditória da realidade identificando cada uma das forças de interesse de classe e a forma como atuam impedindo ou acelerando o processo histórico.

Como o planejamento pressupõe na sua ação objetivos a serem atingidos, sua estrutura lógica se baseia, invariavelmente, sobre a totalidade do real. Do ponto de vista normativo dos objetivos o planejamento pode ser pensado como um simples mecanismo de controle social visando a simples reprodução e manutenção social, ou como mecanismo de crítica e de transformação da sociedade.

O procedimento é crítico e transformador porque sendo crítico desvenda o funcionamento do real, tenta captar a sua gênese e tendências de desenvolvimento e, transformador porque a partir da compreensão do real pode interferir no processo redirecionando-o. O planejamento pensado dessa forma tenta compreender a complexidade contraditória das forças que agem na totalidade do real e identifica a polaridade dominante, sem no entanto deixar de percebê-la fazendo parte do todo.

Desta perspectiva o referencial teórico de fundo, escolhido para conduzir análises e inferências realizadas na presente investigação será a da sociologia do conhecimento de Mannheim. Trata-se da escolha de um referencial capaz de nos dar conta da complexidade contraditória das forças que agem constituindo a realidade, que Mannheim denomina de racionais e irracionais.

Ao atuar sobre a realidade, o homem considera a possibilidade de transformá-la, construindo dessa forma a história, mas muitas vezes, ocorre a reificação em nosso meio, parecendo que a história é feita por um ente oculto. Vasconcellos nos chama atenção à essa essencialidade quando afirma “são os homens que fazem a transformação na história, pela ação no mundo, embora sob condições que herdaram e não que escolheram”.(VASCONCELLOS, 1995, p.29).

É exatamente esta capacidade que o homem tem em antecipar mentalmente um conjunto de ações a ser realizada, racionalizando os seus processos que constitui um aspecto do que chamamos de planejamento. Podemos inferir que o planejamento torna mais eficiente os processos fazendo uso de métodos racionais.

Quando o homem atua sobre a realidade transformando-a, esta em seguida passa a “dialogar” com os outros homens, exercendo, ao mesmo tempo, influências sobre os mesmos e uma função educadora. Essa ação sendo intencional é direcionada para o que se deseja. E o instrumento mediador desse processo é o planejamento.

Outro aspecto importante a ser observado quanto à noção de planejamento não se dá independentemente do seu contexto mais geral do qual a escola faz parte; apesar do idealismo de alguns educadores, a escola não é lugar isolado da sociedade e como todo ambiente social é local de contradições que envolvem vários segmentos. Neste sentido concordamos com Vasconcellos quando afirma que “à medida que as contradições são postas a descoberto, são tematizadas, favorece-se a tomada de consciência, a superação do senso comum. Nessa medida o planejamento resgata seu sentido”.(VASCONCELLOS, 1995, p.30).

Em síntese pode-se afirmar que o planejamento escolar é um processo de racionalização e coordenação da ação docente que se articula tanto ao contexto da escola quanto à sociedade visando a realização de um ensino de qualidade.

Mas o que seria o trabalho docente? Masetto(1990) entende que o trabalho docente se constitua numa atividade consciente e sistemática cuja preocupação central é a aprendizagem do educando. A complexidade do trabalho docente é de tal ordem que embora, evidenciada na sala de aula, não se restringe a ela e está diretamente ligada a exigências sociais e a experiências dos alunos. Ao assumir a educação escolar como processo sistemático, coerente, organizado e intencional de construção de conhecimentos temos como consequência que o trabalho pedagógico assim entendido não dá lugar a improvisações.

O planejamento escolar cumpre assim para o processo de ensino e aprendizagem papel racionalizador, é ele que estabelece os objetivos educacionais nascidos da relação entre as necessidades dos educandos e a proposta pedagógica dos educadores. Proposta esta que se fundamenta em valores.

Para executar o planejamento escolar supõe-se que se deva conhecer a dinâmica interna e externa do processo de ensino e aprendizagem, desta forma o planejamento articula a atividade escolar e a problemática do contexto social. Nas palavras de Vasconcellos, “na verdade, a prática tem relações com o contexto maior, com as estruturas da instituição, com as

necessidades biológicas e com os desejos dos sujeitos, *além* da relação com a teoria”.(VASCONCELLOS, 1995, p.30).

O planejamento por si só não assegura o andamento do processo de ensino, e segundo VAZQUEZ “a teoria em si (...) não transforma o mundo. (...) Entre a teoria e a atividade prática transformadora se insere um trabalho de educação das consciências, de organização dos meios materiais e planos concretos de ação”.(VAZQUEZ, 1977, p.206).

Na atividade prática escolar todos elementos desta comunidade têm papéis importantes, no entanto, o professor é considerado um agente privilegiado por estar em contato direto com os alunos, ser potencialmente um dos mais interessados na resolução de problemas desta natureza e por ser um profissional da educação .

O professor é o agente da história pedagógica da sua sala e o coordenador do processo ensino e aprendizagem ao assumir o papel de agente histórico de transformação da realidade escolar, articulado à realidade social mais ampla. E neste contexto “o plano deve ser, antes de mais nada, um instrumento de trabalho para o próprio professor (e não para o coordenador, a secretária da escola, a supervisão), correspondendo ao seu projeto de intervenção na realidade”.(VASCONCELLOS, 1995,p.34).

Um eficiente planejamento escolar pode trazer uma série de contribuições à prática escolar que assim descrevemos: organização adequada do currículo, racionalizando as experiências de aprendizagem, tendo em vista tornar a ação pedagógica mais eficaz e eficiente; estabelece a comunicação com outros professores, visando a integração curricular; racionaliza o tempo; não desperdiça atividades e oportunidades de aprendizagem; propicia a autoformação do professor, já que possibilita o pensar mais sistematicamente sobre a realidade, sobre a proposta, sobre a prática, ajudando, pois, a diminuir a distância teoria-prática, evitando rotina viciada e improvisação; estabelece a comunicação e participação dos

alunos; supera a expropiação a que o professor foi submetido em relação à concepção e ao domínio do seu que fazer.

No Brasil a experiência de planejamento pode ser identificada em duas fases distintas: a primeira fase anterior a 1970, quando o plano de ensino não assume quase nenhuma característica formal, sua execução se dá na base de simples registros de planos de aula em fichas, cadernos e outros apontamentos pessoais; a segunda, após 1970, quando a tendência tecnicista imposta na educação, a partir do golpe militar de 1964, faz emergir um modelo técnico de planejamento, supostamente apolítico, voltado exclusivamente para a eficiência e a produtividade do ensino.

Nesta segunda fase foi importada e implantada em nosso país uma tecnologia de planejamento educacional, trazendo em seu bojo a idéia de produtividade no ensino, sem análise mais profunda dos problemas educacionais e suas relações com o contexto sócio-econômico-político. O planejamento do trabalho docente com relação ao plano de ensino, nessas condições, contemplando uma orientação mecanicista ficou estigmatizado e subentendido como simplesmente burocrático e inócuo. A consequência disto foi que “o que ocorria nas salas de aula não “batia” com aquilo que estava escrito no plano”.FUSARI (1984).

A nossa hipótese é a de que entre o uso que anteriormente se fazia e o novo uso que se passou a dar, na perspectiva da educação tecnicista, adotada no período militar, houve uma perda do sentido do plano de ensino como um instrumento ou elemento útil da prática docente. Nesse sentido, talvez, só uma compreensão maior do problema poderia recuperá-lo para a prática docente.

O trabalho do professor, que já era complexo, passa a ter nos tempos atuais uma complexidade ainda maior na medida em que uma das principais preocupações é sua sobrevivência, não sobrando muito tempo para o preparo de suas aulas e tomando como paliativo o livro didático acaba driblando a falta de planejamento. Se assumirmos que a

educação escolar é um processo sistemático, coerente, organizado e intencional de passagem de conhecimentos para os educandos, temos como consequência que o trabalho pedagógico assim entendido não dá lugar a improvisações, necessitando de planejamento, no qual o plano de ensino se constitui em um elemento decisivo para a prática docente. Neste sentido, o plano de ensino cuja elaboração cabe ao professor torna-se peça fundamental para o trabalho pedagógico de qualidade.

A partir desta preocupação, em adquirirmos uma compreensão mais clara sobre o papel do plano de ensino no trabalho docente, fomos buscar em Libâneo inspiração para uma reflexão mais aprofundada sobre a problemática do plano de ensino.

Segundo o autor podemos dizer que o planejamento escolar se divide em três modalidades articuladas entre si: o plano da escola, que é um documento global que liga a escola com o sistema escolar mais amplo; o plano de ensino (ou plano de unidades) que é um documento dividido em unidades sequenciais onde aparecem os objetivos específicos, conteúdos, desenvolvimento metodológico e avaliação, e é uma previsão para um determinado período, seja um semestre ou um ano; e o plano de aula, que é uma previsão do desenvolvimento do conteúdo aula por aula.(LIBÂNEO, 2004).

Cabe assinalar que a preferência pelo presente tema partiu da minha condição de professor de matemática, com mais de 30 anos de carreira, observando em diversas cidades do Estado de São Paulo, inúmeras maneiras de apropriações por parte dos professores, deste instrumento pedagógico. De maneira geral, o plano de ensino ora aparecia como instrumento dos mais importantes da ação pedagógica, ora como atitude burocrática, sem consequência positiva para o desenvolvimento do processo educativo.

É para conhecer o sentido destas apropriações, que o presente trabalho se desenvolve, investigando a relação que os professores do ensino médio das escolas públicas da cidade de São Roque estabelecem entre o plano de ensino e sua prática docente.

Para fazermos esta investigação partimos de um pressuposto qual seja o de que para compreender os problemas educacionais precisamos analisá-los de uma perspectiva global do complexo social e de suas implicações, e somente a partir destas condições é que podemos discutir a natureza política do planejamento e sua importância para a realização dos objetivos para os quais foi criado. O que quer dizer somente a partir de uma visão global da sociedade e de uma disposição política definida, podemos pensar o planejamento. Fusari, que é outro autor sobre o qual nos apoiamos na presente reflexão, ao tratar do tema, acrescenta às observações de Libâneo, outros componentes, enriquecendo-o:

A questão do planejamento não pode ser compreendida de maneira desvinculada da especificidade da escola, da competência técnica e do compromisso político do educador e ainda das relações entre escola, educação e sociedade. O planejamento não é neutro. O processo de planejamento não pode ser encarado como uma técnica desvinculada da competência e do compromisso político do educador. (FUSARI,1984,p.35)

Não se trata de estabelecermos o planejamento como uma ação restrita de caráter técnico, só acessível através da racionalidade técnica do fazer docente, mas sim, de o entendermos como parte intrínseca da ação pedagógica no seu sentido mais radical, como mais um aspecto do planejamento, de um diálogo permanente entre teoria e prática.

Para a realização da presente investigação procuramos em primeiro lugar localizar o tema do plano de ensino no contexto da produção acadêmica e encontramos alguns trabalhos discorrendo sobre: educação e planejamento, baseada na obra de Mannheim(FORACCHI,1960); outra analisando aspectos positivos e negativos do planejamento (FERREIRA,1992); e uma obra “dissecando” o planejamento de ensino, nos seus aspectos técnicos (TURRA,1992);outra levando a conscientização crítica das tarefas sócio-políticas e pedagógicas do ensino (LIBÂNEO, 2004); mas existe pouca literatura que articula a o planejamento de ensino à prática pedagógica (FUSARI, 1984 ;GANDIN, 2000 ; VASCONCELOS,1995), que é o tema de interesse da presente investigação.

Não obstante a sua importância na prática docente, o tema não tem recebido dos professores, nem dos pesquisadores atenção proporcional em termos investigativos acadêmicos. Conforme se pode observar nos resultados obtidos em levantamentos feitos junto a três Universidades a saber: Universidade de São Paulo (Usp); Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), Universidade Federal de São Carlos (UFScar) .

Na Universidade de São Paulo foram encontrados os seguintes trabalhos:

- 11 com a palavra chave plano de ensino
- 11 com a palavra chave planos de ensino
- 2 com a palavra chave planejamento escolar
- 2 com a palavra chave planejamento de ensino
- 9 com a palavra chave prática docente
- 5 com a palavra chave prática pedagógica
- 27 com a palavra chave prática de ensino;

Na Universidade Estadual de Campinas foram encontrados os seguintes trabalhos:

- 53 com a palavra chave plano de ensino;

Na Universidade de São Carlos foram encontrados os seguintes trabalhos:

- 25 com a palavra chave plano de ensino e pedagógico
- 138 com a palavra chave plano de ensino e prática.

Apesar de numerosas referências aos elementos do nosso tema, não foi encontrado um só trabalho na linha da presente investigação. Esses levantamentos foram efetuados entre os dias 7 e 14 de abril de 2005.

O desprestígio trazido por esta situação ao tema faz com que pouco se conheça efetivamente tanto sobre o conhecimento e o sentido que os professores atribuem aos planos de ensino, como a importância que dão para o seu uso na prática do cotidiano em sala de aula.

Espera-se com a realização deste trabalho que ele produza algum conhecimento que possa vir a auxiliar os professores na utilização do plano de ensino na prática pedagógica.

Em síntese, a partir de todas estas considerações se pode dizer que são duas as preocupações centrais deste trabalho: a primeira que consiste na investigação da forma como os professores elaboram e operacionalizam o plano de ensino; e a segunda que investiga como os professores concebem o planejamento de ensino, isto é, como fazem a representação e de que forma compreendem o planejamento de ensino.

Entendemos que o professor ao responder a nossa primeira preocupação central do trabalho, ou seja, de que forma ele elabora e utiliza seu plano, já nos fornecerá alguns subsídios para a segunda parte.

Para isto duas indagações são básicas para o traçado de nossa investigação:

1^a Como são elaborados e utilizados os planos de ensino na prática docente?

2^a Qual é a concepção que os professores têm sobre o plano de ensino?

Estas questões visam, portanto, verificar numa primeira instância o conhecimento teórico que eles têm, sobre o plano de ensino, para numa segunda instância, completarmos nosso registro observando qual o juízo de valor que os professores dão ao plano de ensino nas suas práticas docentes.

Essas considerações nos levam a hipótese central deste trabalho de que os professores desconhecem os pressupostos teóricos para a formulação e utilização dos planos de ensino.

Podemos estabelecer como uma hipótese secundária de que os professores ao elaborarem seus planos de ensino o fazem por simples exigência burocrática resultando daí que não há relação objetiva entre plano de ensino e prática docente.

A presente pesquisa, realizada no município de São Roque, teve por objetivo geral investigar a articulação que os professores estabelecem entre o plano de ensino e a prática docente, partindo da idéia do plano de ensino como um instrumento de racionalização e facilitação do processo de ensino-aprendizagem e chegar a observar o nível de conscientização, por parte desses mesmos professores, do caráter político do planejamento.

Estabeleceremos como específico o seguinte objetivo: procurar compreender a resistência de determinados professores à elaboração do plano de ensino.

Nossa pesquisa tem a finalidade de buscar compreender as inconsistências entre aspectos teóricos do planejamento de ensino e observação da prática cotidiana.

Desenvolvemos uma pesquisa de natureza analítica-exploratória com levantamento de dados por meio de entrevistas utilizando como instrumento a entrevista semi-estruturada, com questões abertas, podendo acrescentar algumas perguntas de esclarecimento por parte do entrevistador. A escolha desse instrumento nos pareceu mais adequada à exploração em profundidade de saberes, valores e representações dos entrevistados.

Assim num primeiro momento da entrevista levantamos dados da forma que os professores elaboram e utilizam o plano de ensino e, num segundo momento, sobre as concepções que os professores têm sobre o planejamento de ensino.

Desenvolvemos e organizamos os capítulos da seguinte forma: no capítulo 1 abordamos o planejamento em geral. Dividimos este em seis subtítulos : no primeiro subtítulo discorremos sobre as idéias que antecedem a noção de planejamento – utopias e projetos – chegando ao fato que todo planejamento tem como referência um projeto; no segundo subtítulo vimos o que é planejamento e a finalidade de planejar, recaindo em dois propósitos – eficiência e eficácia; no terceiro subtítulo, ainda que de forma genérica, vimos algumas áreas em que a noção de planejamento se desenvolveu na História ; no quarto subtítulo vimos algumas abordagens distintas das origens e da necessidade de planejar sob vários aspectos:

Primeiro: psicológico, evidenciando a correlação entre atividade humana inteligente e o planejamento. Segundo: político e social mostrando que a melhor organização da sociedade depende de um bom plano. Terceiro: econômico, onde evidenciamos a evolução da planificação, no desenvolvimento do capitalismo, pois esta seria um fator de consolidação e manutenção deste; no quinto subtítulo, vimos a caracterização de técnica social e chegamos à tese principal da sociologia do conhecimento que, algumas formas de pensamento não podem ser compreendidas adequadamente enquanto não conhecermos suas origens sociais. Chegamos desta forma à síntese das perspectivas e como recurso à superação dos problemas sociais, Mannheim propunha o planejamento como forma de intervenção racional; neste último subtítulo vimos como a noção de planejamento é entendida na sociologia do conhecimento proposta por Mannheim.

No capítulo 2 apresentamos um histórico do planejamento educacional, para em seguida caracterizar o plano escolar e atingirmos o plano de ensino que é o objeto de nosso estudo. No capítulo 3 desenvolvemos a metodologia utilizada na investigação caracterizando o roteiro das entrevistas. No capítulo 4 fizemos uma análise comparativa dos depoimentos com relação às categorias antes estabelecidas. No capítulo 5 tecemos as considerações finais.

1 UTOPIAS, PROJETOS E PLANEJAMENTO

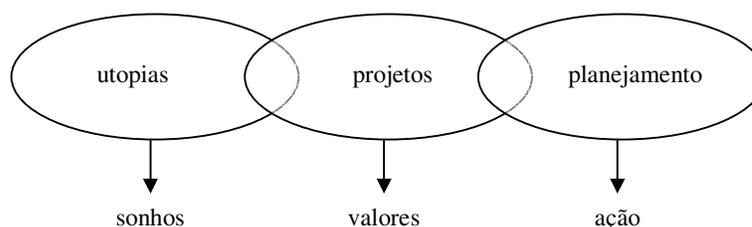
1.1 UTOPIAS E PROJETOS

Como seres humanos, não vivemos sem projetos; mas as metas que elegemos são sempre sustentadas por uma arquitetura de valores.

Nilson José Machado

A palavra projeto, de uma forma explícita e ocorrendo em várias áreas, é associada a idéia de estruturação de planos. De uma forma tácita a idéia de projeto está presente em contextos de ordem pessoal, no que diz respeito às ações do ser humano. Neste trabalho veremos que os dois significados estarão, na maioria das vezes, articulados.

Todas as pessoas que antecipam cursos de ação e idealizam transformações de situações existentes em outras prefiguradas, elegendo metas a serem alcançadas, projetam. E concordando com Machado podemos dizer que “A escolha das metas, no entanto, sempre se dá em um cenário de valores socialmente acordados”.(MACHADO, 2000, p.2). Há dessa forma uma relação estreita entre as idéias de projeto e de valor, sendo tema de maior interesse na área educacional. Em nosso entendimento, há um processo que se inicia com as idéias de utopias e ilusões, que é articulado com as idéias de projetos e valores e que por sua vez se articula com a última fase que é o planejamento.



A idéia de projeto apresenta algumas características gerais das quais Machado (2000) aponta três relevantes: a referência ao futuro, a abertura para o novo e o caráter indelegável da ação projetada. Vejamos:

Entre associações como, esboço, desenho e outras tantas, à idéia de projeto, podemos dizer que “significa a antecipação de uma ação, envolvendo referência ao futuro” (MACHADO,2001,p.5); não é uma simples previsão, não é uma simples representação do

futuro, mas de uma realidade que está sendo construída, de um futuro a fazer. E apropriadamente, Machado sintetiza “... não se faz projeto se não há futuro- ou não se acredita haver; simetricamente, sendo a realidade uma construção humana, pode-se afirmar também que o futuro não existe- ou não existirá- sem nossos projetos”.(MACHADO,2001,p.6).

Se o futuro existe de uma forma totalmente determinada, não há projeto. Uma concepção rigorosamente determinística do real subtraindo a abertura para o novo, elimina totalmente a idéia de projeto. Num projeto uma certa abertura para o novo, o desconhecido, para a imaginação, acompanhada da criação e até mesmo o risco para o insucesso são ingredientes necessários.

A última característica fundamental sobre o caráter indelegável da ação projetada nos revela que no projeto a ação deve ser realizada pelo sujeito que o projetou, seja de forma individual ou coletiva. Não se pode ter projetos pelos outros.

Machado, levando em consideração estes três aspectos fundamentais conclui que “a capacidade de projetar pode ser identificada como o traço mais característico da atividade humana” e completa “O modo de ser do ser humano é o permanente pretender ser”. Mais adiante afirma “...não só é próprio do ser humano não viver sem projetar como o é fazer da própria vida um projeto” , concluindo que “Sem projetos, portanto, não existe vida, em sentido humano”, e faz uma afirmação categórica que “Tanto em sentido pessoal quanto em sentido coletivo, a idéia de crise está sempre associada a uma ausência de, ou a uma transformação radical nos projetos que nos mantêm vivos ou nos valores que os sustentam”.(MACHADO,2001,p.8-9).

Existem instâncias anteriores ao projetar que alguns chamam de “ilusão”; de “vontade”; de “esperança”, e qualquer que seja o nome indica o fato de que algo nos mantém vivos e assim sendo traduz a possibilidade de projetar. Duas noções estão ligadas à idéia de projeto e que são a ele anteriores : a ilusão e a utopia.

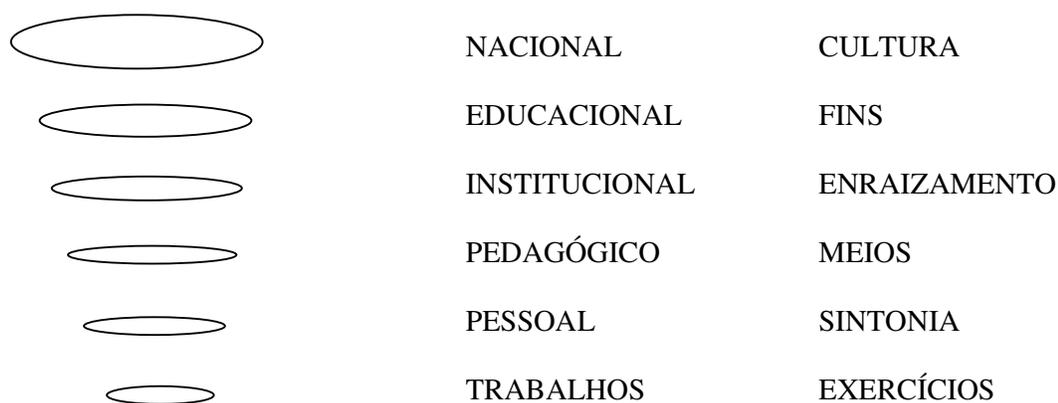
A palavra ilusão carrega uma conotação negativa em algumas línguas e positiva em outras. Associada à língua espanhola tem um sentido marcadamente positivo, significando que “ter ilusões” é: “valer a pena estar no jogo, é permanecer jogando, seguindo as regras e buscando os resultados; não ter ilusões é crer que não vale a pena prosseguir seguindo as regras, é desistir de jogar o jogo da vida”. Continuando, Machado relaciona o significado da palavra ilusão, visto acima, à condição de professor : “Sem ilusões, não se é – ou se permanece – professor. Um professor precisa de ilusão pelos alunos. Precisa acreditar na sementeira, na fecundidade de um trabalho...”.(MACHADO,2001,p.11).

Há um notável fechamento da noção de ilusão relacionada ao projeto que assim podemos descrever: “Se é verdade que não se vive só de sonhos, só de ilusões, que nos alimentamos como seres humanos de projetos que realizamos, também o é em que sem sonhos, sem ilusões, sem élan vital, sem esperança, sem vontade de viver- ou de jogar- não se fazem projetos”.(MACHADO,2001,p12).

A palavra utopia origina-se do grego: ou (não) + topos (lugar), e inicialmente significava um país inexistente, imaginário e, por analogia podemos associar a coisas impossíveis de se realizar. Em nosso estudo podemos entendê-la como um projeto radicalizado, que se refere à comunidade não tendo delimitação geográfica ou temporal. A utopia assim entendida realiza-se em lugar nenhum, em tempo algum, não tem compromisso com o futuro, que é uma das características do projeto.

A distinção propriamente dita entre projeto e utopia pode ser assim entendida : “...enquanto um projeto sempre se apresenta munido de elementos operatórios que instrumentam as ações transformadoras e apontam no sentido de sua realização, uma utopia não considera sequer a discussão sobre os caminhos ou a possibilidade de sua realização”. Sonhos, ilusões e utopias são essenciais na elaboração de projetos.(MACHADO,2001,p.14).

Vimos que o viver é projetar e projetam as pessoas, projeta o professor ao trabalhar em sala de aula, projeta a escola, projeta a nação. Podemos falar de projetos em diversos níveis. O trabalho com projetos como estratégia metodológica em sala de aula é um desses níveis. Ao organizar um grupo de alunos de modo a que busquem metas comuns, cada um, naturalmente, fazendo a sua parte, o professor exercita a capacidade de projetar. Em outro nível, professores e alunos têm projetos pessoais, perseguem objetivos distintos, almejam metas diferentes na vida: articular interesses pessoais e interesses coletivos é um exercício fundamental de cidadania. Dentro da escola, há o projeto pedagógico, que é da ordem do fazer técnico, da operacionalização do projeto institucional, ao qual deve subordinar-se. Em termos institucionais, há o projeto da escola, que deve enraizar-se na cultura, nos valores partilhados na comunidade em que se insere. Cada escola, por sua vez, insere-se em um sistema de ensino pautado por um projeto educacional municipal, estadual ou federal. E a cidade, o Estado, o país orientam-se por projetos mais amplos, que incluem a importante dimensão educacional, mas não se limita a ela. São múltiplos, portanto, os níveis em que se pode utilizar a idéia de projeto em sentido próprio.



Na visão de Machado o planejamento se desenvolve a partir do projeto e:

A realização do que se projeta exige certo nível de organização, de planejamento das ações. Não bastam a vontade e o improviso. É preciso estabelecer metas intermediárias, articular objetivos parciais, eventualmente em certo encadeamento, conceber indicadores relativos ao cumprimento das metas.(MACHADO,2001,p.15)

Ou seja, todo planejamento sempre é referido a um projeto, ainda que, muitas vezes este projeto permaneça tácito, seja individual ou coletivo. Existe, então, no nosso entendimento, uma articulação entre projeto e planejamento, que uma vez abandonada nos leva a destino desconhecido. Assim a desarticulação entre projeto e planejamento, para ser mais claro, se simplesmente planejamos sem ter um projeto, no âmbito escolar, faz o plano virar peça burocrática; e a disciplina, o conteúdo que era um meio, vira um fim.

1.2 O QUE É PLANEJAMENTO E POR QUE PLANEJAR?

Ilusão e utopia são alguns dos ingredientes necessários à elaboração de um projeto, onde foram aí colocadas as metas relacionadas aos valores, e reconhecemos nesta fase (do projeto) a necessidade de encontrar caminhos, trajetórias que visam a implementação das ações na busca das metas prefiguradas, constituindo, desta forma, a elaboração de parte de um processo maior que chamamos de planejamento.

Gandin, relaciona uma série de definições a respeito de planejamento, e no seu dizer são definições do “dever ser” não de que realmente acontece:

- a) Planejar é transformar a realidade numa direção escolhida.
- b) Planejar é organizar a própria ação (de grupo,sobretudo).
- c) Planejar é implantar “um processo de intervenção na realidade”
- d) Planejar é agir racionalmente.
- e) Planejar é dar certeza e precisão à própria ação (de grupo sobretudo).
- f) Planejar é explicitar os fundamentos da ação do grupo.
- g) Planejar é pôr em ação um conjunto de técnicas para racionalizar a ação.
- h) Planejar é realizar um conjunto orgânico de ações, proposto para aproximar uma realidade de um ideal.
- i) Planejar é realizar o que é importante (essencial) e, além disso, sobreviver... se isso for essencial (importante).(GANDIN,2000, p.19)

Todas essas definições estão relacionadas ao projeto e evidentemente tem alguns pontos em comum e gostaríamos de destacar dois deles que envolvem a noção de planejamento da forma que entendemos:

- a) a elaboração do planejamento é um dos aspectos do processo e que há ainda outros dois, igualmente importantes: a execução e a avaliação.
- b) Partindo de que todo autoritarismo não é conveniente, consideramos que todo planejamento deve ser participativo, também chamado de democrático.

Poderíamos pensar o planejamento como sendo uma previsão metódica de uma ou mais ações a ser desencadeada, e racionalização das mesmas e dos meios para atingir os fins. Assim concebido podemos entender o planejamento como um procedimento lógico capaz de auxiliar o desenvolvimento social e econômico.

Destacamos duas importantes finalidades do planejamento que são : a eficiência, entendida como a virtude de produzir um efeito, e nos ensina Gandin(2000) que o planejamento ajuda a alcançar a eficiência a fim de que seja bem-feito aquilo que se faz dentro dos limites previstos para aquela execução; e a eficácia, entendida como a virtude de fazer algo que realmente importa fazer, ensinando ainda o autor que a eficácia é atingida quando se escolhem, entre muitas ações possíveis, aquelas que, executadas, levam à consecução de um fim previamente estabelecido.

1.3 O PLANEJAMENTO NO PROCESSO HISTÓRICO

O processo decisório sempre exigiu das pessoas procedimentos lógicos de raciocínio quando tivessem que tomar atitudes frente a alguma dificuldade, fosse esta de qualquer natureza, e isto nos parece inerente ao ser humano. Concordando com Carvalho podemos

afirmar que “o homem começou a planejar a partir do momento em que principiou a pensar”.(CARVALHO,1978,p.14).

A crescente necessidade social, política e econômica na resolução de problemas em cada um desses âmbitos, tem exigido, cada vez mais, a introdução de critérios científicos no processo de tomada de decisões. A busca de soluções levou tanto Estado como iniciativa privada a adotarem o planejamento como uma forma racional e científica de administrar os recursos e minimizar os riscos de ação.

Todavia sabe-se que o planejamento não é prerrogativa da modernidade e que as mais remotas civilizações já planejavam, evidentemente, de uma forma diferenciada da atual. Por exemplo, os fenícios, no século XX a.C., nitidamente tinham um plano de ação e presença do processo de planejamento ao realizar o comércio entre o Oriente e o Ocidente; a construção das pirâmides do Egito demandou para os arquitetos e administradores da época complexos planos e planejamentos na administração dos recursos; as artes militares, desde tempos longínquos exigiam concepções estratégicas e múltiplos planejamentos. É certo que não proliferaram desde os tempos mais remotos os planos de desenvolvimento econômico e social, assim como entendemos hoje, orientadores da sociedade, mas foram os embriões destes.

Exemplos de planos, planejamentos, não nos faltam, sendo inúmeros e marcantes, e na análise de Carvalho :

O que se presencia no decorrer da história é um esforço sempre crescente das populações em dominarem e transformarem a natureza; em aumentarem o controle sobre as ações futuras da sociedade; em ampliarem seus instrumentos para intervirem voluntariamente sobre o processo de desenvolvimento em que se veem envolvidas como sujeito e objeto.(CARVALHO,1978,p.16).

Assim, ainda no pensamento do autor, o controle da ação futura pressupõe atividades intencionais que não apenas a previsão mas o arbítrio sobre o que fazer exigindo procedimentos racionais de comportamento. Esse comportamento racional, objetivando a ação futura, é que constitui o âmago da disciplina planejamento.

1.4 A NECESSIDADE DE PLANEJAR: ABORDAGENS DISTINTAS

Entende-se, então, o planejamento como um processo lógico que por um comportamento racional auxilia o homem na consecução de atividades voltadas para o futuro. Esse futuro, na concepção de Carvalho é um “... futuro mediato ou seja aquele que é previsto através do raciocínio, e não para o futuro apenas imediato obtido pela prática do existir predominantemente sensorial”.(CARVALHO,1978,p.16).

O estudo do processo de planejamento necessariamente nos leva a outros campos do conhecimento como a psicologia, política, história, economia, a sociologia.

As fases do processo de planejamento se sucedem e interagem sistematicamente e, em sua generalidade, são:

Conhecimento da realidade - consistindo num processo sincrético, analítico e de síntese de conhecimento da realidade em apreço.

Decisão - esta fase se refere a uma decisão política e intimamente relacionada com o objetivo final que se propõe alcançar.

Ação - é a efetivação das decisões tomadas no sentido de transformar determinada situação em apreço.

Crítica - é o conjunto de processos de acompanhamento e avaliação do desempenho das operações visando “realimentar” o processo decisório objetivando a correção de desvios ou distorções no alcance das metas estabelecidas.

Vejamos como a psicologia trata o processo de planejamento partindo da atividade humana inteligente. Entendemos que a necessidade de planejar é uma atividade inerente à atividade humana, enquanto procedimento inteligente, porém, nem sempre consciente por parte da pessoa que age.

Para atender suas necessidades básicas, o homem estabelece com a natureza e com outros homens um relacionamento que em geral gera problemas, entendido aqui como um obstáculo que se interpõe à consecução de um objetivo. Assim, ele precisa realizar um esforço complementar para suplantá-lo. E esse esforço, na concepção de Carvalho

“...é representado por ações voluntárias desenvolvidas a partir do conhecimento discursivo, isto é, da forma mais complexa do pensar que é o raciocínio, onde uma série ordenada de passos intelectuais são desenvolvidos de tal forma que o último passo depende do primeiro”.(CARVALHO,1978,p.18)

A ação humana consciente, portanto, pressupõe algum tipo de racionalidade apoiada pelo raciocínio lógico, em que cada proposição é apresentada como consequência de outra, anteriormente demonstrada. E Piaget nos ensina que “O raciocínio lógico é sempre uma demonstração”.(apud CARVALHO,1978,p.18).

Por outro lado, a própria pesquisa científica no campo da epistemologia, tem demonstrado que o processo decisório exige uma dinâmica intelectual onde a criatividade é necessária. E a criatividade é impulsionada pelo conhecimento intuitivo.

Mas, apesar do reconhecimento de que o conhecimento intuitivo influi no processo decisório, no nosso estudo vamos destacar o conhecimento discursivo, estabelecendo correlações entre suas fases e as do processo de planejamento.

Dewey, entre outros estudiosos, apresentou cinco etapas para o processo do pensamento reflexivo: atividade, problema, dados, hipóteses e comprovação. Vamos estabelecer então a correlação entre essas etapas e as fases do planejamento, tão bem analisadas por Carvalho(1978).

O homem ao enfrentar obstáculos na tentativa de conseguir alcançar seus objetivos está em ação. A atividade é o primeiro ato do ser. Nessa atividade surgem os problemas, primeiros passos do processo da inteligência proposto por Dewey. Estabelecendo o paralelo podemos dizer então que atividade, problema e dados, que são as três primeiras etapas do processo do pensamento reflexivo, proposto por Dewey, correspondem ao primeiro passo ou

fase do processo de planejamento que genericamente denominamos de conhecimento da realidade.

O estabelecimento das hipóteses proposto por Dewey corresponde no processo de planejamento à fase denominada de decisão. No pensamento reflexivo esta fase que denominamos hipótese é o período de operações onde as hipóteses de solução para os problemas são apresentadas sob a forma de objetivos e diretrizes. Genericamente, no processo de planejamento a fase que denominamos “decisão” é o período de trabalho onde decisões formais são tomadas, orientando as demais fases do processo de planejamento, até que uma revisão, fruto da práxis, estabeleça outras alternativas de ação que irão refletir em novas decisões, que se consolidarão em novos objetivos.

A última fase das operações da inteligência é denominada de comprovação por Dewey e corresponde às duas fases à ação e à crítica. Nas palavras de Carvalho “comprovação pode ser entendida como uma ação sob controle, a procura da evidência das hipóteses anteriormente definidas”, é mais do que simplesmente ação, a crítica deve estar presente.(CARVALHO,1978,p.23).

Ambas ação e crítica caminham juntas interagindo num dinâmica dialética. Comprovação é mais do que a prática, representa uma prática-crítica. Crítica designando no processo de planejamento, as atividades de acompanhamento, controle e avaliação da ação proposta. É a práxis ação-crítica que cria situações-problema novas gerando e exigindo novos conhecimentos para a solução dos problemas, reiniciando-se o processo conhecimento da realidade, decisão, ação e crítica que é permanente e intrínseco a todo comportamento humano inteligente.

E Carvalho sintetiza a correlação demonstrada anteriormente entre e a atividade humana inteligente e o planejamento assim:

Ao afirmamos que o processo de planejamento é inerente à atividade humana inteligente, desejamos ressaltar que a prática de transformar o mundo através de decisões a longo prazo, onde a capacidade eminentemente humana de prever o

futuro é aplicada até o seu mais requintado elemento, se constitui em característica peculiar ao próprio homem.(CARVALHO,1978,p.22).

E mais adiante, completa dizendo que Dewey ao propor atividade, problema, dados, hipótese e comprovação está propondo

...movimentos formais das operações de inteligência, movimentos esses que, de uma forma ou de outra, são o que constituem, em princípio, os passos ou fases do processo de planejamento. (CARVALHO,1978,p.22).

Acreditamos ser de fundamental importância para a compreensão do planejamento a tomada de consciência da inerência do processo e de sua estreita interdependência com o próprio comportamento humano.

O autor, ainda, coloca um problema de fundamental importância ao nosso estudo quando sai do âmbito do indivíduo passando para a sociedade : “A passagem desse processo lógico observado na conduta inteligente do homem enquanto indivíduo para a sua aplicação na sociedade constitui a tarefa mais difícil da prática do planejamento”. (CARVALHO,1978,p.24).

Passemos agora a verificar a necessidade de planejar do ponto de vista político e social.

No processo produtivo e nas relações sociais os indivíduos agem voluntariamente na determinação em alcançar um fim proposto, o que significa uma vontade de querer agir. Essa vontade parte dos motivos que pertencem ao mundo interior das pessoas; o processo produtivo e a tendência ao gregarismo induz ao estabelecimento dessas relações sociais.

Todavia, a autoderterminação do indivíduo não parte apenas da influência de motivos interiores, sabemos que as condições externas, produto da vida social também influenciam. As relações que se estabelecem entre os indivíduos são provenientes do pensamento reflexivo e, interagindo no grupo social, a tendência é o desempenho de funções voluntárias: a auto-determinação. E a intensidade dessas relações sociais geram forças organizacionais em todos os sentidos.

A vida coletiva se pauta numa organização e o seu crescimento tem cada vez mais apoio nesta. Isto significa que no processo decisório dos indivíduos a presença de variáveis como: interdependência, participação, direção, responsabilidade, regulação, cooperação, etc, são de grande importância para o referido equilíbrio de forças, quando há uma transformação das relações sociais. E isto “...significa, antes de mais nada na ampliação da consciência crítica para suplantar a ambigüidade: superação do individualismo para afirmar a individualidade. (CARVALHO,1978,p.29).

Com o crescer da intensidade das relações sociais a necessidade do indivíduo de auto-determinar-se e da ação voluntária se acentuam, mas ao mesmo tempo, aumenta a responsabilidade individual na tomada de decisões para se aproximar de um consenso mínimo. “A exigência de organização se multiplica”, e Carvalho acrescenta que enquanto sistema aberto a sociedade tem “...potencialidade de aumentar a ordem interna e, senão diminuir, ao menos reduzir o crescimento da entropia” assim, o esforço de organização tem como sentido primeiro reduzir a entropia, ou seja, evitar pelo processo de auto-regulação as tendências de nivelamento e desagregação. (CARVALHO,1978,p.29).

Quanto maior o grau de organização de uma sociedade maior é a probabilidade de se encontrar um consenso mínimo, ou seja a conjugação de interesses, que permita reduzir na prática os desajustes decorrentes dos conflitos da competição e desorganização na produção. Carvalho, referindo-se ao plano – que é um documento originado do planejamento – nos mostra a importância deste:

O plano, documento que expressa uma obrigação comum, vai se constituir num dos instrumentos mais eficientes para minimizar a improbabilidade da consecução dos objetivos de médio e longo prazos e ensaiará, pela tentativa de controle sobre um maior número de variáveis econômicas e sociais, reduzir a aleatoriedade dos fenômenos futuros, aproximando-os mais no campo das decisões sob certeza. (CARVALHO,1978,p.29)

Vejamos a necessidade do planejamento do ponto de vista econômico.

No novo mundo que se constituía com o capitalismo, o poder era medido pela capacidade de expansão das atividades comerciais e a tônica corrente era: crescer sempre mais que os outros. E para isso era preciso saber prever, antecipar situações, lançar novos projetos. Já se delineava, segundo Ferreira “... um certo tipo de planejamento que começava a ser uma exigência normal da atividade econômica dos riscos da época,...”.(FERREIRA,1992,p.28)

Com a industrialização houve um salto “qualitativo”. A preocupação, agora, era garantir o mais baixo nível de custos e o escoamento adequado dos produtos fabricados, sendo portanto necessário determinados controles como entrada de matérias primas, controle das máquinas, funções dos operários, comportamento de mercado; funções que até a época dos artesãos não se pensava. Toda essa preparação tinha a finalidade de produzir mais mercadorias, aumentando as vendas e permitindo aumentar o capital aplicado e conseqüentemente mais poder na luta com os concorrentes.

Esta fase do capitalismo também chamada de capitalismo concorrencial tinha como característica o livre mercado (*laissez-faire*) e as transformações econômicas deflagradas por esta revolução industrial foi a chave para a disseminação de uma nova concepção de mundo. O mercado, esse espaço de relações sociais, de compra e venda de produtos era uma grande reunião impessoal onde cada um contribuiria com o bem comum e ficaria com o quinhão da riqueza social que lhe caberia, e a realização do interesse coletivo seria a somatória dos interesses particulares. O preço das mercadorias era determinado pela relação entre a quantidade e qualidade dos bens oferecidos, por um lado, e a capacidade de comprá-los de outro.

Completando a visão desta concepção de mundo, Rodrigues nos ajuda a compreender a função do Estado, enquanto instituição social encarregada de gerar e aplicar o poder coletivo:

[...]O Estado era, pensado do ponto de vista desta concepção liberal, como a instituição que deveria garantir os contratos privados da economia e a liberdade das relações de troca, mas jamais imiscuir-se nos assuntos de mercado, sob pena de arruinar sua estabilidade natural.(RODRIGUES, 2004,p105)

As empresas foram se concentrando, como é próprio do capitalismo, e atingindo então proporções que reuniam um grande contingente de pessoas trabalhando e de alto capital aplicado, tornando a improvisação sinônimo de suicídio, afetando desta forma, na permanência da improvisação, a própria sobrevivência do sistema capitalista. Assim surge a necessidade de planejamento como atividade de grande importância dentro do sistema.

Sabemos que esta imagem, ou seja, de concepção liberal aplicada, sendo o Estado garantia dos contratos privados de economia e liberdade das relações de troca, não coincidiu com a realidade social efetivamente vivida sob a égide do capital. E uma razão dessa divergência que poderíamos associar é a rentabilidade que o capital exige, pagando dessa forma aos trabalhadores um salário baseado na oferta e na procura de mão de obra, e não no que efetivamente produziam.

Algumas empresas capitalistas, bem sucedidas, se tornaram um exemplo de organização e planejamento, mas o mesmo não se aplicava ao nível social geral. Em busca da tal rentabilidade exigida pela aplicação do capital houve alguns setores mais rentáveis que foram explorados em detrimento a outros, e assim muitas necessidades sociais efetivas foram ficando sem atenção e resposta, por serem menos rentáveis. O abandono de atividades agrícolas por causa da baixa produtividade, o aglomerado urbano caracterizado por uma mão de obra miserável, com a exploração do trabalho de menor, da mulher, o número de horas de trabalho excedendo a capacidade humana, enfim todo esse quadro acontecia ao mesmo tempo em que algumas fortunas se acumulavam.

Volta e meia as crises se sucediam dada a injustiça que se agravava, até que se pensou em resolver tal problema tratando o nível social mais geral com uma preocupação de racionalidade e planejamento, ou seja submetendo toda atividade econômica da sociedade a

um planejamento. Organizar a atividade produtiva, pensando no bem de todos, trazia uma reformulação do todo processo produtivo. Mas isto implicava em terminar com privilégios de classes que se beneficiavam com o sistema vigente, haveria cessão de poderes políticos, ou seja, a direção da sociedade àqueles que lutavam por tal tipo de mudança – a massa dos pobres.

A reformulação do processo produtivo, em síntese, significava a passagem de um tipo de economia (economia liberal) a outra (socialista). O planejamento que até então vinha sendo aceito como medida de previsão e racionalização de atividade empresarial ao se deslocar para a atividade econômica da sociedade como um todo, com essa perspectiva, ganhou, por parte da classe dominante, conotação negativa, pois feria aos seus interesses, virando sinônimo de cerceamento de liberdades.

É dessa época uma visão errônea de planejamento como verificamos em Carvalho:

Durante muito tempo, e ainda hoje, o debate sobre o planejamento sofreu influência das concepções simplistas que viam no plano a manifestação de correntes socializantes. Entretanto, os regimes políticos não se confundem com o processo de planejamento, enquanto procedimento lógico. Depois, a característica principal de uma sociedade socialista não está, como constantemente se interpreta, na obrigatoriedade da aceitação do plano, mas na apropriação coletiva dos meios de produção. O plano é um instrumento e, como tal, se personaliza em função dos regimes políticos a que serve. (CARVALHO, 1978, p.27)

Este quadro do capitalismo se desenvolveu ao longo do século XIX, e nas primeiras três décadas do século XX, culminando com a histórica crise de 1929, que se caracterizou por uma super produção de mercadorias. O mercado dito livre que deveria auto ajustar-se não o fez, acarretando o desemprego de milhões de pessoas, e alastrando a miséria e criminalidade que grassava nos Estados Unidos para o resto do mundo.

Como reação à crise dos anos 30, os governos decidiram interferir na ordem das coisas à medida que tensões começavam a ficar insustentáveis. O Estado, então, passou a controlar as “irracionalidades” do mercado, munindo-se de planejamentos. Entrava em cena,

como planejador, o próprio Estado, e com o tempo iria invadir as mais diversas áreas: a agricultura; a saúde; a educação; os transportes, etc.

Com a reconstrução da Europa e do Japão, logo após a Segunda Guerra verificou-se um novo ciclo do capitalismo, e nas décadas de 1950 e 1960, períodos de maior prosperidade em escala mundial “a força adquirida pelo movimento operário e pelos movimentos sociais ganhou forma de direitos sociais”.(RODRIGUES, 2004,p.107) Assim em alguns países da Europa, nessa época, foram estabelecidas políticas de proteção ao trabalhador, garantia de emprego , seguridade social, garantia de educação e saúde públicas gratuitas. E o Estado mais uma vez planejando e assumindo a regulação do mercado.

Entre as novas funções do Estado, podemos destacar as duas principais que são a de planejar e intervir no processo, e assim chamamos de forma de Estado Intervencionista.

Existem tres características principais na forma de Estado Intervencionista que são: acentuada intervenção estatal na economia; fortalecimento do poder de técnicos, eles se instalam no Executivo e na sua atuação agem com critérios da sua ciência. E “na medida em que a escola constitui um aparelho de Estado, o fortalecimento do poder dos técnicos se faz sentir também no sistema de ensino”(HORTA,1983,p.210); reconhecimento dos direitos sociais, o processo de inclusão da educação como um direito social da cidadania se constituiu num processo lento, ambíguo e contraditório, representado ao mesmo tempo como conquista e concessão, como direito e obrigação. Um entendimento mais amplo podemos adquirir das palavras de Horta, referindo-se à inclusão da educação como um direito social

A extensão da escolaridade à maior parte da população foi, em um primeiro momento, um ato político e uma resposta a considerações sociais mais que as exigências do próprio processo produtivo. Em um segundo momento, a ampliação das lutas populares por educação faz com que a extensão desta às classes populares seja vista como uma conquista de um direito. Mas a necessidade de um mínimo de instrução para a incorporação da força de trabalho ao processo produtivo transforma esta extensão em uma necessidade econômica, e a escolarização passa a ser uma imposição. Neste confronto, quem sai ganhando é o capital.(HORTA, 1983, p.214)

Na realidade a implantação histórica da planificação, na evolução do sistema capitalista, foi o resultado de um processo político que tem por pano de fundo o embate de

interesses de classes divergentes. Além de que o planejamento, no sistema capitalista, se revelou como um fator fundamental para sua manutenção e consolidação.

Como vimos a característica fundamental do Estado Intervencionista é a acentuada intervenção estatal na economia, porém essa função econômica articula-se com o conjunto todo, no seu papel político. Assim o planejamento, enquanto forma de intervenção do Estado, não se limita somente ao campo da economia, e deve ser visto âmbito global, incorporando também o social, no qual a educação está incluída.

1.5 PLANEJAMENTO E A SOCIOLOGIA DO CONHECIMENTO

O plano de ensino que é o objeto de nosso estudo tem suas raízes no planejamento educacional, bem como a sua elaboração busca elementos de ordem filosófica, ética e pedagógica neste último. Passaremos, então, a analisar alguns aspectos do planejamento educacional visando entender os procedimentos de elaboração do próprio plano de ensino. Utilizaremos a definição elaborada por Horta para o entendimento do conceito de planejamento educacional:

O planejamento educacional constitui uma forma específica de intervenção do Estado em educação, que se relaciona, de diferentes maneiras, historicamente condicionadas, com outras formas de intervenção do Estado em educação (legislação e educação pública) visando a implantação de uma determinada política educacional do Estado, estabelecida com a finalidade de levar o sistema educacional a cumprir as funções que lhe são atribuídas enquanto instrumento deste mesmo Estado.(HORTA,1983, p.195)

Verificaremos possíveis relações de complementaridade entre sociologia do conhecimento e teoria do planejamento, indicando a necessidade de se planejar no campo educacional.

Karl Mannheim (1893-1947) eminente sociólogo moderno trouxe rica contribuição à sociologia, em particular à sociologia da educação. Afirmava que os problemas educacionais

tinham raízes histórico-sociais e com seu desvelamento se propunha a intervenção racional e humanística através de planejamento visando sobretudo a reconstrução social. E já na década de 60, Foracchi complementava: “Se considerarmos o papel marcante que a educação, conjugada com outras técnicas sociais, poderá desempenhar na superação dos problemas sociais do presente, sentiremos a urgência e a necessidade de reformulação objetiva dos temas educacionais”.(FORACCHI, 1960,p.10).

Todo e qualquer método de influenciar o comportamento humano de maneira que este se enquadre nos padrões vigentes da interação e organização social, seguindo a conceituação de Mannheim, chamamos de técnica social

Essa relação entre sociologia do conhecimento e o planejamento democrático, nos escritos de Mannheim, não é totalmente clara, mas vamos procurar desvendá-la pela compreensão do desenvolvimento e implicações da idéia de intervenção racional no processo social, que foi o problema central de sua obra.

A sociologia do conhecimento, enquanto teoria, procura analisar a relação entre conhecimento e existência e, enquanto pesquisa histórico sociológica, busca compreender nessas relações o desenvolvimento intelectual da humanidade.

A definição da posição do ser humano, na ordem existencial, levava-o a explicar o seu pensamento, talvez, por uma questão de ajustamento ao seus semelhantes. No entanto, apesar da imersão deste ser no seu grupo histórico-social e de sua percepção da realidade as explicações eram de natureza extremamente variáveis, mas continham uma elaboração intelectual assegurando unidade, coerência e a validade dessas explicações. Mas os fatores histórico-sociais ou existenciais, não eram explicitados, por serem considerados irrelevantes, decorrentes das situações de existência ou de convivência serem sentidos e vividos como tais.

Contudo, pessoas de ação começaram a elaborar métodos que lhes permitiam perscrutar experimental e intelectualmente o mundo em que viviam. Esses métodos, fugindo as regras de análise até então aplicadas eram considerados não exatos.

Em tempos modernos, sabemos que, pelo seu dinamismo, vários fatos sociais dependem de interpretação mais precisa, diferentemente do que sucedia em sociedades que nos precederam, daí a importância do conhecimento social crescer proporcionalmente com a necessidade de intervenção reguladora no processo social. Tais métodos, considerados pré-científicos, constituem-se de modos de pensamento complexos, dificilmente dissociáveis das raízes psicológicas dos impulsos emocionais e vitais a eles subjacentes e da situação em que teve sua origem e que procura solucionar.

Assim chegamos a tese principal da sociologia do conhecimento ao afirmar que “existem modos de pensamento que não podem ser compreendidos adequadamente enquanto se mantiverem obscuras suas origens sociais”.(MANNHEIM,1972,p.30) E cabe acrescentar que a sociologia do pensamento não parte do indivíduo isolado e de seu pensamento, tentando alcançar a abstração do “pensamento em si”, mas procura compreender o pensamento “dentro de uma moldura concreta de uma situação histórico-social, de que o pensamento individualmente diferenciado emerge mui gradualmente”(FORACCHI,1982,p.98).

Concluimos que a investigação sobre o pensamento recai, não em indivíduos isolados, mas em homens agrupados que elaboram um estilo peculiar de pensamento devido a uma “série interminável de reações a certas situações típicas, características de sua posição comum”(FORACCHI,1982,p.98).

Temos como fato intuitivo na sociologia do conhecimento que o processo pelo qual se tornam conscientes as motivações coletivas inconscientes não acontecem em qualquer tempo, mas em situações bem específicas, como por exemplo em épocas em que a discordância predomina sobre a concordância. Aí as pessoas se voltam da observação direta das coisas para

o seu próprio pensamento e a consideração de modos de pensar. Daí a inevitável conscientização do fato de que o mesmo mundo pode se mostrar de forma diferente a observadores diferentes.

Existe um outro fator social que é também condicionante do pensamento que são grupos sociais cuja tarefa específica consiste em dotar a sociedade de uma interpretação de mundo. Chamamos tais grupos de *intelligentsia*. Esses grupos tendem a ser uma casta quanto mais estática for a sociedade. Assim, por exemplo, foi o clero medieval que se caracterizou como um estrato intelectual, gozando de um controle total sobre a formação da visão de mundo da sociedade da época.

Em época moderna, o monopólio da interpretação eclesiástica do mundo foi quebrado tendo surgido em seu lugar um estrato de intelectuais, uma *intelligentsia* livre, não mais constituindo-se numa casta. A visão de mundo até então aceita foi destruída com o esfacelamento do monopólio intelectual mantido pelo clero. “Com a liberação dos intelectuais da rigorosa organização da igreja, foram sendo cada vez mais reconhecidas outras formas de interpretar o mundo”.(MANNHEIM,1972,p.40).

Foracchi sintetiza os fatos anteriores afirmando “o processo de racionalização desenvolveu-se juntamente com o processo de secularização da cultura e ambos constituem uma das principais, senão a principal, característica da cultura moderna, cujo traço marcante é o domínio das técnicas de vida racional”.(FORACCHI,1960,p.13).

Essa nova interpretação do mundo, com a perda do vínculo religioso, teve que encontrar seu próprio caminho que agora deveria ser preciso e objetivo, o que vale dizer então científico. Abrindo dessa forma uma série de possibilidades, além da revisão crítica das formulações tradicionais na base de um critério pragmático de verificação, a outra possibilidade seria a de controle dos elementos “irracionais” da vida social, mediante o conhecimento objetivo dos mesmos.

Segundo Mannheim todo processo social pode ser dividido em duas esferas: uma esfera “racionalizada”, que consiste em procedimentos estabelecidos e rotinizados (estereotipados) para lidar com situações que se repetem de uma maneira ordenada; e uma esfera “irracional” que a circunscreve. E com suas palavras “Estamos portanto distinguindo entre estrutura ‘racionalizada’ da sociedade e matriz ‘irracional’, e continuando afirma que “a característica básica da cultura moderna é a tendência a absorver o máximo possível da esfera do racional, e reduzir o elemento ‘irracional’ à insignificância”.(MANNHEIM, 1972,p.139).

A premência de questões práticas a exigir soluções científicas, nesse processo de ajustamento a uma sociedade urbana e industrial, permitiu entender a esta perspectiva sociológica como “uma modalidade inédita de controle à proporção que explicita e torna conscientes os fatores irracionais da vida social”.(FORACCHI, 1960,p.13).

Os homens vivendo em grupos não se limitam a coexistir fisicamente como unidades distintas, e ao contemplar o mundo mesmo nos níveis abstratos, não o fazem exclusivamente como seres solitários. “Agem com ou contra os outros, em grupos diversamente organizados e enquanto agem, pensam com ou contra os outros” . E continuando, Mannheim se expressa “A direção dessa vontade da atividade coletiva de transformar ou manter é que produz o fio orientador para a emergência de seus problemas, seus conceitos e suas formas de pensamento”. Essa transformação a que se refere é transformar o mundo da natureza e da sociedade a sua volta, ou simplesmente mantê-lo na mesma situação.(MANNHEIM,1972, p.32)

A possibilidade de compreender objetivamente os processos sociais, levando em conta os elementos irracionais da vida social para serem discutidos na esfera racional , significando então, serem suscetíveis de controle, e o não apartar o modo de pensamento concreto existente no contexto da ação coletiva, levou Mannheim a afirmar:

[...] talvez seja precisamente quando essa oculta vinculação do pensamento à existência do grupo e suas raízes na ação se tornam visíveis, que pela primeira vez se possa, mediante o reconhecimento dessas conexões, atingir uma nova espécie de

controle sobre fatores, até então incontroláveis, do pensamento.(MANNHEIM,1972, p.32)

A relação entre pensamento e a existência do grupo, sendo desvelada na ação do sujeito, não teve Mannheim como pioneiro a evidenciar e sim devemos essa elaboração básica a Marx, expressa várias vezes através da conhecida afirmação: “não é a consciência dos homens que determina a realidade social: ao contrário, é a realidade social que determina a sua consciência”; esta frase potencializa a idéia da vinculação dialética da ação humana ao processo do conhecimento e induz à intervenção na conjuntura histórico –social.

Com relação a ação, Foracchi sintetiza “parece-nos significar que a ação humana só pode ser dita *livre* na medida que se orienta por um conhecimento *real* e portanto *total* das suas condições de existência”. Os problemas, cuja solução desafia a capacidade de intervenção do indivíduo, ao se tornarem conscientes, por um conhecimento dessa natureza serão mais facilmente manipulados. E mais adiante acrescenta: “Como vemos, ação e conhecimento não são polos antitéticos de um mesmo processo mas etapas concomitantes e integradas do mesmo que objetivam as possíveis formas de intervenção” (FORACCHI,1960,p.15).

Mannheim afirmava que “o caráter fragmentário de todo conhecimento é reconhecível claramente”. Na sociologia do conhecimento todo pensamento é parcial, pois este pertence a um indivíduo que tem uma determinada posição social e como tal o seu conhecimento é parcial, da classe a que pertence, portanto incompleto. E vimos ser o conhecimento real ou total condição para uma ação modificadora. Diante um problema social, como superar estes limites? Propunha, então, uma solução objetiva a estas questões que era a síntese das perspectivas (pontos de vista). Consistia tal método na integração de muitos pontos de vista complementares num todo compreensivo, equivalendo, no final, a um contexto intelectual mais amplo, chegando-se ao “ideal” para a ação modificadora.

Ainda se referindo ao método de conhecimento, Mannheim propunha a camada intelectual como agente de efetivação da síntese das perspectivas. E a integração destas perspectivas se realizando não no nível dos resultados ou do conteúdo do pensamento mas sim na apreensão intelectual do problema.

A escolha dos intelectuais como elementos ativos na síntese das perspectivas atuando em planos interdependentes - ações e idéias, se funda na convicção de que estes não constituem uma classe, e sim uma agregado intersticial, tendo como característica fundamental a propriedade de encarar sob diferentes aspectos um mesmo problema.

Neste momento, uma inquietação nos ocorre, tentando descobrir em que medida, de fato, a síntese das perspectivas é um recurso de superação de problemas surgidos no fluxo da vida social. Uma explicação que nos parece convincente vem de Marialice Foracchi :

É certo que, tendo sido a síntese uma solução apontada pelo diagnóstico objetivo da situação será também um recurso para resolvê-la. Existe , portanto, uma incontestável adequação empírica entre a situação definida e a solução proposta porque esta expressa os elementos da realidade daquela.(FORACCHI,1960,p.18)

Com base na convicção de que a síntese das perspectivas induz a tendência de transformação do presente é que Mannheim propõe o planejamento como uma forma de intervenção racional. Essa síntese não tem nenhum comprometimento ideológico mas tem um significado de posicionamento ativo fundamentado num conhecimento de natureza positiva. Essa posição franqueada pela síntese é radical na medida em que contém, como posição extremada, as tendências de intervenção regulamentadora.

Apesar da posição radical evidenciada pelas tendências políticas extremas ou revolucionárias, estas são neutralizadas pela perspectiva científica que as integra. E segundo Marialice Foracchi, “de modo geral, a neutralização do impulso à ação compromete o curso da mesma”. Esta afirmação é complementada por outra : “a convicção de que dispomos de maiores recursos intelectuais para o conhecimento objetivo e crítico de uma situação do que motivações definidas para agir com coerência e racionalidade”(FORACCHI,1960,p.20).

Esse hiato entre conhecimento e ação parece ser crucial nos seus trabalhos, e provavelmente foram estas preocupações que conduziram Mannheim a se dedicar com tanto empenho na construção teórica do planejamento democrático.

1.6 ANÁLISE SOCIOLÓGICA DO PLANEJAMENTO

Podemos apreender o planejamento sob vários aspectos complementares na sociologia do conhecimento proposta por Mannheim.

A primeira dimensão seria enquanto tipo de pensamento. Podemos compreendê-lo como uma nova etapa na evolução do pensamento humano, por considerar a configuração histórico social do presente e compreensão racional do mesmo. Foracchi salienta outro importante aspecto de que o pensamento planejado “não decorre da consideração de planos isolados da realidade social mas incide sobre as conexões interdependentes da mesma, possibilitando, pois, uma consciência real e total do processo histórico social”. E acrescenta mais adiante que o pensamento planejado significa “uma nova capacidade intelectual totalizadora para explicar situações não regulamentadas que perturbam o equilíbrio social”.(FORACCHI, 1960,p.24)

Entendemos por processo social como uma tendência que se manifesta de modo mais ou menos constante nas relações sociais. Outra dimensão possível é entender o planejamento como processo social, entendendo dessa forma, tem duplo aspecto, de ação preservadora na medida em que contribui para assegurar a continuidade do sistema social; de ação inovadora na medida em que interfere racionalmente e elimina os efeitos desintegradores de outros processos sociais.

Outra dimensão que podemos apreender do planejamento é a de técnica social. Podemos entender o planejamento como coordenação racional de diferentes técnicas sociais.

Então, a intervenção pragmática nos problemas do presente, fundamentada pela explicação racional do mesmo, e projetada no futuro considerado como meta final da ação transformadora, nos permite visualizar o duplo aspecto do planejamento: de técnica social e de processo social.

O planejamento não se constitui num recurso artificial, mas um dado objetivo da situação, e sobretudo oferece uma possibilidade de controle à intervenção humana. Mannheim demonstrou, no campo político, que a forma de intervenção das forças sociais não deveria ser de acordo com o pensamento liberal, nem de acordo com pensamentos totalitários, fossem eles de esquerda ou de direita, apontando, para uma terceira via, a democrática. Afirmava ele, que a via democrática daria continuidade a um aspecto precioso da tradição cultural, que seria o respeito à personalidade humana e às decisões coletivas. E que planejar democraticamente se identificava com integração, querendo dizer “interdependência ordenada e continuidade das instituições humanas: cooperação, objetivos comuns e mútua compreensão ao invés de isolamento, frustração e egoísmo”.(Mannheim, sem data ,p.236).

O planejamento democrático enquanto processo é decorrente da configuração histórico social sendo o elemento dinâmico da preservação da ordem social e enquanto técnica social é enriquecedor da tradição cultural por incorporar novos valores individuais e coletivos, por meio da ação modificadora da estrutura do sistema e da personalidade individual.

No planejamento democrático o homem é revalorizado, e “recupera sua real dimensão no processo histórico social” e, as instituições são redescobertas, “revistas e reintegradas para exercer, com moderação, suas funções regulamentadoras”.(FORACCHI, 1960, p.29)

2 PLANOS

2.1 O Plano Educacional

O planejamento pode ser entendido como um processo sistemático e intencional, sendo um conjunto de subprocessos interdependentes que visam um objetivo definido. Pode ser entendido como “uma previsão metódica de uma ação a ser desencadeada e a racionalização dos meios para atingir os fins.(TURRA,1992,p.13) Por conter uma previsão de ações não deve ser considerado pronto, definitivo e imutável, devendo desta forma ser passível de replanejamentos.

O planejamento é um sistema aberto, que como tal se caracteriza por ter, genericamente, a capacidade de se relacionar com outros sistemas, de influenciar ou sofrer influências.

Adotaremos que plano é o registro deste planejamento, ou seja é um documento. Assim como nos projetos existem níveis, também nos planejamentos podemos fazer essa associação. Desta forma o planejamento escolar, a nível institucional, se sub-divide em três modalidades articuladas, como vimos: plano da escola, que como documento final deve ser um produto do trabalho coletivo e consensual envolvendo o corpo docente; plano de ensino e plano de aula, estes dois últimos com características de elaboração individual, por parte dos professores.

Como vimos o planejamento escolar estabelece as ligações da escola com o sistema escolar mais amplo, e esta aspiração por parte dos educadores brasileiros não é recente, como nos relata Azanha:

A solução dos problemas educacionais brasileiros tem como requisito essencial a elaboração e a execução de um plano de educação que articule as ações educacionais de todos os níveis.(AZANHA,1995,p.7)

Esta afirmação de Azanha foi incorporada à Constituição Federal de 1988 e de acordo com seu entendimento é uma sedimentação de idéias que teve sua origem nas

preocupações dos educadores brasileiros desde 1932, quando da ocasião do lançamento de “O manifesto do Pioneiros da Educação Nova”. Este documento foi apresentado como exigência social, política e científica, e sobre o assunto dizia Fernando de Azevedo:

“todos os nossos esforços, sem unidade de plano e sem espírito de continuidade, não lograram ainda criar um systema de organização escolar, à altura das necessidades do paiz. Tudo fragmentário e desarticulado. (...) a causa principal desse estado antes de inorganização do que desorganização do aparelho escolar, é na falta, em quasi todos os planos e iniciativas, de determinação dos fins da educação (aspecto philosophico e social) e da aplicação (aspecto technico) dos methodos scientificos aos problemas da educação”. (apud AZANHA,1995,p.6)

Para o êxito do planejamento educacional suposto haviam dois aspectos a considerar: a continuidade e o eventual rodízio dos quadros governamentais. Uma solução, no caso da continuidade seria conferir ao plano de educação a força de lei que estabelecesse prazo mínimo de execução. Assim pensado, corria-se o risco de dar rigidez ao plano de educação em vez de estabilidade e continuidade que se queria. Nessas condições, um plano fixado por lei poderia ressentir-se da flexibilidade que é característica de uma ação que se pretendia racionalizada. E no caso dos quadros governamentais ascendentes poderiam encontrar embaraços legais a sua atuação numa área social da importância da educação pública.

Essas considerações levavam a um impasse de que a própria idéia de plano de educação seria incompatível com seu estabelecimento por meio de leis. E afirmava Azanha, “Mas, na verdade, esse impasse só seria real se nos ativermos a concepções estreitas, tanto de plano de educação como também de lei, isto é, se em ambos os casos houver a predominância imobilizante dos pormenores”.(AZANHA,1995,p.8).

E o próprio autor considerava a solução como:

[...] pode-se conceber o plano como um desdobramento, no nível das ações, de um conjunto de princípios e metas prioritárias, que constituiriam a política de educação adotada como integradora da atuação governamental. Nesses termos, o próprio plano, embora estabelecido por lei, seria apenas uma ampla especificação das múltiplas e possíveis ações recomendáveis dos diversos níveis do sistema escolar. (AZANHA,1995,p.9)

Almeida Jr. foi o relator da comissão que elaborou o primeiro anteprojeto de Lei n. 4024/61, na ocasião já tinha uma idéia clara quanto à expressão “diretrizes e bases”, que decorria do texto constitucional, e assim na ocasião esclarecia:

O primeiro é o valor gramatical da própria expressão. “Diretriz” é linha de orientação, norma de conduta. “Base” é superfície de apoio, fundamento. Aquela indica a direção geral a seguir, não as minudências do caminho. Esta significa alicerce do edifício que sobre o alicerce será construído. Assim entendidos os termos da lei, Lei de Diretrizes e Bases conterá não só preceitos genéricos e fundamentais. (apud AZANHA,1995,p.11)

Azanha conclui que o “...caráter geral que a lei deve ter, sem descer a minúcias que, por mais justificáveis que sejam, sempre representarão restrições ou aos sistemas ou às próprias instituições escolares”.(AZANHA,1995,p.11).

2.2 O PLANO ESCOLAR

O planejamento escolar é um meio de se programar as ações docentes, estabelecendo as linhas básicas de direção e realização do ensino. Para isso aqueles que planejam precisam do conhecimento interno e externo da dinâmica do processo de ensino e aprendizagem. Desta forma , o plano escolar, serve como um guia de orientação não cabendo a ele rigidez nem absolutismo pois o processo de ensino está sempre em movimento.

O trabalho docente tem como centro a aprendizagem do aluno e entende-se que tenha que ser uma atividade consciente e sistemática. Embora a aula seja considerada uma forma básica da organização do ensino, a complexidade do trabalho docente não se restringe a sala de aula, é dessa forma diretamente ligado as exigências sociais e a vivência dos alunos.

Segundo Libâneo o planejamento é: “um processo de racionalização, organização e coordenação da ação docente, articulando a atividade escolar e a problemática do contexto social”.(LIBÂNEO,2004,p.222).

O planejamento escolar é uma atividade de reflexão acerca das opções e ações docentes, e como o ambiente escolar na dinâmica das relações sociais sofre influências políticas, econômicas e culturais, subentende-se que os elementos do planejamento escolar – objetivos, conteúdos, métodos – estejam carregados de implicações sociais, na ausência do mesmo estaremos subjugados pelos interesses da sociedade.

Então o ato de planejar não se reduz a simples preenchimento de formulários, e sim:

[...] é, antes a atividade consciente de previsão das ações docentes, fundamentadas em opções político-pedagógicas, e tendo como referência permanente as situações didáticas concretas (isto é, a problemática social, econômica, política e cultural que envolve a escola, os professores, os alunos, os pais, a comunidade, que interagem no processo de ensino). (LIBÂNEO, 2004, p.222)

Por outro lado, o planejamento por si só não assegura o andamento do processo de ensino, pois sua direção e coordenação depende também de outros profissionais do ensino. É importante que a cada etapa do processo o professor vá registrando suas experiências nos planos de ensino e plano de aulas, assim sua prática ficará registrada.

As funções do planejamento escolar, segundo Libâneo são:

- a) Explicitar princípios, diretrizes e procedimentos do trabalho docente que assegurem a articulação entre as tarefas da escola e as exigências do contexto social e do processo de participação democrática.
- b) Expressar os vínculos entre o posicionamento filosófico, político-pedagógico e profissional e as ações efetivas que o professor irá realizar na sala de aula, através de objetivos, conteúdos, métodos e formas organizativas do ensino.
- c) Assegurar a racionalização, organização e coordenação do trabalho docente, de modo que a previsão das ações docentes possibilite ao professor a realização de um ensino de qualidade e evite a improvisação e a rotina.
- d) Prever objetivos, conteúdos e métodos a partir da consideração das exigências postas pela realidade social, do nível de preparo e das condições sócio-culturais e individuais dos alunos.
- e) Assegurar a unidade e a coerência do trabalho docente, uma vez que torna possível inter-relacionar, num plano, os elementos que compõem o processo de ensino: os objetivos (para que ensinar), os conteúdos (o que ensinar), os alunos e suas possibilidades (a quem ensinar), os métodos e técnicas (como ensinar) e a avaliação, que está intimamente relacionada aos demais.
- f) Atualizar o conteúdo do plano sempre que é revisto, aperfeiçoando-o em relação aos progressos feitos no campo de conhecimentos, adequando-o às condições de aprendizagem dos alunos, aos métodos, técnicas e recursos de ensino que vão sendo incorporados na experiência cotidiana.
- g) Facilitar a preparação das aulas: selecionar o material didático em tempo hábil, saber que tarefas professor e alunos devem executar, replanejar o trabalho frente a novas situações que aparecem no decorrer das aulas. (LIBÂNEO, 2004, p.223).

O plano deve ter uma ordem que se caracterize como sendo lógica e desta forma provavelmente será seqüencial. Deve ser objetivo e com isso entendemos que as previsões devem ser feitas dentro das possibilidades humanas e materiais da escola e nas possibilidades dos alunos. E isso só acontece se tivermos conhecimento das limitações da realidade. Os componentes do plano, que são os objetivos gerais, objetivos específicos, conteúdos, métodos e avaliação, também devem vir relacionados de forma coerente, ou seja deve existir uma ligação lógica entre os mesmos. Por coerência entendemos a relação que deve existir entre as idéias e a prática. Devem ser possíveis adaptações que o plano possa sofrer em função de que a realidade se encontra sempre em movimento, uma vez que a relação pedagógica está sempre condicionada a condições concretas. Chamamos a isso de flexibilidade.

O planejamento escolar é uma atividade, um processo de previsão de situações e ações docentes e discentes, envolvendo a escola como um todo, no sentido de alcançar resultados satisfatórios em relação ao ensino e aprendizagem. Na sua elaboração cabe a seguinte pergunta: quais são os requisitos que devemos levar em conta para que o planejamento escolar (plano da escola, plano de ensino e plano de aula) seja “de fato um instrumento de trabalho para intervenção e transformação da realidade”. Esses requisitos são: objetivos e tarefas da escola; relação com os planos; condições prévias dos alunos para aprendizagem, vejamos cada um deles:

Objetivos e tarefas da escola

A escola deve promover o desenvolvimento cultural de seus alunos, é nessa perspectiva que se estabelece o primeiro objetivo. Assim, entre outros, os objetivos específicos como transmissão de conhecimentos científicos e o desenvolvimento de capacidades intelectuais, devem ser observados, para se preparar o educando para a vida social.

Assim, com relação a tarefa da escola, se expressa Libâneo:

Ao planejarem o processo de ensino, a escola e os professores devem, pois, ter clareza de como o trabalho docente pode prestar um efetivo serviço à população e saber que conteúdos respondem às exigências profissionais, políticas e culturais postas por uma sociedade que ainda não alcançou a democracia plena. (LIBÂNEO, 2004, p. 227)

Planos

Os planos oficiais de ensino devem servir de diretrizes gerais para a escola e os professores na elaboração de seus planos didáticos específicos, cabendo a eles reavaliarem os mesmos em função da realidade local, assegurando dessa forma liberdade e autonomia aos professores.

Condições prévias para a aprendizagem

É sem dúvida nenhuma a constatação da realidade, por parte do professor, que servirá como ponto de apoio pedagógico para futuras ações que envolvem o trabalho docente. Essa realidade envolve o conhecimento dos alunos no que se refere às suas experiências, habilidades, hábitos de estudo, nível de desenvolvimento e conhecimentos anteriores. Só assim o professor irá escolher dentre os conteúdos aquele de maior utilidade para o confronto por parte dos alunos, dos conhecimentos trazidos com os do conteúdo escolhido.

Na esfera educacional existem vários níveis de planejamento, que estão imbricados, da seguinte forma: um determinado nível particulariza os aspectos apontados no nível antecedente, especificando dessa forma com mais precisão os fatos da ação educativa.

Começando pelo nível mais abrangente, tratado neste capítulo, temos o plano da escola, que liga a escola com o sistema escolar mais amplo e faz a ligação do projeto pedagógico da escola com os planos de ensino.

Depois temos o plano de ensino ou plano de unidades que é um documento que consta os objetivos e tarefas do trabalho docente para um determinado período, seja um semestre ou um ano, e nesse documento, que dividido em unidades sequenciais, aparecem: justificativa e

objetivos gerais, seleção e organização dos conteúdos, objetivos específicos, seleção e organização dos procedimentos de ensino, seleção dos recursos e seleção dos procedimentos de avaliação, todos esses aspectos abordados têm uma maior precisão em relação ao plano da escola, que o antecede e deve manter uma coerência com os objetivos almejados ali.

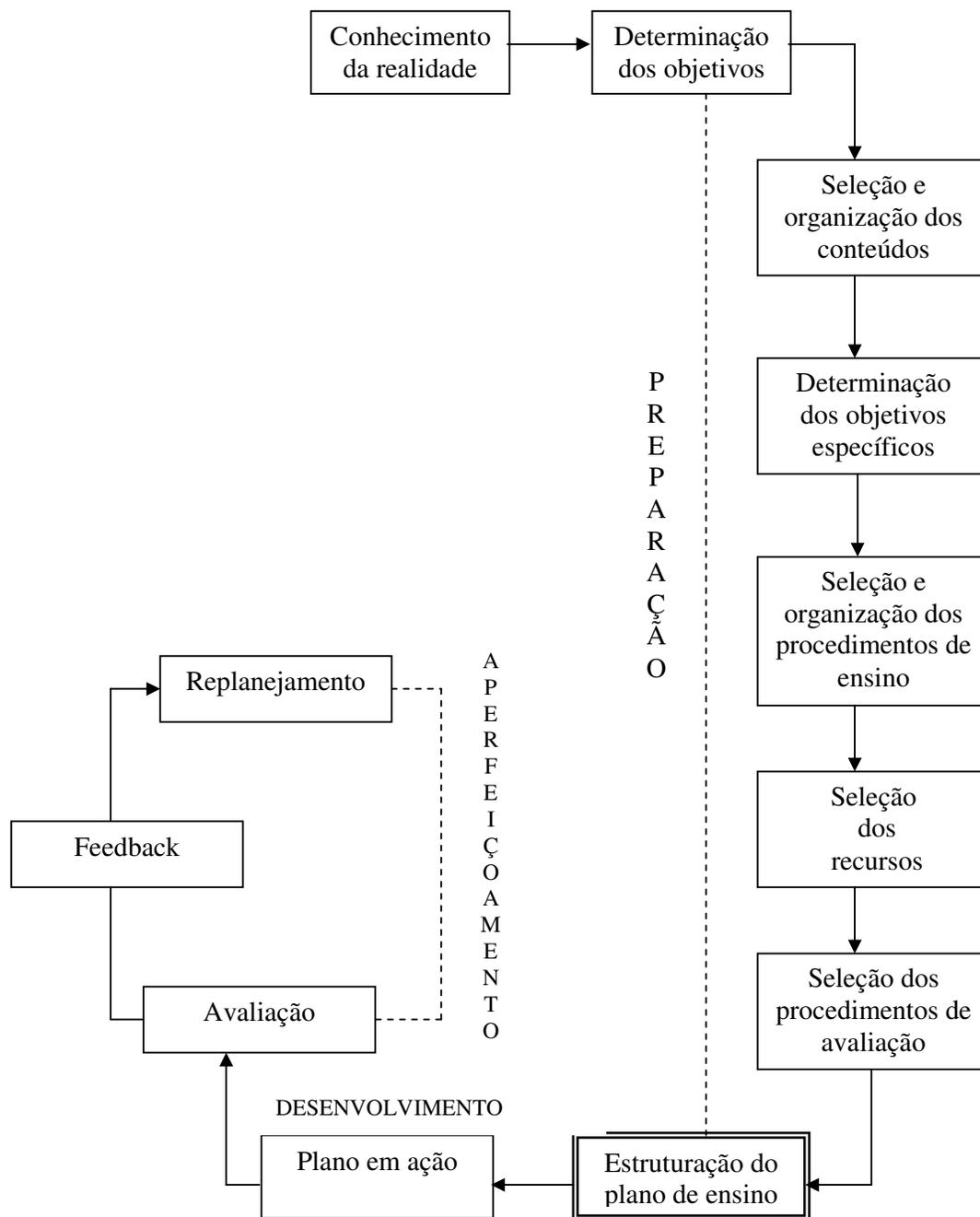
Por fim temos o plano de aula, que é um documento muito mais específico que os anteriores cabendo a previsão do desenvolvimento do conteúdo para uma aula ou um conjunto de aulas.

Nestes níveis apontados deve, segundo Turra, se evidenciar um relacionamento e uma coerência assim vistas: “ A linha de relacionamento se evidencia , então, através de escalões de complexidade decrescente, exigindo sempre um alto grau de coerência e subordinação na determinação dos objetivos almejados”.(TURRA, 1992,p.21).

2.3 O PLANO DE ENSINO

Podemos dizer que basicamente o plano de ensino tem três fases, que são: a preparação, onde são previstos os passos que caracterizam a sistematização; o desenvolvimento propriamente dito, onde se observa a ação docente e discente e a fase de aperfeiçoamento que envolve a avaliação e determinação do alcance dos objetivos.

Para uma melhor visualização do planejamento podemos nos utilizar de um fluxograma adaptado do livro “Planejamento de Ensino e Avaliação” de Clódia Maria Godoy Turra et al.



Vamos descrever cada uma dessas fases:

Conhecimento da realidade

A primeira caracterização da realidade deve ser feita no plano da escola, onde aí se deve tentar entender o contexto em que está inserida, bem como desse contexto extrair aspectos que incidem no processo do ensino e aprendizagem. Além disso deve-se tentar caracterizar a condição socio-cultural dos alunos, investigando a origem social e condições materiais de vida bem como os aspectos culturais, como por exemplo, concepção de mundo, motivações e expectativas de vida.

Caso esta caracterização tenha sido feita no âmbito do plano da escola, o professor poderá se valer dela e deverá tentar uma especificação maior desses aspectos, em contrário deverá o professor fazê-la, pois este conhecimento se constitui num pré requisito para o planejamento de ensino. Esta tarefa envolve o conhecimento do aluno; do meio e do professor.

Ao professor cabe então, a tarefa de considerar as reais possibilidades do seu grupo de alunos; a realidade de cada aluno em particular; os pontos de referência comuns ao ambiente escolar e ambiente comunitário e suas próprias condições enquanto pessoa e profissional. Feita esta sondagem o professor deve relacionar os dados para uma definição da situação; encontrar algumas respostas a problemas sentidos; apreciar objetivamente forças atuantes e verificar tendências de evolução, realizando desta forma um diagnóstico.

Justificativa da disciplina e determinação dos objetivos gerais

Na tentativa de se responder qual a importância e o papel da disciplina (matéria) no desenvolvimento das capacidades e habilidades dos alunos, se estabelece a justificativa da disciplina. Ao escrever a justificativa o professor traça a orientação geral de seu plano explicitando: a importância e o papel da disciplina no âmbito do plano da escola (para quê serve a disciplina); o que se espera que o aluno assimile após o estudo da disciplina (o por quê, objetivos gerais) e as diferentes formas de atingir esses objetivos, levando em consideração o método próprio de cada disciplina (o como).

Seleção e organização dos conteúdos

Estabelecidos os objetivos gerais o próximo passo é a determinação dos conteúdos. Levando em conta o nível de evolução do aluno, os interesses e necessidades da comunidade, fatos estes provavelmente conhecidos quando do início do trabalho o que chamamos de “conhecimento da realidade”, que por sua vez devem estar implícitos na determinação dos objetivos. Nessa fase cabe ao professor uma importância muito grande no selecionar conteúdos, que devem ser entendidos como bens culturais transformados em bens pedagogicamente adaptados e capazes de estimular o aluno.

Cabe agora organizar os conteúdos, segundo temas inter-relacionados, gerando o que podemos chamar de unidade didática. Cada unidade didática contém então um tema do programa, que em seguida é dividido em tópicos segundo critérios de encadeamento e hierarquia de conteúdos.

Os objetivos específicos

Uma vez estabelecidos os conteúdos deverão ser fixados, em seguida, os objetivos específicos, que nada mais são do que os resultados esperados dos alunos em termos de conhecimentos (conceitos , fatos, teorias) e habilidades (formular hipóteses, observar, organizar seu estudo).

Determinados objetivos em relação a atitudes e valores podem e devem ser colocados como objetivos específicos, no entanto, o professor deve entender que tais objetivos não são alcançados de imediato e sobretudo que sua comprovação não pode ser constatada objetivamente e que algumas se dão com a cooperação dos demais professores.

Enfim, a formulação de objetivos é, basicamente, descrição de conhecimentos a serem assimilados, habilidades e atitudes a serem desenvolvidos no término do estudo de cada conteúdo ou unidade didática, expressos em termos do desempenho esperado do aluno, observável e sempre que possível mensurável.

Seleção e organização dos procedimentos

A função deste componente do plano de ensino é articular objetivos e conteúdos com métodos que instiguem as atividades (mental e prática) dos alunos. Assim , segundo Turra, temos

Os procedimentos de ensino são ações, processos ou comportamentos planejados pelo professor para colocar o aluno em contato direto com coisas, fatos ou fenômenos que lhe possibilitem modificar sua conduta, em função dos objetivos previstos.(TURRA, 1992, p.36)

Podemos classificar os procedimentos de ensino em duas partes: a primeira, chamada de *procedimentos de ensino gerais*, que representam ações do professor orientando e

controlando as situações de ensino favoráveis à aprendizagem e a segunda, chamada de *procedimentos de ensino especiais ou desenvolvimento metodológico*, que são ações do professor que se referem a formas particulares de organização de ensino, que visam fundamentalmente à atividade do aluno. Nesta última classificação na seleção e organização dos procedimentos de ensino o professor ao prever experiências de aprendizagem deve instigar, incitar, provocar, estimular a atividade (mental e prática) do aluno.

Podemos então afirmar que “a adequada seleção e organização de atividades ou experiências de aprendizagem contribuirá para que o aluno, ao executá-las, seja capaz de alcançar o comportamento final que dele se espera”.(TURRA, 1992, p.37)

Esses procedimentos de ensino são selecionados e organizados então com base no conhecimento que o professor tem dos conteúdos, da natureza da aprendizagem e estágios de desenvolvimento dos alunos, para atingir os objetivos fixados.

Seleção de recursos

Os recursos nada mais são do que instrumentos que compõem o ambiente de aprendizagem para servir de estímulo ao aluno. Eles são importantes em vários aspectos: focalizando o interesse e concentração do aluno; integram os conhecimentos; fornecendo informações complementares; estimulam a imaginação , entre outros.

Numa tentativa de classificação incompleta, temos que os recursos podem ser de ordem material e humana. Cabe aqui salientar que, muito embora se dê demasiada atenção aos recursos materiais, e que frente a uma mesma situação os alunos reagem de formas diferentes, reforçando a necessidade de se trabalhar por parte do professor os aspectos afetivos, substrato necessário para aprendizagem.

Seleção de procedimentos de avaliação

A avaliação é uma atividade didática que estabelece a comparação a partir de resultados de trabalhos conjuntos dos professores e alunos com os objetivos propostos. Vimos que os objetivos são estabelecidos ao longo do processo de ensino e aprendizagem e registrados no plano escolar. A avaliação constata dificuldades, avanços e reorienta o trabalho tanto do professor como do aluno.

Podemos apontar duas fases iniciais no processo de avaliação: a verificação e a avaliação qualitativa. A verificação ocorre em algumas etapas do processo de trabalho em que professores e alunos estão empenhados em atingir os objetivos, e em seguida estes dados coletados na verificação são submetidos a uma apreciação qualitativa.

Podemos então dizer que a verificação é uma das tarefas do processo de ensino que trata da coleta de dados sobre o aproveitamento dos alunos. A qualificação é a comprovação dos resultados alcançados em relação aos objetivos, seguida de uma apreciação.

Nas palavras de Libâneo, a avaliação escolar deve ser entendida como “... um componente do processo de ensino que visa, através da verificação e qualificação dos resultados obtidos, determinar a correspondência destes com os objetivos propostos e, daí, orientar a tomada de decisões em relação às atividades didáticas seguintes”.(LIBÂNEO, 2004, p.196).

Podemos destacar algumas funções da avaliação escolar:

Pedagógica – esta função está intimamente ligada aos objetivos gerais da educação escolar, mais precisamente em relação as finalidades sociais do ensino.

Didática – esta função está ligada aos objetivos específicos e tem como finalidade a correção paulatina de rumos, possibilitando o aprimoramento e aprofundamento de conhecimentos, desenvolvendo a capacidade cognoscitiva.

Diagnóstico – esta função identifica progressos e dificuldades dos alunos, bem como atuação adequada ou não do professor, possibilitando assim condições de modificações no processo de ensino. A função de diagnóstico dá apoio a todas as outras funções de avaliação. Cumprindo propósitos diferentes a avaliação diagnóstica deve ocorrer no início, durante o ou no final do desenvolvimento das aulas ou unidades didáticas.

Controle – esta função controla os meios de verificação e de qualificação dos resultados escolares.

Dividimos a avaliação escolar em algumas funções que a rigor são interdependentes, e não podem ser consideradas de forma isolada, como confirma Libâneo :

A função pedagógico-didática está referida aos próprios objetivos do processo de ensino e diretamente vinculada às funções de diagnóstico e de controle. A função diagnóstica se torna esvaziada se não estiver referida à função pedagógico-didática e se não for suprida de dados e alimentada pelo acompanhamento do processo de ensino que ocorre na função de controle. A função de controle, sem a função de diagnóstico e sem o seu significado pedagógico-didático, fica restringida à simples tarefa de atribuição de notas e classificação. (LIBÂNEO, 2004, p.198)

A prática da avaliação escolar deve servir de instrumento de efetiva ajuda ao desenvolvimento dos alunos e isto se consegue na medida em que os objetivos, conteúdos e métodos estejam adequados às exigências da matéria, bem como às condições de aprendizagem dos alunos, e desta forma os meios de verificação dos resultados serão de fato instrumentos desta promoção.

As atividades avaliativas promovem o desenvolvimento intelectual, o social dos alunos e sobretudo visam diagnosticar como a escola e os professores estão contribuindo para isso. A avaliação possibilita o conhecimento de cada aluno, uma vez que não são iguais em nenhum aspecto, estabelecendo bases para as atividades de ensino e aprendizagem.

O professor ao analisar os resultados do rendimento escolar dos alunos obtém também, informações sobre o andamento de seu próprio trabalho e dessa forma possibilitando a revisão de seu plano de ensino, corrigindo rumos.

A observação é um instrumento valioso na avaliação do aluno e fundamentalmente visa reconhecer as características individuais, tendo em vista identificar fatores que influenciam na aprendizagem do aluno. Evidentemente essa observação está sujeita a subjetividades do professor que precisará então ter convicções éticas, sociais e pedagógicas ao fazer uma apreciação qualitativa. Desta forma vimos que a avaliação escolar envolve tanto objetividade quanto subjetividade.

3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

O propósito central da nossa investigação foi buscar, na fala de professores de escolas públicas, elementos para entendimento da forma que eles compreendem e se utilizam do planejamento, e qual a representação que fazem do plano de ensino.

Desenvolvemos a investigação no primeiro semestre de 2005, quando foram realizadas as entrevistas com os professores, em seus locais de trabalho, nas escolas urbanas de São Roque que recebem alunos do ensino médio, e são apenas duas: Escola Estadual Horácio Manley Lane e Escola Estadual Germano Negrini, Os entrevistados foram então, professores do ensino médio pertencentes à rede estadual paulista de ensino.

As entrevistas foram gravadas e transcritas na sua totalidade. Os depoimentos foram selecionados, analisados e categorizados e, na medida em que, no nosso entendimento, foram necessários nós os transcrevemos em nosso trabalho, preservando a identidade do professor entrevistado.

Pela forma exploratória da pesquisa, pela natureza do problema envolvido e pela técnica e instrumento empregados, trata-se de uma pesquisa qualitativa.

A AMOSTRA

Na escolha dos professores, não optamos pela indicação do diretor e nem dos coordenadores que, muito embora tenham uma atuação abrangente na comunidade escolar, ainda assim seus recomendados teriam um cunho relativo e pessoal. Também foram afastados outros critérios de escolha como: pelo próprio pesquisador, que teria sua presença na escola por um tempo muito maior que o disponível, além de que teríamos a influência do ponto de vista pessoal; pelos alunos, que estariam classificando os professores por critérios excessivamente afetivos; e a escolha entre os próprios professores, esbarrando em suscetibilidades.

A forma final que chegamos à amostra foi através do coordenador de cada escola, ao anunciar junto ao corpo de professores, quais deles gostariam de colaborar com uma pesquisa que estava sendo realizada, com relação a planejamento e plano de ensino.

AS ENTREVISTAS

Fizemos um roteiro básico das entrevistas relacionado a nossa hipótese a partir da abordagem teórica exposta. Foram criadas categorias amplas para orientar as perguntas e em seguida analisar as respostas. O roteiro básico foi organizado com os seguintes tópicos:

Planejamento escolar

> envolvimento do professor

Por envolvimento do professor, no planeamento, entenderemos se ele sabe da existência do planeamento político pedagógico da escola e tendo esse conhecimento, de que forma ele participa (ou) e, não tendo participado diretamente de que forma o professor se inteirou.

> articulação com o seu planeamento (plano de ensino)

Essa categoria visa detectar se o professor reconhece uma ligação umbilical do projeto político pedagógico com o seu plano de ensino.

Plano de ensino

> motivo da elaboração

Visamos detectar se o professor tem uma idéia do por quê elabora o plano de ensino, ou ainda qual o motivo real que o leva a elaborar.

> a sistemática utilizada na sua elaboração

Existem alguns itens teóricos imprescindíveis para se elaborar um plano de ensino e visamos nesta categoria detectar se o professor ao elaborar o seu, os conhece: o que ele pensa em primeiro lugar ao elaborar o plano; como caracteriza o aluno, cultural e socialmente; se incorpora os objetivos gerais da escola no seu plano; que critérios se serve para fixar os objetivos e conteúdos; se faz uma seleção de procedimentos metodológicos e de recursos ;se planeja a avaliação.

>como utiliza o plano de ensino

Visa detectar se de fato o professor o elaborou como um recurso de sua prática.

Concepção

> compreensão e representação do plano de ensino

Nesta categoria visamos detectar qual é a compreensão e a representação que o professor faz a respeito do plano de ensino

A partir daí fizemos as perguntas de cada tópico e fomos a campo fazer as entrevistas. Fizemos nas duas escolas visitadas um total de vinte entrevistas e foram todas gravadas com a anuência do professor. Cada entrevista durou de vinte a trinta minutos. Falamos do aspecto confidencial das informações, bem como a garantia do anonimato do entrevistado. Em seguida fizemos uma breve exposição do propósito da entrevista e, coletamos alguns dados pessoais. Iniciando com a entrevista, algumas perguntas tinham um direcionamento já antecipado quanto a resposta e outras, a maioria, eram abertas, deixando o professor à vontade. Transcrevemos a forma final do roteiro das entrevistas:

ROTEIRO DE ENTREVISTA

Primeira parte: Planejamento escolar

1. Sua escola faz planejamento escolar também conhecido como projeto político pedagógico?
 - 1.a) Esse planejamento dá a você panorama geral do contexto em que trabalha?
2. Como você participa (ou) ?
 - 2.a) Obrigado ou não?
3. Depois do planejamento elaborado como você se inteira (ou) dele ?
4. Qual é a importância que você vê na sua elaboração?

Segunda parte : Plano de ensino

1. Você elabora seu plano de ensino?
 - 1.a) Individualmente ou em grupo, com outros professores da mesma disciplina?
2. Quais razões determinam a elaboração, ou não, do seu plano de ensino?
3. Qual é a sistemática que você se utiliza para fazer seu plano de ensino?
 - 3.a) o que você pensa em primeiro lugar quando elabora o plano de ensino? Em que momento você o elabora?
 - 3.b) você se preocupa em caracterizar o aluno com quem vai trabalhar? (aspecto social, cultural, escolar, etc)
 - 3.c) você se preocupa em incorporar os objetivos gerais da escola, atitudes e valores sugeridos no planejamento escolar em seu plano de ensino?
 - 3.d) quais são seus critérios de fixação dos objetivos e conteúdos no plano de ensino

- elaborado por você?
- 3.e) como você considera o aluno quando seleciona os conteúdos da disciplina?
 - 3.f) você faz seleção de procedimentos metodológicos e de recursos no plano de ensino?
 - 3.g) como você planeja a avaliação no plano de ensino?
 - 3.h) na elaboração do plano de ensino você se preocupa (ou) com mais alguma coisa que não foi perguntada?
4. Como você utiliza do seu plano de ensino na sua prática docente?
 - 4.a) você o refaz?
 - 4.b) você o consulta? Em que momento?

Terceira parte : Concepção

1. Onde você aprendeu a fazer seu plano de ensino?
2. Qual a importância que você atribui ao plano e ensino em termos de sua prática docente?

Na parte I, com as perguntas de número um, dois e três visamos detectar o envolvimento do professor e na pergunta quatro visamos constatar a articulação do seu planejamento com o projeto político pedagógico.

Na parte II, as perguntas um e dois visam constatar o motivo da elaboração do plano de ensino. A pergunta três e todos seus subitens visam detectar a sistemática de elaboração do plano de ensino. A pergunta quatro visava detectar de que forma o professor utiliza o seu plano de ensino.

Na parte III, a pergunta dois tinha o propósito, com a sua resposta, de fechar, com demais respostas às perguntas anteriores uma idéia de como o professor concebia e representava seu plano de ensino.

Os professores pelas escolas consideradas ficaram assim distribuídos:

Escola Estadual Horácio Manley Lane (H)
Escola Estadual Germano Negrini (G)

	H	G	TOTAL
Matemática	2	2	4
Inglês	1	0	1
Educação Artística	2	0	2
Geografia	2	1	3
Português	2	1	3
História	1	0	1
Filosofia	1	1	2
Educação Física	2	0	2
Física	0	1	1
Química	0	1	1
TOTAL	13	7	20

As informações iniciais como: idade; tempo de magistério, tempo que leciona no ensino médio; o curso feito, a disciplina que leciona foram colocadas no quadro abaixo:

Tipo	Pseudo	Idade	Tempo Magistério Anos	Tempo Magistério Ens. Médio Anos	Curso de graduação	Matéria
G	Perola	24	5	5	Física	Física
H	Lucia	39	1 1/2	1/2	Administração	Matemática
H	Denise	26	1/2	1/2	Letras	Inglês
H	Sueli	37	2	2	Belas Artes	Educação Artística
G	Dagoberto	41	10	8	Geografia	Geografia
G	Marcos	40	6	6	Veterinária	Química
H	Antônio	41	8	5	Geografia	Geografia
H	Maria	41	21	12	Matemática	Matemática
H	Amanda	58	24	20	Pedagogia	Educação Artística
G	Fabíola	27	6	3	Filosofia	Filosofia
G	Carla	48	17	5	Letras	Português
G	Rosa	48	23	23	Matemática	Matemática/Física
H	Elvira	41	7	7	Letras	Português
G	Ivo	24	5	5	Matemática	Matemática
H	Aurora	47	25	15	Letras	Português
H	Vanda	41	17	17	Sociologia	História
H	Oraldo	47	10	7	Filosofia	Filosofia
H	Helena	50	26	26	Ciências Sociais	Geografia
H	Edna	35	16	16	Educação Física	Educação Física
H	Valter	62	30	23	Educação Física	Educação Física

4. ANÁLISE DOS DEPOIMENTOS

Faremos uma análise dos depoimentos quanto à categorização já apontada. Em princípio faremos uma análise “horizontal” percorrendo as respostas de todos professores e transcrevendo aquelas mais significativas para o nosso trabalho e, quando necessário faremos uma análise “vertical”, para uma compreensão mais adequada em alguns aspectos.

4.1 Planejamento escolar

>envolvimento do professor

Consideramos que, tendo ou não, por parte do professor, o conhecimento da existência do projeto político pedagógico, e não tendo participado de sua elaboração e mesmo assim não procurou se inteirar, nessas condições o professor foi categorizado como não envolvido:

Nessa parte eu tenho confusões, eu faço meu planejamento, da minha disciplina, mas o planejamento da escola com normas, regras, etc., acredito que não tenha porque nós não tivemos ainda(Pérola).

Pelo que falam para a gente, sim; mas eu nunca tive acesso a esse planejamento, inclusive era uma coisa de estágio a gente saber sobre planejamento escolar e tudo mais, e tem um planejamento escolar mas eu não conheço. Eu não participei, desse planejamento não. Na verdade eu acho que seria o caso de eu ir buscar o planejamento junto aos coordenadores e junto ao diretor da escola, mas eu nunca o fiz, quando eu estava fazendo o estágio, eu até cheguei buscar, mas era uma coisa assim muito rápida, na verdade eu não tomei muito conhecimento, eu não me lembro(Sueli).

Quando perguntados se a escola fazia o planejamento político pedagógico :Não, que eu saiba não(Marcos).Eu acho que não, porque a gente nunca fez(Amanda).

Se faz eu nunca participei, que eu saiba existe um plano antigo, mas a gente já não conhece esse plano(Fabiola).Faz, mas eu não participei, não o conheço(Aurora).
Não, não acontece de fato, ele é pensado, mas na prática não acontece(Vanda).

Por outro lado há professores com conhecimento da existência do plano político pedagógico da escola, muito embora não tenham participado do processo, mas procuraram de uma forma ou de outra inteirarem-se do plano:

A minha escola faz. Não, quando eu cheguei o planejamento já estava pronto, eu cheguei e entrei em contato com os professores da área, um professor que me indicaram, que seria mais ou menos um coordenador, aí eu conversei com ele, e ele me passou o planejamento da escola. Eu cheguei, ele já estava pronto, eu peguei a turma depois, então o professor me passou as informações(Lúcia).

Sim. É, como eu ingressei esse ano, eu pedi explicação para a coordenadora do curso, e conversei com o diretor também no início do ano, e eles me explicaram, me mostraram, até o planejamento e a partir dele eu desenvolvi o meu planejamento, da minha disciplina de acordo com a estrutura da escola(Denise).

Sim, nossa escola faz, nós temos um planejamento, mas a quatro anos não atualizo, inclusive eu estava falando com o coordenador que a gente tem que reunir e pegar esse projeto político pedagógico e olha-lo, porque ele não está batendo com o nosso plano, temos que adaptá-lo. A diretora colocou-o para nós quase que pronto, algumas coisas a gente leu e colocou algumas observações, como eu te falei, nós não demos o devido valor na época, e agora toda a parte que nós estamos fazendo, até o curso do Ensino Médio, nós estamos percebendo que ele é o principal(Carla).

Sim, Sim. Eu não acho que venha a ser uma obrigação. Eu só participo depois que ele está pronto, porque as minhas aulas eu pego depois do efetivo, eu não participo porque não tenho lugar certo para ficar, quando eu chego na escola o plano já está pronto, porque ele é inicial(Ivo).

Veja bem, eu praticamente desconheço, eu tive acesso ontem ao planejamento, até então eu nem sabia que existia esse plano, e praticamente em todas as escolas nenhum professor tem acesso a esse documento. Eu tive acesso ontem e não o li porque nós estamos num determinado H.T.P.C., nós queremos formar, porque nós precisamos de um eixo-norteador para trabalhar direito. Cadê o plano? Nós não fizemos, não tivemos acesso a ele, eu não sei o que eu estou fazendo e uma turma que muda constantemente de escola para escola(Oraldo).

Faz, tem o plano que foi feito já há alguns anos, e é feito plano de ensino anualmente. Não , eu participei há quatro anos atrás da elaboração, eu ajudei a confeccioná-lo. De um modo geral sim, eu cheguei a manuseá-lo, houve na época algumas reuniões que foram mostradas, mas os professores que chegam atualmente não tem acesso(Helena).

Sim. Eu não participei desse planejamento, quando eu entrei já havia sido feito. Eu conheço esse planejamento porque eu fui até a secretaria da escola e pedi para ver o conteúdo(Edna).

>articulação do planejamento político pedagógico com o plano de ensino

Os professores apontaram a importância da elaboração do plano político pedagógico como sendo um norteador para seu trabalho docente, como de fato o é, mas pouquíssimos apontaram explicitamente a necessária articulação que deve existir entre o planejamento político pedagógico com o plano de ensino:

A gente cria um certo padrão, porque se não fica uma coisa meio cada um faz o quer, e, gera um padrão de acordo com os objetivos da escola.(Lucia).

A importância é a coletividade dos professores, nós que somos os mediadores do ensino e aprendizagem, então é importante a gente estar definindo alguma coisa, e estar de acordo também com o que a escola pretende trabalhar, durante o ano, dependendo do planejamento.(Denise).

Eu acho assim de primeira ordem, na verdade eu acho que uma escola sem planejamento não tem como, é uma escola com 2 mil alunos, mesmo com planejamento, eu acho, meio até, não é viável, é difícil de ser cumprido, não é fácil, a gente trabalha com muito mais de 40 professores, é difícil, mas eu acho que é importante, é um planejamento que tenha que englobar todas as matérias, todas as disciplinas.(Sueli).

Bom, eu acho que a escola tem que funcionar em cima de planejamento, como uma empresa, como qualquer outro setor, e eu vejo assim, que a partir do momento que a gente tivesse um planejamento direcionante a gente teria um objetivo melhor, a gente poderia trabalhar mais diretamente relacionado à isso, assim como conduzir as nossas aulas, qual o objetivo que a gente tem que atingir, hoje a gente trabalha assim, cada um por si e Deus por todos, eu vejo a importância nisso, de se ter um planejamento, de se ter uma programação e, estar todo mundo falando a mesma língua, tendo os mesmos objetivos, se vai trabalhar ou não com inclusão, se o objetivo aqui é formar um aluno para o vestibular, se o objetivo aqui é formar um aluno para ser um cidadão, se de repente a escola tem ou não algum exemplo, que tipo de sistema educacional, tradicional, até então eu sinto falta disso, porque eu como veterinário, eu não tive essa formação, eu gostaria de aprender alguma coisa e a gente acaba não aprendendo nada, a gente acaba fazendo do jeito que a gente foi educado.(Marcos).

É importante para conhecer a realidade do aluno, por exemplo, vou falar pela minha experiência da outra escola, nós fizemos todo um levantamento com os alunos, desde quantas pessoas tem na família, onde moravam, se tem água, se tinha luz, nós fizemos um levantamento geral.(Antonio).Eu acho que seria muito importante, porque todo os professores tem um objetivo comum para trabalhar, principalmente na disciplina, nas atitudes.(Amanda).

Eu acredito que seria importante fazer, estabelecendo a clientela, qual é a linha de trabalho que a escola pretende seguir, para tanto entender, eu acredito que seria até necessário um vínculo, por exemplo, quais são as principais escolas de que os alunos vem, daqui do município, o que é trabalhado lá, aí dar a sequência, o estabelecimento de objetivos da escola para o Ensino Médio, eu acho que é fundamental, porque a gente acaba ficando sem um parâmetro de formação do Ensino Médio, do que a escola quer que você faça, como a escola quer que você trabalhe, para formar um aluno para quê?(Fabiola).

Ele que vai centralizar tudo, ele que dá o objetivo de tudo, direciona o que nós iremos fazer(Carla).

Na verdade o planejamento político pedagógico seria o coração da escola mesmo, o que faz funcionar, dar todas as diretrizes, a escola é pensada, ela tem uma identidade com o planejamento político pedagógico, na verdade há muitos anos atrás, eu participei do estudo dos professores para elaboração de um planejamento político pedagógico nesta escola, eu ajudei a construir esse plano, e foi a única vez que a gente fez esse plano, mas esse plano não foi atualizado.(Vanda).

O plano pedagógico dentro da escola, que eu era diretor até o ano passado,..., ele é de suma importância, é ele que vai caminhar a escola, é o eixo norteador dentro da escola. Você vai traçar metas, objetivos, caminhos para que uma escola funcione, é através do plano político... .(Oraldo).

É a linha mestra para determinar o trabalho.(Helena).

Analisamos em nossas entrevistas, dois aspectos: envolvimento do professor e articulação do planejamento político pedagógico com o plano de ensino, nesta parte I, que intitulamos planejamento escolar. Constatamos de fato, que uma grande maioria tinha desconhecimento da existência do projeto político pedagógica da escola; e havia uma boa parte dos professores que sabia da existência do plano político pedagógico, mas não participaram da sua elaboração e muito menos procuraram inteirar-se de seu conteúdo.

Mostrando, dessa maneira, o não envolvimento com aspectos pedagógicos e sobretudo com a vida da escola. Quanto a articulação do plano político pedagógico com o plano de ensino do professor, a grande maioria reconheceu a importância de tal plano, como eixo norteador, no entanto, pouquíssimos foram explícitos na articulação deste com o seu plano de ensino.

Essas considerações nos remetem ao início de nosso trabalho onde afirmamos que todo planejamento sempre é referido a um projeto, ainda que, muitas vezes este projeto permaneça tácito, seja individual ou coletivo. Pelas respostas analisadas constatamos uma desvinculação entre planejamento e projeto, levando a concluir que os professores que fizeram seu plano de ensino, o fizeram com completa falta de articulação com o projeto maior da escola, assim o plano passou a ser mais uma peça burocrática. Outro aspecto decorrente desta desvinculação apontada e da falta de um projeto subjacente a um planejamento é o conteúdo que sendo um meio, nessas condições vira fim, como também poderemos comprovar em outra parte dessa mesma entrevista.

4.2 Plano de ensino

>motivo da elaboração

Teoricamente a elaboração do plano de ensino é individual, cada professor faz seu plano de ensino, que está articulado ao plano da escola. Não excluímos a possibilidade de se fazer reuniões por área, no entanto, o que se verificou foi que os planos de ensino foram feitos de forma coletiva e a discussão no coletivo girou prioritariamente sobre o conteúdo:

Claro. Individualmente, porque eu sou a única professora de Física na escola, tem um professor mas como eu pego quase todas as salas, então no caso ele fica na sede dele e acaba fazendo o planejamento na sede, eu faço todo o planejamento, refaço com ele para não sair fora no começo,

depois se o professor tirar licença vem outro, daí eu já não sei mais o que acontece, porque eu não tenho contato (Pérola).

Elaborei um individual, aí eu peguei o do ano passado, da outra professora que dá aula de manhã, dei uma olhada e entrei em contato com ela, e nós fizemos algumas alterações no meu, acrescentando coisas dela, então quer dizer que estamos num conjunto da mesma disciplina (Denise)

Elaboro. Na verdade, no início do ano tem uma semana que a gente faz o planejamento, este planejamento que está vigorando agora, na verdade, é planejamento que já vem de alguns anos, eu aproveitei o da professora que é uma professora estável, eu o peguei e mudamos algumas coisas e, continuamos com o mesmo planejamento, a gente não parou para fazer um novo planejamento, isso a gente não fez, a gente aproveitou o mesmo que já estava vigorando, eu e outras duas professoras de Artes que estão dando aulas em outras salas.

Esse foi feito em cima de um outro, por exemplo, o planejamento que eu faço na Prefeitura é totalmente diferente, lá eu levo em consideração algumas coisas que vão ser necessárias para os alunos, que eles precisam saber, que eles precisam ter conhecimento na hora de sair do ensino Fundamental, com base nisso eu monto meu planejamento, o que eu acho que eles tem que ser capazes de saber, quais são as habilidades que eles precisam no final do ensino Fundamental, o planejamento do Colegial, na verdade ele foi reaproveitado, eu vejo falhas nele, eu não o faria do jeito que ele está, se eu o fizesse teria que pegar ele do zero, mas como ele tinha que ser feito em conjunto, a gente achou por bem manter do jeito que está, continuar trabalhando assim, até para poder saber como a “coisa” estava funcionando(Sueli).

Não. Eu acho que é importante a gente elaborar um plano, para pelo menos a gente poder também programar uma aula melhor, e assim, outros professores de Química na escola estarem também nos três períodos (manhã, tarde e noite), procurando fazer os mesmos trabalhos, quando eu cheguei aqui no período da noite, por exemplo, eu não sabia nem o que eu ia dar (Marcos).

Sim, elaboro. Aqui nós elaboramos em grupo com os professores da mesma disciplina. Nós procuramos trabalhar com o que nós professores achamos importante, baseados tanto no conteúdo da Geografia, quanto na questão da atualidade, porque você não pode falar da atualidade para o aluno se você não der o conceito da Geografia, então nós procuramos trabalhar conceito e atualidade, para que as coisas façam sentido para o aluno, não só conceito e nem só atualidade (Antonio).

Elaboro, com os professores (Maria)

Sim. Aqui nós fazemos em grupo, embora tenham professores novos que podem seguir o meu plano, tanto que as vezes o meu plano vai para Mairinque, vai para Germano, para outros lugares que querem seguir o plano (Amanda).

Todo ano nós elaboramos no começo do ano. Em grupo com os professores da mesma disciplina. Eu acho que a gente tem que colocar toda a parte que é importante para eles, como deve ser colocado, e conforme o ano e a série, isso tudo é evolução daquilo que a gente vai passar para eles(Carla).

Atualmente não, já está tudo na cabeça. Se houvesse alguma mudança, mas eu não estou vendo mudanças, tudo o que eu sei acho que é até demais para ensinar a quem não quer nada (Rosa).

Elaboro o meu e o da turma de Português toda. Eu elaborei o plano, todo ano eu me disponho a fazê-lo, então eu passo uma cópia para cada um, e cada um trabalha dentro daquilo, para a gente ter um parâmetro, eu tenho muitos planos separados, individuais de aula (Elvira).

Sim, em grupo, com os professores da mesma disciplina. Eu acho que é mais para eles se interessarem na matéria, na disciplina, porque de 5ª a 8ª o aluno muda de professor todo ano, eu acho que depende da ocasião que ele está estudando, o meio que ele está, se ele se afina com o professor, se ele vê que o professor está entusiasmado, eu acho que isso é uma relação do aluno com o professor, a gente olha o interesse dele com a disciplina, a razão seria despertar o interesse do aluno (Ivo).

Sim, em grupo com os professores da mesma disciplina, quando acontece o encontro, mas normalmente um pouco antes de iniciar o ano acontece, e esse ano tivemos que reelaborar por causa da grade, que houve um aumento no número de aulas. Então nós tivemos esse encontro e foram feitas algumas mudanças, temos oportunidades de trabalhar mais conteúdos. Eu preciso desse plano para trabalhar, é onde você se direciona com ele, sem o plano você fica muito isolado, agora você fica preso mesmo ao conteúdo(Aurora)

Eu faço, na verdade o que a gente faz é elencar os conteúdos e depois que você elenca os conteúdos você vai no cotidiano separando as atividades. No início do ano a gente faz em grupo e depois você caminha com o trabalho individual (Vanda).

Elaboro, normalmente com os professores da área, da mesma disciplina, mas não há uma interdisciplinaridade, a gente não consegue desenvolver isso, as vezes fazemos na prática na conversa de intervalos. É você ter um objetivo, por exemplo, os alunos que entram no 1º colegial, eles vão ter que aprender determinados conteúdos até o 3º colegial (Helena).

Sim eu elaboro meu plano. Geralmente é feito com os nossos grupos de Educação Física (Valter).

>a sistemática utilizada na elaboração do plano de ensino

Na sistemática do planejamento observamos que o livro didático, de fato, ocupa uma posição central na hora do professor fazer seu plano de ensino, sobretudo quando o conteúdo ocupa a proeminência em relação aos outros objetivos que a quase totalidade dos professores desconsideram:

A sistemática, eu levo em consideração geralmente o que eu tenho no mercado que é o livro didático, então eu tenho o que tem que ser dado a cada ano, o que se dá na escola do Estado e na escola particular, então eu faço meu planejamento de acordo com isso... .Agora está na moda de que já no plano de ensino eu tenho que escrever um projeto e ver o que vou precisar para englobar, por isso, necessariamente é quase obrigatório fazer este projeto, por mais que você não ache necessário, é obrigatório. Não, porque esse plano de ensino, eu vou abrir a sinceridade já que é uma pesquisa para ajudar, no plano de ensino geralmente a gente não refaz, a gente pega pelo que foi feito no ano passado, a gente pega no computador, recorta, cola e entrega novamente, porque não é passada uma história quanto a isso, não tem ninguém que chegue, supervisione, a gente segue o padrão que é o parâmetro curricular de ensino, o governo não sabe como está a escola, eu não consigo seguir o P.C.N., muito menos o mais, que aumento um monte de coisas que é impossível para 2 aulas de Física por semana, veja, no particular eu tenho quatro aulas no Ensino Médio, no Fundamental eu tenho duas, mas porque é fundamental, aqui eu só tenho duas, então como eu vou seguir o P.C.N. e ainda mais o mais (Pérola)

Eu dou ênfase ao conteúdo que tem que ser dado, o conteúdo aí mínimo, e a minha preocupação maior, eu acredito que é por que eu tenho pouca experiência lecionando, eu fico procurando, as vezes eu planejo aula com 3 ou 4 livros, eu estou trabalhando com o da escola, mas eu achei outros melhores, então tem aulas que eu vou buscar em outros livros, eu fico assim, porque eu acho que a experiência vai me ensinar, porque eu “apanho muito” (Lúcia).

...eu peguei o plano da professora do outro ano, porque eu sou nova e não tenho experiência no Ensino Médio com o Inglês, eu tinha de 5ª à 8ª, então eu vi os objetivos de acordo com o P.C.N., e fui seguindo de acordo com o que a outra professora tinha elaborado anteriormente. Em 1º o P.C.N., seguir também os objetivos que visem o P.C.N. mesmo, a coordenadora nos orientou a estar seguindo o P.C.N., estar seguindo o plano anterior, para o aluno estar sempre aprendendo a tradução de texto, trabalho com textos, orais, músicas, utilizar também os equipamentos da escola como TV, Vídeo, para estar melhorando(Denise).

A gente determina pelo plano de ensino que você fez o ano passado, o que os amigos fizeram o ano passado a gente pega, se bem que quase 80% dele é mudado(Dagoberto).

Procuro pensar principalmente nos conteúdos, porque eu vou passar o que eu acho importante, e questões ligadas ao vestibular, mas para que vá ser direcionado para isso(Antonio).

Eu penso em primeiro no conteúdo que o aluno vai aprender(Maria).

Os pontos básicos que posso colocar para eles durante o decorrer do ano, com relação ao conteúdo(Carla).

A gente segue as diretrizes nacionais, os P.C.N.'s, os parâmetros curriculares, a grade mínima, os conteúdos mínimos e, em cima disso a gente vê pela prática o que funciona, o que dá tempo de trabalhar no ano, e o que não dá dentro da área. O objetivo geral da área de Português que é a minha área, e depois o específico por plano, por série (Elvira).

Eu trabalho o conteúdo e depois a metodologia(Aurora).

Você tem determinados objetivos a atingir no ensino de história especificamente, e para atingir esses objetivos você tem que elencar quais são os conteúdos necessários para chegar nesses objetivos...(Vanda).

Os conteúdos necessários para cada série(Helena).

Alguns poucos professores, quando perguntados sobre a sistemática utilizada na elaboração do plano de ensino, demonstraram que os objetivos não são unicamente os ligados ao conteúdo e além disso tinham um boa noção do que se tratava o plano de ensino:

Bom, eu particularmente, iria pensar em que objetivo eu tenho que formar, para que lado que o aluno tem que ir, para fazer um vestibular ou um concurso, ou simplesmente para formar um cidadão ou algo parecido, se for para forma-lo para o vestibular eu tenho que puxar mais a matéria, tem que ser mais tradicionalista, teria que dar mais exercícios, pelo que a gente percebe, pelo pouco que se tem de ensino, por exemplo esse negócio de formar um cidadão, a gente fica meio perdido, mas eu procuraria saber qual é o objetivo principal, e para que minha aula irá ser direcionada(Marcos).

O quê que eu quero do meu aluno. Essa é a primeira pergunta, eu estou fazendo um plano de ensino mas com qual propósito, o quê que eu quero dele?O que eu quero do meu aluno, para que eu estou dando essa aula para ele. Só que plano de ensino eu sempre, mesmo quando diretor, coordenador pedagógico eu sempre coloquei o plano de ensino, coloquem no final, plano sujeito a alteração, porque ele não pode ser fechado e de preferência, se for possível semestralmente você rever, isso é fundamental. Eu me preocupo no plano de ensino, principalmente com a condição social do meu aluno(Oraldo).

Fazendo um corte vertical num depoimento de um professor podemos observar que o mesmo tem uma noção correta do plano de ensino, quando ligada ao conteúdo, no entanto, ligada a outros aspectos, como por exemplo valores, a noção se esvai, confirmando nossa observação anterior que a preocupação maior é o conteúdo, o que é meio vira fim:

Primeiro eu vejo qual é o objetivo que eu quero alcançar, a partir desse objetivo eu tento ver quais são os conteúdos, e como que eu vou alcançá-los, aí eu vejo como eu vou fazer para dar essa aula, quais são os textos que eu vou passar para os alunos, quais são as obras de arte que eu vou usar para poder fazer com que eles entendam aquilo que eu quero que eles entendam, vai depender um pouco do conteúdo... Na verdade eu nem sei se isso faz parte do planejamento escolar, deve fazer, mas essa parte atitude dos alunos é uma coisa que a gente tem que trabalhar o tempo inteiro, porque tem uma crise de valores muito grande dentro da escola, fica muito difícil da gente conseguir lidar, então aí a gente vê essas coisas, nessas atitudes, aliás acho até que acaba atrapalhando um pouco a nossa aula, porque você tem que estar o tempo inteiro prestando atenção em certos valores, para certas combinações que você faz com os alunos, e é uma coisa que acaba atrapalhando e influenciando a aula, não tem como não influenciar(Sueli).

O professor, de uma forma geral, ao estabelecer o plano de ensino tem a preocupação maior na seleção dos conteúdos e alguns procedimentos de avaliação, pouquíssimos querem saber da realidade do aluno e a grande maioria não vê a articulação que deve existir entre o seu trabalho, representado pelo plano de ensino, e planejamento escolar como um todo.

>como o professor utiliza o plano de ensino

Pudemos observar como norma geral que os professores, muito embora com uma visão distorcida do plano de ensino, a maioria elabora e utiliza sempre presa ao conteúdo:

...,mas agora eu estou me preocupando em usar para a gente mesmo não se perder. Eu acho que desde que eu vim para cá eu já o fiz três vezes. Eu o consulto(Lucia).

Uso, aliás eu não saberia não usar, acho que é até porque eu não tenho experiência, eu estou começando agora na área, acho que é assim, se eu não tiver um planejamento, eu não consigo saber o porque daquilo que eu vou dar, porque para mim é muito importante, principalmente essa “aula a aula”, que se faz com base no planejamento anual, é como se fosse um roteiro, porque senão não sai, eu acho importantíssimo.

Refaço, quando chegar o final do ano tem alguns conteúdos que eu já vou tirar do plano anual, porque eu já estou vendo coisas que não dão certo, ou para aquele público, para aquela faixa etária, porque uma coisa é o livro, outra coisa é ali no dia a dia, ali o público que você pega(Sueli).

Sempre, eu acho que a partir do final do 1º bimestre eu já estou consultando o plano, se eu estou seguindo-o, se vejo necessidade de fazer alguma mudança eu faço(Antonio).

Consulta. Conforme o andamento dos bimestres e, o andamento das minhas aulas, eu procuro sempre estar olhando dentro, em que ponto eu estou no planejamento, o que eu preciso fazer para poder chegar em determinado conteúdo, são esses os pontos que a gente tem que ver realmente, se é necessário no ano seguinte alterar alguma coisa, se a gente não fizer isso, a gente não sabe o que a gente precisa melhorar(Maria).

Sim, em vários momentos, sempre que eu estou planejando aula, no mínimo 2 a 3 vezes no bimestre(Fabiola).

De vez em quando eu consulto, para ver se eu não estou muito fora, se a prática está me deixando para fora(Elvira).

Sim, ele é refeito no decorrer do ano, de acordo com a necessidade. Sim, ele é sempre consultado(Aurora).

Sempre que vai começar o bimestre, eu acabo vendo o que foi possível e o que não foi. No começo do ano, agora em julho provavelmente vai ter um período de replanejamento, a gente vai ver até onde caminhou, o que é possível continuar, o que não dá para atingir(Helena).

Quando necessário, quando eu percebo que a realidade está fugindo do conteúdo que eu programei, muitas vezes eu preciso parar, retomar ou até mesmo modificar, as vezes a mesma série, o mesmo 1º colegial, só que é uma realidade é diferente então eu tenho que adequar o plano com a realidade da sala(Edna).

4.3 Concepção

Esta parte da entrevista teve como finalidade maior verificar como os professores concebem o plano de ensino, qual a representação que fazem do plano, assumindo assim que a única pergunta feita iria, com as demais perguntas do questionário, encerrar o pensamento dos professores a respeito. Desta forma a resposta a esta pergunta isoladamente não nos revela muita coisa e sim a resposta deve ser analisada juntamente com outras repostas do mesmo professor, portanto num corte vertical. A maioria dos professores, de fato, considerou o planejamento importante, vejamos agora como se articulou com as outras respostas apresentadas.

Para a professora Lúcia, por exemplo, quando ingressou, o planejamento da escola já estava pronto, mas ela estabeleceu contatos e de alguma forma se inteirou. E sua concepção de plano de ensino se caracteriza numa resposta que forneceu quando perguntada se se preocupava em incorporar os objetivos gerais da escola, atitudes e valores sugeridos no planejamento escolar em seu plano de ensino, e a resposta foi: “Me preocupar eu me

preocupado, mas ...”, independente da análise da resposta, inferimos que a professora entende que o plano de ensino vai incluir, além dos seus, valores sugeridos pela comunidade escolar.

Para a professora Denise já a resposta a essa parte da entrevista nos revela que a prática do planejamento de ensino é uma prática reflexiva, pois na única resposta ela nos diz “É importante, porque com o plano de ensino você vai adquirindo mais experiência,....então é importante para nossa prática...”.

A professora Sueli que não participou do planejamento da escola e não teve acesso a ele, mas o considera importante, no entanto não foi em busca dele. Elabora seu plano de ensino, entretanto não sabe se deve incorporar os objetivos gerais da escola, entre eles atitudes valores que foram sugeridos no planejamento escolar em seu plano de ensino. E com relação ao conteúdo tem uma nítida visão do procedimento de ensino, portanto quando diz “que não conseguiria trabalhar sem esse roteiro ...”está se referindo exclusivamente ao conteúdo.

O professor Marcos quando perguntado sobre a importância do plano de ensino nos diz “Eu acho que é importante você ter um plano de ensino,...”. No entanto, ele não participou do planejamento escolar, não foi inteirado e nem faz plano de ensino. Há nesse caso uma distância muito grande entre a teoria e a prática.

O professor Antonio participou de um planejamento escolar de uma outra escola e diz que foi muito interessante e importante conhecer a realidade do aluno. No entanto nessa escola isso não é feito e, o plano de ensino é feito com os professores da mesma disciplina e tem como referência o conteúdo. Acha que o plano de ensino é um caminho, é uma direção e que tem que ser flexível. Aqui observamos que o professor tem conhecimento de caminhos para elaboração dos planos no entanto sua escola não os proporciona.

A professora Maria diz que o planejamento político pedagógico dá a ela um panorama geral do contexto em que trabalha, no entanto não se preocupa em caracterizar o aluno, no

aspecto social, cultural, elaborando o plano de ensino na realidade de uma forma coletiva e sobretudo quando perguntada o que ela pensa em primeiro lugar quando elabora seu plano de ensino, ela diz que é o conteúdo. Com relação a esta professora pudemos constatar uma série de respostas contraditórias, evidenciando que compreensão a respeito do plano de ensino é um tanto confusa.

A professora Amanda mostrou um razoável conhecimento a respeito do plano de ensino e um notável interesse nos alunos, sintetizou o conhecimento da feitura do plano da seguinte forma:

“Quando eu comecei, dando aulas de música, eu cheguei na escola estadual e não sabia nem o que era e, nem que tinha plano, aí chegou a coordenadora e me disse que eu tinha que fazer um plano, eu disse que não sabia fazer e nem sabia o que era plano, ela me deu um plano de História, pediu para eu ler e colocá-lo em palavras de música, eu li e reli o mesmo, peguei toda minha linguagem de música e comecei a fazê-lo, esse foi o meu primeiro plano, daí para a frente eu comecei a consultar alguns livros de planejamento, fui me orientando e planejando melhor, hoje em dia eu já consigo criar objetivos e conteúdos”.

A professora Fabíola foi uma das poucas professoras que quando perguntada a respeito do que ela pensava em primeiro lugar quando elaborava seu plano de ensino disse em pensar nos objetivos que tem em relação a turma, como a sala está, e verificar quais interesses que a sala tem. Foi uma das poucas professoras também a demonstrar coerência nas respostas do princípio ao fim do questionário, finalizando com a resposta sobre a importância atribuída ao plano de ensino ela responde que é fundamental e “não pode chegar na sala de aula e falar: deixa ver o que eu vou dar hoje, eu tenho que ter uma linha traçada onde eu quero chegar...”.

A professora Carla ciente que a escola tinha um planejamento político pedagógico mas que estava defasado pois havia sido feito há quatro anos, mesmo assim esse planejamento tinha vindo quase pronto na época. Disse fazerem um planejamento com os professores da mesma disciplina antecedendo o seu planejamento de ensino, e que de certa forma não fugiam dele, ou seja mais uma vez, a base é o conteúdo. Sintetiza a importância do plano de ensino ao fato de não fugirem ao que todos estão trabalhando (conteúdo?).

A professora Rosa, através de suas respostas, nos revelou um profundo desânimo em seu trabalho, e perguntada sobre as razões da elaboração de seu plano de ensino nos diz: “... tudo que eu sei acho que é até demais para ensinar a quem não quer nada”. Continuando nos diz sobre a importância atribuída ao plano de ensino, diz que ele é importante, “...não podendo chegar de sopetão, o meu está preparado na cabeça...”.

Para a professora Elvira, são muitos projetos e muitos planos mas nada funcionando, e perguntada se elabora seu plano de ensino, responde “elaboro o meu e o da turma de Português toda.”!!!. Onde fica a criatividade de cada professor? Por outro lado, demonstrou certa compreensão no entendimento de aspectos do planejamento como por exemplo, perguntada sobre quais seriam os critérios de fixação dos objetivos ela responde: “Se eu priorizei escrita, eu quero que eles escrevam muito bem, em relação a isso nós vamos trabalhar a gramática em função da escrita”. E dá uma importância muito grande ao plano de ensino.

O professor Ivo foi um dos poucos que afirmou a importância da articulação do seu plano de ensino com o plano da escola. Em suas respostas, algumas, não correspondiam ao motivo exato da pergunta, e uma em especial denotando não saber exatamente o que é o plano de ensino, se evidencia na resposta que dá quando perguntado da importância que dá ao plano de ensino em termos de sua prática: “... em cada escola o plano de ensino é diferente”!!!

A professora Aurora diz que o plano de ensino para ela é muito importante, e nas suas palavras podemos notar mais uma vez a importância atribuída ao conteúdo novamente: “eu preciso desse plano para trabalhar, é onde você se direciona com ele, sem o plano você fica muito isolado, agora você fica preso mesmo ao conteúdo”.

Do ponto de vista teórico o único professor que respondeu todas as questões a contento foi o professor Oraldo onde sintetiza a importância que atribui ao plano de ensino da seguinte forma: “É um eixo norteador, porque se você não tiver um caminho a seguir, você

vai dar tiro para tudo quanto é lado, então eu acho que isso não adianta, o certo é traçar metas, objetivos e tentar cumprí-los.

Como dissemos no início, a resposta a esta terceira parte deveria ser juntada às demais respostas da entrevista para termos uma visão mais clara do pensamento, ou melhor da representação que o professor faz a respeito do plano de ensino na sua prática docente. Ficou demonstrado, amarrando essas respostas a cada professor, e no conjunto dos professores a não conscientização por partes dos mesmos do caráter político do planejamento. No início, apontamos que o plano de ensino seria um dos instrumentos que o professor se utiliza, dentro do processo de ensino-aprendizagem, em sua ação de participação na sociedade e na História, e para isso ele deveria tentar compreender a complexidade contraditória da realidade. Nos pareceu dentre todas respostas, com um exceção, que os professores não estavam interessados em saber da condição social e cultural do aluno, a não ser para justificar a sua desvantagem, quando na realidade essa concreta desvantagem deveria ser ponto de partida para descobrir e desenvolver a potencialidade, tanto por parte do aluno quanto por parte do próprio professor, enquanto portadores de uma missão histórica.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A preocupação central do nosso trabalho foi verificar como os professores lidavam com o plano de ensino na sua prática docente.

Analisando as respostas dos professores na parte I do nosso questionário verificamos pouco envolvimento com os aspectos pedagógicos e com a vida da escola. Embora reconheçam a importância da existência de uma articulação do projeto político pedagógico com o plano de ensino, poucos, de fato, a estabelecem.

No início de nosso trabalho afirmamos que todo planejamento pressupõe um projeto a ele referido, mesmo que seja tácito. Na maior parte dos casos examinados, o plano de ensino ficou sendo sinônimo de programação de conteúdos, ficando claro, então, a ausência de projeto associado ao planejamento, levando a uma inversão perigosa que é o conteúdo das disciplinas transformar-se na finalidade maior da prática docente, neste segmento que investigamos. A não articulação do plano de ensino com o projeto maior da escola nos leva a concluir que o plano passou a ser uma peça burocrática, não mais servindo ao professor, mas sim ao coordenador, à secretaria da escola, à supervisão, não atendendo, assim, ao seu interesse maior que é a intervenção na realidade.

Na parte II de nossas entrevistas constatamos, diferentemente do que tínhamos como hipótese, que a maioria dos professores elabora seu plano de ensino. Mas observamos, também, que há uma grande divergência conceitual quanto ao entendimento da noção de plano de ensino.

Teoricamente a elaboração do plano de ensino é individual, porque tem a ele associado um projeto pessoal, entretanto, a grande maioria o elabora em conjunto, admitindo aí que o centro do planejamento é o conteúdo, que pode ser discutido no coletivo diferentemente

dos projetos pessoais. Daí um professor dizer “bem, eu elaboro o plano e passo para os demais”.

Por haver uma inversão, ou mesmo até, historicamente, pela perda de sentido do plano de ensino como instrumento da prática docente, observamos que o livro didático ocupa uma posição central na elaboração do plano de ensino do professor.

Constatamos que a maioria dos professores elabora e utiliza o plano de ensino, e, embora, existam visões diferenciadas, elas sempre são mediatamente atreladas ao conteúdo. Nesse aspecto percebemos, também, que a coordenação de cada escola agiu diferentemente em relação a cada professor.

Com a parte III da nossa entrevista fechamos o círculo de perguntas no propósito de entender qual era a concepção que o professor tinha a respeito do plano de ensino.

Como vimos, a questão do planejamento não pode ser entendida de uma forma desvinculada do compromisso político do educador, deste com relação à escola, educação e sociedade, ou seja o planejamento não é neutro. E para discutir a natureza política do planejamento e sua importância para a realização dos objetivos precisamos ter uma percepção global do complexo social.

Concluimos pelas respostas que o planejamento funcionou como uma ação restrita de caráter puramente técnico, não havendo, por parte dos professores, um nível de conscientização do caráter político do planejamento. O planejamento se transformou numa peça burocrática e inócua.

Propomos um caminho, para uma possível solução, partindo de uma efetiva participação dos professores no processo educacional, contribuindo com seus valores no estabelecimento das metas, enfim construindo um verdadeiro projeto que posteriormente será submetido à ação pelo planejamento.

6. REFERÊNCIAS

- AZANHA, José Mário Pires. Planos, diretrizes e bases da educação nacional. In: MACHADO, Nilson José (org). **Leis e Planos da educação no Brasil: Lei de Diretrizes e Bases e Plano Decenal**. São Paulo: Instituto de Estudos Avançados (USP), 1995. Coleção Documentos, Educação para a cidadania.n.13
- CARVALHO, Horácio Martins de. **Introdução à teoria do Planejamento**. 2ª edição. São Paulo: Editora Brasiliense,1978.
- FERREIRA, Francisco Whitaker. **Planejamento sim e não**. São Paulo: Editora Paz e Terra, 1992.
- FORACCHI, Marialice Mencarini. **Educação e Planejamento** .São Paulo: FFCLUSP, Boletim n.252,sociologia n.7, 1960.
- FORACCHI, Marialice Mencarini. **Karl Mannheim**. São Paulo: Editora Ática. 1982.
- FUSARI, José Cerchi. O Planejamento educacional e a prática dos educadores. **Revista da Ande**, São Paulo, n.8, p.33-35, 1984.
- GANDIN, Danilo. **A prática do planejamento participativo**. Petrópolis: Editora vozes,2000.
- HORTA, José Silvério Baia . Planejamento educacional. In: MENDES, Dumerval Trigueiro. **Filosofia da Educação Brasileira**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira,1983.
- LIBÂNEO, José Carlos. **Didática**. São Paulo: Cortez Editora, 2004.
- MACHADO, Nilson José. **Educação: Projetos e Valores**. 3ª edição. São Paulo: Escrituras,2001.
- MANNHEIM, Karl. **Ideologia e Utopia**. 2ª edição. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1972.
- MANNHEIM, karl. **Liberdade, Poder e Planificação Democrática**. São Paulo: Editora Mestre Jou. S/data.
- MASETTO, Marcos Tarciso; ABREU, Maria Célia de. **O professor universitário em aula**. 10ª edição. São Paulo: MG Ed. Associados,1990
- RODRIGUES, Alberto Tosi. **Sociologia da Educação**. 5ª edição. Rio de Janeiro:DP&A,2004.
- TURRA, Clódia Maria Godoy. Et al. **Planejamento de Ensino e avaliação**. 11ª edição. Porto Alegre: Sagra Editora, 1992.
- VASCONCELLOS, Celso dos Santos. **Planejamento: Plano de ensino-aprendizagem e projeto educativo**. São Paulo: Libertad, 1995.

VASQUEZ, Adolfo Sanches. **Filosofia da Praxis**. Rio de Janeiro: Editora Paz e Terra, 1977.

7. ANEXOS

PROFESSORA PEROLA G

1ª Parte

P: Sua escola faz planejamento escolar, também conhecido como planejamento político pedagógico?

R: Nessa parte eu tenho confusões, eu faço meu planejamento, da minha disciplina, mas o planejamento da escola com normas, regras, etc., acredito que não tenha porque nós não tivemos ainda.

P: Não foi feito esse ano?

R: Não, eu só fiz planejamento da minha disciplina, e os professores fizeram cada um na sua área, então todo ano nós fazemos um plano pedagógico, sempre diminuindo o conteúdo, a cada ano diminui mais pelos alunos que chegam à escola.

2ª Parte

P: Você elabora seu plano de ensino? Individualmente, ou em grupo?

R: Claro. Individualmente, porque eu sou a única professora de Física na escola, tem um professor mas como eu pego quase todas as salas, então no caso ele fica na sede dele e acaba fazendo o planejamento na sede, eu faço todo o planejamento, refaço com ele para não sair fora no começo, depois se o professor tirar licença vem outro, daí eu já não sei mais o que acontece, porque eu não tenho contato.

P: Não tem o controle não é?

R: É, foge bastante ao meu controle, ainda mais porque eu sou formada na área e a maioria não é, Física é difícil.

P: Quais razões determinam a elaboração do seu plano de ensino?

R: Quando eu elaboro um plano de ensino eu penso no aluno como uma pessoa que vai prestar um vestibular, não concordo com a história do aluno para a vida, então ali eu coloco o conteúdo que eu acho adequado, mas sempre durante o ano sai fora, porque ele não consegue acompanhar.

P: Qual a sistemática que você utiliza para fazer esse plano?

R: A sistemática, eu levo em consideração geralmente o que eu tenho no mercado que é o livro didático, então eu tenho o que tem que ser dado a cada ano, o que se dá na escola do Estado e na escola particular, então eu faço meu planejamento de acordo com isso, eu mudo alguma coisa porque não dá para ser dada toda a matéria, ainda mais porque não temos livro didático para cada aluno, então eu escrevo na lousa.

P: O que você pensa em primeiro lugar quando elabora o plano de ensino?

R: Eu penso em preparar o aluno realmente num certo conhecimento de Física que eu acho necessário, se ele for fazer uma faculdade de Engenharia, ou uma faculdade na área de exatas, ele vai conseguir pelo menos ter um certo manejo com algumas coisas que vão aparecer.

P: Em que momento você o elabora?

R: Eu elaboro no começo do ano, porque deixam três dias para elaboração desse plano.

P: Você se preocupa em caracterizar o aluno com quem vai trabalhar, ou seja, no aspecto social, cultural, escolar?

R: Como eu faço plano de ensino, eu não caracterizo dessa forma, mas durante as aulas eu diminuo, eu coloco a mais o que eu acho necessário, de acordo com a sala, não dá para caracterizar cada um porque por sala nós temos 50 alunos no total.

P: Na realidade então você faz uma adaptação no decorrer do curso?

R: Isso, no decorrer do curso, vamos dizer que o plano fica um pouco engavetado, porque na hora que eu olho para os alunos, que eu percebo, a primeira avaliação, eu tenho que diminuir o ritmo.

P: Você se preocupa em incorporar os objetivos gerais da escola, atitudes e valores sugeridos no planejamento escolar em seu plano de ensino?

R: Agora está na moda de que já no plano de ensino eu tenho que escrever um projeto e ver o que vou precisar para englobar, por isso, necessariamente é quase obrigatório fazer este projeto, por mais que você não ache necessário, é obrigatório.

P: Quais são os critérios de fixação dos objetivos e conteúdos do plano de ensino elaborado por vocês?

R: Os objetivos seriam os alunos conseguirem passar a Física para o cotidiano e conseguir aplicar na fórmula adequada, apesar de eu não exigir a decoreba que eles falam de fórmula, mas nem sempre eu consigo, para chegar a essa abstração para o cotidiano eu preciso chegar em um cálculo um pouco avançado que eles não conseguem abstrair, então só fica nisso, olha isso é a Física, mas calcular propriamente dito não conseguem, porque eles não tem a base do que é.

P: Como você considera o aluno quando seleciona o conteúdo da disciplina?

R: Considerar cada aluno por si só, pessoalmente é impossível para mim, eu penso daquela forma o aluno está na escola, este por si só tem que se esforçar para acompanhar o conteúdo, tenho aulas de reforço, quanto a isso o próprio Estado liberou uma quantia, mas o próprio aluno não se interessava em vir às aulas de reforço, então não consigo pensar nesse aluno, quando eu penso no aluno geralmente eu penso em cinco alunos, cinco alunos por sala, eles acompanham muito bem, quer dizer os outros não acompanham porque isso também é uma coisa que ninguém explica, a gente tenta fazer o melhor.

P: Você faz seleção dos procedimentos metodológicos e de recursos no plano de ensino?

R: Como está a situação, os recursos, às vezes eu os experimento, mas eu trago meu material de casa, na maioria das vezes é a lousa o giz, e as vezes quando eu tenho dinheiro e os alunos colaboram, xerox para também não ficar com dor nos braços.

P: Como você planeja a avaliação?

R: A avaliação também é um critério que eu modifiquei muito nestes anos, no começo eu coloquei trabalhos de aplicação da Física no cotidiano, o conhecimento histórico, o desenvolvimento da Física durante os séculos, aí a evolução, mas agora eu coloquei também algumas listas de exercícios, já coloco a recuperação no planejamento, já coloco um projeto para ele seguir, para ver se ele atinge aí um raciocínio mais amplo da Física, mas fica entre trabalho, lista e prova, sendo que eu dou trabalho e lista e não só aplico prova como na escola particular, porque aí eu tenho um volume muito grande de alunos com nota abaixo, da média escolar, então eu fico com o metodológico que seria a minha lousa e o giz.

P: Recuperação foi um instrumento seu, ou a escola impôs para todos os professores?

R: A escola impõe um planejamento, vamos dizer assim, a recuperação paralela que não tem mais, que seria em outro período que o aluno viria para recuperar com outro professor, então a recuperação tem que ser contínua na sala de aula, então eu seleciono alguns alunos, que estão com mais dificuldade, aí eu tento ver se eles se adequam pelo menos aos outros.

P: Mas esses alunos em recuperação tem aula fora do horário deles? Como você faz?

R: Não tem, é um serviço impossível que eu tenho, porque numa sala de 50 alunos, se eu separo 5 e trabalho com eles os outros 45 põe fogo na sala, então é um trabalho meio esquisito, vamos dizer meio falso, porque pela educação do jeito que está hoje... porque aí você vai acabar fazendo o que, passando um trabalho para, já que o progresso é contínuo, o aluno não reprova, ele passa para o ano seguinte e pode acumular 6 dependências, as matérias todas do ano, quer dizer que ele pode acumular essas dependências, mas para a escola isso não é conveniente, porque é aluno que entra e sai de período, acaba não vindo à escola para fazer as dependências, conclusão, chega no conselho final o aluno é aprovado pelo conselho na sua disciplina, pelo que também você tem 50 alunos na sala de aula, eu não consigo dar recuperação paralela e contínua, na particular que eu tenho 20 dá para controlar, agora quando se tem 50 não dá para controlar, ainda com problemas sociais diferentes, e com problemas familiares, às vezes, muito graves, então eles chegam agressivos à escola, achando que você pode dar o carinho que o pai e mãe não deram.

P: Na elaboração do plano de ensino você se preocupa com mais alguma coisa que não foi perguntada?

R: Não, porque esse plano de ensino, eu vou abrir a sinceridade já que é uma pesquisa para ajudar, no plano de ensino geralmente a gente não refaz, a gente pega pelo que foi feito no ano passado, a gente pega no computador, recorta, cola e entrega novamente, porque não é passada uma história quanto a isso, não tem ninguém que chega, supervisione, a gente segue o padrão que é o parâmetro curricular de ensino, o governo não sabe como está a escola, eu não consigo seguir o P.C.N., muito menos o mais, que aumento um monte de coisas que é impossível para 2 aulas de Física por semana, veja, no particular eu tenho quatro aulas no Ensino Médio, no Fundamental eu tenho duas, mas porque é fundamental, aqui eu só tenho duas, então como eu vou seguir o P.C.N. e ainda mais o mais.

P: Você consulta, ou refaz o plano de ensino em que momento?

R: Eu não consulto, porque já está tudo na cabeça, a gente está mexendo com isso faz anos, então não tem necessidade.

3ª Parte

P: Onde você aprendeu fazer o plano de ensino?

R: Meu plano de ensino eu aprendi a fazer na faculdade, então nós seguíamos assim claramente no P.C.N., que é dado pelo Estado, então no P.C.N., que hoje é dá P.C.N. mas é ainda um conteúdo de 80, então a gente começou a fazer o conteúdo de 80, chegamos no P.C.N., mas nós temos estruturadores que eram os 5 mais da minha área, então para desenvolver esses 5 conteúdos precisamos de um embasamento teórico muito grande, então a gente para desenvolver isso acaba voltando à 1980, quer dizer, mascaram a coisa, mas enfim você fica com a mesma e ninguém te diz qual é o papel da escola pública, é para a vida, é para o vestibular, para que serve a escola? Aí fica aquela coisa de que fica inventando coisas.

P: Qual a importância que você atribui ao plano de ensino em termos de sua prática docente?

R: O plano de ensino se fosse feito como realmente foi dito anteriormente, quando ele começou, que é uma reunião onde todos os professores englobam todas as escolas, melhoria da sua escola, isso funcionaria, mas não dá, você nunca consegue reunir todos os professores, porque um trabalha não sei onde, outro trabalha cá, tem uma vida muito corrida.

P: Vocês não tem um horário de H.T.P.C.?

R: Nós temos um horário de H.T.P.C., mas vamos supor que a escola tenha uns 50 professores, uma Manley Lane tem bem mais, reunir ao mesmo tempo todos esses professores num único H.T.P.C. não dá, então nós temos agora, com esse negócio de fazer curso no H.T.P.C., uma maioria, mas uma maioria de 10 professores no máximo por H.T.P.C., separados durante a semana pelo horário que cada professor tem, seguindo de H.T.P.C.'s para cada curso, então agora no H.T.P.C. do Estado nós fazemos o curso que tem o nome de Teia do Saber, então tem que responder questões, argumentar.

PROFESSORA LUCIA H

1ª Parte

P: A sua escola faz o planejamento escolar também conhecido como planejamento político pedagógico?

R: A minha escola faz.

P: Você participou desse planejamento?

R: Não, quando eu cheguei o planejamento já estava pronto, eu cheguei e entrei em contato com os professores da área, um professor que me indicaram, que seria mais ou menos um coordenador, aí eu conversei com ele, e ele me passou o planejamento da escola.

P: Esse planejamento deu a você um panorama geral do contexto que você trabalha?

R: Me deu, mas claro que ele me falou que eu teria abertura para fazer alterações, mas me deu uma idéia do planejamento geral dos objetivos da escola.

P: Depois de elaborado como você se inteirou dele?

R: Eu cheguei, ele já estava pronto, eu peguei a turma depois, então o professor me passou as informações.

P: Qual a importância que você vê na sua elaboração?

R: A gente cria um certo padrão, porque senão fica uma coisa meio cada um faz o quer, e gera um padrão de acordo com os objetivos da escola.

2ª Parte

P: Você elabora seu plano de ensino? Você elabora individualmente, ou em grupo com os outros professores da mesma disciplina?

R: Eu elaboro. Individualmente, em cima do da escola eu fiz algumas alterações.

P: Quais razões determinam a elaboração do seu plano de ensino?

R: Primeiro, é extremamente importante planejar a aula antes de entrar, principalmente por eu ter pouca experiência, às vezes, saem coisas boas porque a criatividade acaba ajudando, mas às vezes vai por água abaixo, você acaba falando coisas que não revisou um item ainda, aí fica meio confuso, então eu gosto de fazer um planejamento, aliás eu já fiz mais ou menos até o planejamento anual, e aí eu fiz o bimestral, aí a gente vai modificando hoje, amanhã.

P: Qual a sistemática que você utiliza para fazer o plano de ensino?

R: Eu vejo qual o conteúdo, então o que a gente tem que falar primeiro, o que tem que passar, aí nós estamos com função (Ensino Médio), só que eu resolvi introduzir algumas aulas no meio de geometria, para aliviar um pouco, porque fica todo dia função e eles não agüentam mais, então eu fiz assim, eu mesclou aulas de função e geometria, e criei uma seqüência, eu ainda acho importante fazer uma seqüência, porque senão eles se perdem, e a gente está sempre planejando, vimos isso ou isso, agora vimos isso, de qualquer maneira eles já se perdem, mas a gente tenta direcionar o máximo possível.

P: O que você pensa em primeiro lugar, quando se elabora um plano de ensino?

R: Eu dou ênfase ao conteúdo que tem que ser dado, o conteúdo aí mínimo, e a minha preocupação maior, eu acredito que é por que eu tenho pouca experiência lecionando, eu fico procurando, as vezes eu planejo aula com 3 ou 4 livros, eu estou trabalhando com o da escola, mas eu achei outros melhores, então tem aulas que eu vou buscar em outros livros, eu fico assim, porque eu acho que a experiência vai me ensinar, porque eu “apanho muito”.

P: Em que momento você elabora seu plano de ensino?

R: No início do ano, porque eu já fiz até um planejamento para o ano e, aí nos intervalos a gente vai fazendo as modificações, principalmente quando vai começar um conteúdo.

P: Você se preocupa em caracterizar o aluno com quem vai trabalhar?

R: Eu acho importante e eu faço questão, eu não gosto de fazer chamada com número, mas eu estou apanhando porque de cara eu estou aí com 4 turmas, mais de 40 alunos, vira e mexe a gente faz as trocas, mas eu já percebi que eles sentem diferença, mesmo o bagunceiro, quando você conversa com ele pelo nome ele sente diferença.

P: Você se preocupa em incorporar os objetivos gerais da escola, atitudes e valores sugeridos no planejamento escolar em seu plano de ensino?

R: Me preocupar eu me preocupo, mas eu acho que tem coisas que a gente acaba indo pelo bom senso, por exemplo a questão você está formando um cidadão ou você está formando um técnico, eu acho que ou você forma os dois ou você forma um técnico, só o cidadão não dá, eu acho que tem que ter conteúdo, tem que ter a parte técnica, ou eu falo os dois, a gente procura sempre durante as aulas puxar o objetivo da escola, que é cidadão, educação, solidariedade, mas eu também puxo para

a questão do conteúdo, porque eu já ouvi da escola, se não dá para o técnico vai para o social, eu não concordo, ou vai pelos dois ou vai pelo técnico, só pelo social eu acho pouco.

P: Quais são os critérios de fixação dos objetivos e conteúdos no plano de ensino elaborado por você?

R: Quando a gente verifica conteúdo, principalmente matemática, a gente quer uma mínima fixação, mas não fixação só do conteúdo em si, na verdade da fixação do resolver, do participar, do raciocinar, eu brinco sempre com eles vamos colocar o tico e o teco para funcionar, "matemática não serve para nada, mais pelo menos você parou para pensar".

P: Quando você estabeleceu os seus objetivos e os conteúdos, o que você pensou, quais foram os seus critérios?

R: Eu privilegio o conhecimento, então meu primeiro critério é o conhecimento, é puxar o raciocínio.

P: Saber onde ele estava, qual é o conhecimento que ele tinha até então, para você continuar?

R: Na verdade eu tenho um esquema assim, quando eu trabalho com turmas de reforço tenho umas provas diagnóstico, mas aqui no Ensino Médio eu acho que não seria viável, então eu não fiz, aí o que acontece é que ao longo da aula que a gente vai descobrindo, eu tenho aí por costume voltar.

P: Como você considera o aluno quando seleciona os conteúdos da disciplina?

R: Quando eu selecionei o conteúdo eu fui na escola saber quem era esse aluno, claro que quando a gente está dando um conteúdo e a gente vê aquela defasagem geral, a gente para tudo e volta.

P: Você faz um a seleção dos procedimentos metodológicos e de recursos no plano de ensino?

R: No reforço eu consigo fazer isso, eu acho que no Ensino Médio, talvez seja pela minha falta de experiência, eu estou usando só o vamos ver o conceito, entender o conceito e fazer o exercício.

P: Esse recurso que você dá é para o Ensino Médio?

R: Não, é para o Fundamental, eu dou curso de matemática para o Fundamental, 5ª, 6ª, 7ª e 8ª, então eu consegui colocar várias práticas, agora aqui eu não consegui ainda, vamos ver, quem sabe as diferentes metodologias, eu até planejei agora assim trazer, eu não sei se tem a ver na metodologia diferente, mais para puxar um pouco a motivação, eu ia conversar com eles sobre inteligências múltiplas, para tentar puxar algumas outras coisas, mas vamos ver, é tudo um teste.

P: Você planeja a avaliação no plano de ensino? Como você o faz?

R: Planejo, estou tentando fazer assim, uma avaliação individual no bimestre e duas, eu vou fazer uma em dupla, a dupla vai trabalhar com exercícios, e eu vou estar avaliando os dois, que é pela questão do trabalho em grupo, que eles se auxiliam, e esta avaliação em grupo está no meu planejamento.

P: Na elaboração do seu plano de ensino, você se preocupa com mais alguma coisa que não foi perguntada?

R: Acho que é só isso.

P: Como você utiliza seu plano de ensino na prática docente?

R: Teve época de fazer e pelos intérpretes acabar não olhando, mas agora eu estou me preocupando em usar para a gente mesmo não se perder.

P: Você tem feito, em cima do que você fez, e tentou fazer diferente? Você o consulta?

R: Eu acho que desde que eu vim para cá eu já o fiz três vezes. Eu o consulto.

3ª Parte

P: Onde você aprendeu fazer seu plano de ensino?

R: No curso de complementação pedagógica, na faculdade eu tive vários trabalhos que a gente tinha que montar, concurso também, eu já tive concurso que precisava montar plano de ensino.

P: Qual a importância que você atribui ao plano de ensino em termos da sua prática docente?

R: Olha, acho que eu já penso como administradora, uma questão estratégica, se não planejar não sai.

PROFESSORA DENISE H

1ª Parte

P: Sua escola faz o planejamento escolar, também conhecido como planejamento político pedagógico?

R: Sim.

P: Como você participou ou participa dele?

R: É, como eu ingressei esse ano, eu pedi explicação para a coordenadora do curso, e conversei com o diretor também no início do ano, e eles me explicaram, me mostraram, até o planejamento e a partir dele eu desenvolvi o meu planejamento, da minha disciplina de acordo com a estrutura da escola.

P: Esse planejamento deu a você um panorama geral do contexto em que trabalha?

R: Sim, porque eu até pedi para a coordenadora mostrar para mim, porque eu não conhecia a escola, eu queria saber como era a realidade da escola, como era a infra-estrutura da escola, eu achei importante para mim.

P: Então depois do planejamento elaborado, você se inteirou dessa forma, através dessa coordenadora?

R: Isso, através da coordenadora.

P: Qual a importância que você vê na elaboração desse plano de ensino?

R: A importância é a coletividade dos professores, nós que somos os mediadores do ensino de aprendizagem, então é importante a gente estar definindo alguma coisa, e estar de acordo também com o que a escola pretende trabalhar, durante o ano, dependendo do planejamento.

2ª Parte

P: Você elabora seu plano de ensino?

R: Sim, elaborei esse ano.

P: Individualmente, ou em grupo com os professores da mesma disciplina?

R: Elaborei um individual, aí eu peguei o do ano passado, da outra professora que dá aula de manhã, dei uma olhada e entrei em contato com ela, e nós fizemos algumas alterações no meu, acrescentando coisas dela, então quer dizer que estamos num conjunto da mesma disciplina.

P: Quais razões determinam a elaboração do seu plano de ensino?

R: Para a gente dar uma continuidade, a gente estar dando andamento no nosso trabalho, no 1º bimestre, no 2º, para ter uma seqüência de aulas que você vai trabalhar.

P: Qual a sistemática que você utiliza para fazer o plano de ensino?

R: Foi o que eu acabei de te falar, eu peguei o plano da professora do outro ano, porque eu sou nova e não tenho experiência no Ensino Médio com o Inglês, eu tinha de 5ª à 8ª, então eu vi os objetivos de acordo com o P.C.N., e fui seguindo de acordo com o que a outra professora tinha elaborado anteriormente.

P: O que você pensa em primeiro lugar, quando você elabora o plano de ensino?

R: A qualidade de ensino.

P: Você se preocupa em caracterizar o aluno com quem vai trabalhar?

R: Como eu iniciei agora eu não conheço muito bem os alunos ainda, de início não conhecia, a partir de agora já estou conhecendo, eu pergunto para os coordenadores, pois eles tem mais contato com os alunos, com os familiares também, eu procuro me interagir para conhecer esse aluno, para a gente estar trabalhando, tudo sobre eles.

P: Você se preocupa em incorporar os objetivos gerais da escola, atitudes e valores sugeridos, no planejamento escolar em seu plano de ensino?

R: Sim.

P: Quais são os critério de fixação dos objetivos e conteúdos no plano de ensino elaborado por você?

R: Em 1º o PCN., seguir também os objetivos que visem o PCN. mesmo, a coordenadora nos orientou a estar seguindo o PCN., estar seguindo o plano anterior, para o aluno estar sempre aprendendo a tradução de texto, trabalho com textos, orais, músicas, utilizar também os equipamentos da escola como TV, Vídeo, para estar melhorando.

P: Como você considera o aluno quando seleciona os conteúdos da disciplina?

R: Bom, os alunos daqui são meio desinteressados, por isso meu conteúdo é bastante especificado, coisas diferentes, porque eles não se interessam muito pela matéria, Inglês é tipo meio que de lado, tento trabalhar coisas novas para ver se desperta neles o gosto pela disciplina.

P: Você faz seleção dos procedimentos metodológicos e de recursos no plano de ensino?

R: Sim, trabalho com revistas, com os recursos que tem na escola, e mesmo quando não tem na escola, eu corro atrás para ficar uma aula mais interessante, melhor para eles aprenderem.

P: Você planeja a avaliação no plano de ensino?

R: Planejo, porque muitas coisas eu mudei um pouquinho, assim no meu planejamento, os professores de Inglês na avaliação delas não tem provas, é uma avaliação onde no decorrer das aulas, eles vão anotando, mas eu aplico prova como forma de avaliação.

P: Na elaboração do plano de ensino, você se preocupa com mais alguma coisa que não foi perguntada?

R: A minha preocupação maior é na qualidade mesmo, a gente dá procedimento, métodos, equipamentos para estar trabalhando, mas já foi perguntado.

P: Como você utiliza o plano de ensino na sua prática docente? Você o consulta?

R: Às vezes eu dou uma fugidinha, porque aparecem novos materiais, tipo uma reportagem que apareceu na VEJA, eu achei importante para trabalhar. Entrou uma professora nova agora, ela pegou umas aulas que estavam sobrando, e eu dei uma alterada no meu planejamento, eu queria que ela desse umas idéias, sempre o consulto e, faço mudanças também na medida do possível.

3ª Parte

P: Onde você aprendeu a fazer o plano de ensino?

R: Aqui na escola com a coordenadora.

P: Qual a importância que você atribui ao plano de ensino em termos de sua prática docente?

R: É importante, porque com o plano de ensino você vai adquirindo mais experiência, eu peguei o plano de ensino anterior e, olhando ele eu já fui dando uma mudada, então é importante para nossa prática, para estar sabendo o que você pode dar, dar uma seqüência, eu acho importante, a cada dia que passa a gente vai tendo mais prática, aprendendo mais coisas, seguindo outras coisas.

P: Seria assim o plano de ensino um caminho que você estaria seguindo?

R: É, eu sempre vou estar utilizando o plano de ensino, mas não que eu vou seguir sempre este plano de ensino, porque com o tempo eu acho que vou adquirir mais experiência, então eu acho que vai melhorar, eu acho que vou seguir sim, mas não o mesmo, vou estar sempre atualizando ele, tentando outras coisas que sejam importantes para aquele ciclo, para aquela etapa.

PROFESSORA SUELI H

1ª Parte

P: Sua escola faz planejamento escolar também conhecido como planejamento político pedagógico?

R: Pelo que falam para a gente, sim; mas eu nunca tive acesso a esse planejamento, inclusive era uma coisa de estágio a gente saber sobre planejamento escolar e tudo mais, e tem um planejamento escolar mas eu não conheço.

P: Como você faz ou participa desse planejamento?

R: Eu não participei, desse planejamento não.

P: Depois do planejamento elaborado, como você se inteira dele?

R: Na verdade eu acho que seria o caso de eu ir buscar o planejamento junto aos coordenadores e junto ao diretor da escola, mas eu nunca o fiz, quando eu estava fazendo o Estágio, eu até cheguei buscar, mas era uma coisa assim muito rápida, na verdade eu não tomei muito conhecimento, eu não me lembro.

P: Qual a importância que você vê na sua elaboração?

R: Eu acho assim de primeira ordem, na verdade eu acho que uma escola sem planejamento não tem como, é uma escola com 2 mil alunos, mesmo com planejamento, eu acho, meio até, não é viável, é difícil de ser cumprido, não é fácil, a gente trabalha com muito mais de 40 professores, é difícil, mas eu acho que é importante, é um planejamento que tenha que englobar todas as matérias, todas as disciplinas.

2ª Parte

P: Você elabora seu plano de ensino? Individualmente, ou em grupo com os professores da mesma disciplina?

R: Elaboro. Na verdade, no início do ano tem uma semana que a gente faz o planejamento, este planejamento que está vigorando agora, na verdade, é planejamento que já vem de alguns anos, eu aproveitei o da professora que é uma professora estável, eu o peguei e mudamos algumas coisas e, continuamos com o mesmo planejamento, a gente não parou para fazer um novo planejamento, isso a gente não fez, a gente aproveitou o mesmo que já estava vigorando, eu e outras duas professoras de Artes que estão dando aulas em outras salas.

P: Quais razões determinam a elaboração do seu plano de ensino?

R: Esse foi feito em cima de um outro, por exemplo, o planejamento que eu faço na Prefeitura é totalmente diferente, lá eu levo em consideração algumas coisas que vão ser necessárias para os alunos, que eles precisam saber, que eles precisam ter conhecimento na hora de sair do Ensino Fundamental, com base nisso eu monto meu planejamento, o que eu acho que eles tem que ser capazes de saber, quais são as habilidades que eles precisam no final do Ensino Fundamental, o planejamento do Colegial, na verdade ele foi reaproveitado, eu vejo falhas nele, eu não o faria do jeito que ele está, se eu o fizesse teria que pegar ele do zero, mas como ele tinha que ser feito em conjunto, a gente achou por bem manter do jeito que está, continuar trabalhando assim, até para poder saber como a “coisa” estava funcionando.

P: Qual a sistemática que você utiliza para fazer o plano de ensino?

R: Primeiro eu vejo qual é o objetivo que eu quero alcançar, a partir desse objetivo eu tento ver quais são os conteúdos, e como que eu vou alcançá-los, aí eu vejo como eu vou fazer para dar essa aula, quais são os textos que eu vou passar para os alunos, quais são as obras de arte que eu vou usar para poder fazer com que eles entendam aquilo que eu quero que eles entendam, vai depender um pouco do conteúdo, mas eu passo primeiro os objetivos, porque o planejamento do Ensino Fundamental é bem amplo, mas só o que eu quero que eles atinjam, aí eu vou subdividindo entre a 8ª, 7ª, 6ª, 5ª séries, aí eu vou descer mais no nível de semestres, depois no nível de bimestres, mensal e aulas propriamente ditas, porque aí sim eu faço um planejamento meio que semanal, por exemplo, eu tenho duas aulas com a 5ª série, quando eu vou dentro do meu planejamento bimestral,

“aula por aula”, aí eu trago meio que uma aula pronta para a sala de aula, tipo assim, um roteiro, porque senão vou “sair fora” completamente, na hora que você começa dando aulas, você percebe que os alunos tem outros interesses, aí você tenta meio que buscar esses interesses, porque também, senão você não consegue dar aulas, às vezes você se prepara para dar uma aula, busca material, “faz e acontece”, aí quando você chega na sala de aula, a sala é tão apática “que morre”, aquela aula fica uma aula horrorosa, e às vezes você nem está com uma coisa bem preparada, e aí os alunos estão mais receptivos e a coisa sai mais facilmente.

P: O que você pensa em primeiro lugar quando você elabora o plano de ensino?

R: Nos objetivos finais que eu quero alcançar.

P: Em que momento você elabora esse plano?

R: No início do ano, mas é isso que a gente acabou de falar, ele muda muito, esse anual, ele acaba meio que flexibilizando, e na área de Artes, eu não sei se nas outras áreas é a mesma coisa, às vezes tem algumas datas assim que requerem que a aula de Artes absorva, por exemplo, se é o dia das mães, dia dos pais, tem a festa junina, então é o que acaba ficando para Artes, aí você acaba bagunçando um pouco seu plano, por conta dessas datas e tudo mais, tem que às vezes tirar um conteúdo que você ia dar e, adaptar, ou às vezes até dentro daquele dia, por exemplo, na páscoa lá no município, porque aqui pouco essas datas influenciam, na municipal como é de 5ª à 8ª série, as crianças ainda esperam alguma coisa, então, na páscoa eu tinha lá um determinado conteúdo, eu peguei e aproveitei para fazer um cartão de páscoa, aproveitando aquele conteúdo que eu estava dando, para não perder completamente o “fio da meada”, porque senão você pára às vezes 2/3 semanas, e aí quando você volta já tem que começar tudo de novo, então é meio complicado.

P: Você se preocupa em caracterizar o aluno com quem vai trabalhar?

R: Certamente, é importante, porque, por exemplo, eu dei aula na Cooperativa no ano passado, no segundo semestre e era completamente diferente, era um outro público de Ensino Fundamental que eu dava aula, é até uma questão para você preparar o planejamento, é importante você saber quais são os conhecimentos daquele público, senão você acaba “patinando”, na Cooperativa eu senti que eles tinham um preparo muito maior, principalmente para Artes, eu acho que é porque eles já vinham desde o Ensino Fundamental tendo aulas com a professora específica, tem que levar em consideração, não tem como não levar, eu acho.

P: Você se preocupa em incorporar os objetivos gerais da escola, como atitudes e valores sugeridos no planejamento escolar no seu plano de ensino?

R: Na verdade eu nem sei se isso faz parte do planejamento escolar, deve fazer, mas essa parte atitude dos alunos é uma coisa que a gente tem que trabalhar o tempo inteiro, porque tem uma crise de valores muito grande dentro da escola, fica muito difícil da gente conseguir lidar, então aí a gente vê essas coisas, nessas atitudes, aliás acho até que acaba atrapalhando um pouco a nossa aula, porque você tem que estar o tempo inteiro prestando atenção em certos valores, para certas combinações que você faz com os alunos, e é uma coisa que acaba atrapalhando e influenciando a aula, não tem como não influenciar.

P: Quais são os critérios de fixação dos objetivos e conteúdos no plano de ensino elaborado por você?

R: Na verdade, para ser bem sincera com você, eu fui buscar livro e, ver o que se esperava dentro daquele livro, dentro dos livros didáticos, eu nunca o fiz assim, sozinha, ou então às vezes um coordenador me ajudou, por exemplo, lá na Cooperativa foram as coordenadoras que me ajudaram em algumas coisas que a própria escola queria que fossem trabalhadas, mas no Fundamental da Prefeitura eu fui meio que na base dos livros mesmo para fixar esses objetivos.

P: Como você considera o aluno quando seleciona os conteúdos da disciplina?

R: É aquilo que te falei, dependendo do que eles trazem, do princípio do aluno, da classe social, aí eles são colocados assim, quem é importante é o aluno, o público para quem eu estou dando aulas, se eu não souber desse público, o que eles trazem para mim, para eu poder dar continuidade, para ver qual é o objetivo, eu preciso saber qual é o público, é isso e mais aqueles objetivos que tem nos livros, que é mais ou menos e esperado do Fundamental, o esperado do Colegial, agora eu acho que a tendência é sempre eles irem caindo cada vez mais, você fixar um objetivo e ele ter que baixar, e o público está ficando cada vez mais pobre de conteúdo, isso é complicado.

P: Você faz seleção de procedimentos metodológicos e de recursos no plano de ensino?

R: Faço, eu faço assim, eu coloco lá se eu vou usar um filme, ou se eu vou usar um texto, uma obra de arte, uma releitura, enfim, essas coisas assim eu procuro fazer na hora do planejamento, já no planejamento anual, aí quando vai caindo para as aulas eu vou especificando cada vez mais para chegar naquela “aula a aula”.

P: Você planeja avaliação no planejamento?

R: Planejo, mas assim, no caso da minha disciplina, a avaliação que eu faço é muito assim, no dia a dia, é tipo assim, o cara fez lá o texto, ele já faz uma compreensão daquele texto, a compreensão do texto também usa as imagens, então tudo faz parte do processo, eu até uso avaliação, mas avaliação como meio para eles lerem os textos, nesse sentido, avaliação tipo prova.

P: Na avaliação do plano de ensino, você se preocupa com mais alguma coisa que não foi perguntada?

R: Acho que é isso mesmo, a gente falou de metodologia, avaliação, conteúdo, objetivo, público.

P: Como você utiliza o plano de ensino na sua prática docente? Você o usa?

R: Uso, aliás eu não saberia não usar, acho que é até porque eu não tenho experiência, eu estou começando agora na área, acho que é assim, se eu não tiver um planejamento, eu não consigo saber o porque daquilo que eu vou dar, porque para mim é muito importante, principalmente essa “aula a aula”, que se faz com base no planejamento anual, é como se fosse um roteiro, porque senão não sai, eu acho importantíssimo.

P: Você o refaz?

R: Refaço, quando chegar o final do ano tem alguns conteúdos que eu já vou tirar do plano anual, porque eu já estou vendo coisas que não dão certo, ou para aquele público, para aquela faixa etária, porque uma coisa é o livro, outra coisa é ali no dia a dia, ali o público que você pega.

3ª Parte

P: Onde você aprendeu a fazer seu plano de ensino?

R: No curso, no livro.

P: Qual a importância que você atribui ao plano de ensino em termos de sua prática docente?

R: É isso que acabei de te falar, eu acho que sem plano não tem como trabalhar, eu não conseguiria trabalhar sem ter esse roteiro de trabalho, eu não vejo como fazer sem esse plano.

PROFESSOR DAGOBERTO G

1ª Parte

P: A sua escola faz o planejamento escolar também conhecido como planejamento político pedagógico?

R: O problema é o seguinte, aqui nessa escola eu tenho uma aula, eu dou uma aula alternada, só uma aula por semana, que é o nosso horário, eu venho na quarta, quinta e sexta, eu tenho mais, mas são lá em Ibiúna.

P: E aqui você conhece esse planejamento?

R: Conheço, e eu me dediquei mais ou menos a esse planejamento deles.

P: Como é que você participou ou participa desse planejamento? Você não foi obrigado a participar?

R: Não fui, mas eu fiquei com receio de sair, é que o planejamento em todas as escolas é difícil, mas você não tem que dar um planejamento, normalmente você não dá seu planejamento, você dá sob aquele planejamento, mas é indeterminado, principalmente Geografia que é muito atual, atualidades, porque acontecem coisas novas, igual quando eu estava dando aulas, aconteceu aquele atentado no

Estados Unidos, nós passamos setembro inteiro falando sobre aquilo, mudou totalmente, tem que se informar, tem que ler, porque os alunos pegam facilmente.

P: Depois desse planejamento elaborado, como você se inteirou dele? A direção te mostrou o planejamento, ou você pediu?

R: Eles passaram para mim, falaram como eu ia fazer, aí eu me inteirei fazendo conforme as atualidades.

P: Qual a importância que você vê na elaboração do planejamento escolar?

R: Você tem que saber mais ou menos do que vai falar, sobre um determinado assunto, se você não vai falar sobre nada você fica meio vago, por exemplo, elaborar se você vai falar sobre um problema político, você vai falar sobre aquele assunto naquele local, quer dizer, globalizando tudo, porque agora a globalização é essencial você falar em Geografia.

2ª Parte

P: Você elabora seu plano de ensino? Individualmente, ou em grupo com os professores da mesma disciplina?

R: Na medida do possível, sim. Às vezes, nem sempre, porque às vezes eu tenho que estar numa aula, mas quando tem condições, quando a gente se encontra, teve um professor que eu estive falando com ele ontem, e perguntei para ele o que ele estava passando, porque ele dá aulas no 3º A e B, e eu no 3º C, então a gente conversa com os professores da mesma matéria, para ter uma coisa uniforme.

P: Quais as razões que determinam a elaboração do seu plano de ensino?

R: Bom, de ano em ano a gente modifica alguma coisa, porque é sempre diferente, sempre acontecem coisas novas, então o plano de ensino da gente é lapidável, tem um esquema, tem um dito plano e nesse plano você vai modificando as coisas mais sensatas, para aquele determinado ano, não fugindo nunca, por exemplo, de falar do nosso grupo, que é Geografia, urbanização atual, guerra fria, sempre tem esses assuntos que a gente tem que abordar, mas não vai pegar especificamente, porque não é História, mas já é parte geográfica, ainda mais no Ensino Médio, que seria mais ou menos um ensino mais elaborado que o ensino de 5ª a 8ª série, no 1º, 2º e 3º colegial a gente vai querer falar mais sobre coisas do mesmo assunto, não pode ter muita mudança, a não ser que seja, por exemplo, no 3º ano eles gostam que eu fale muito sobre planalto, planície, relevo, depressões, esses assuntos que seriam mais Geografia Física, mas a gente tem que explicar tudo, principalmente para o cursinho, a gente faz eles pegarem o gosto, e também você não é um técnico ambulante, você não vai saber de tudo o que acontece.

P: Qual a sistemática que você utiliza para fazer o plano de ensino, o que você pensa em primeiro lugar quando elabora um plano de ensino?

R: A gente determina pelo plano de ensino que você fez o ano passado, o que os amigos fizeram o ano passado a gente pega, se bem que quase 80% dele é mudado.

P: Você se preocupa em caracterizar o aluno com quem vai trabalhar, aspecto social, cultural e escolar?

R: É difícil assim, porque você não pode, sempre na sala são 40 alunos, sempre tem aqueles grupinhos que se interessam mais, tem os que não se interessam nada, não quer saber, então, normalmente você tem que esperar oportunidades, se bem que, às vezes, você pode ser meio chato, por exemplo, eu dou aula numa 8ª série de Ibiúna que é bem complicado, a gente tenta, agora quando é assim normal, por exemplo, eu trabalho os 3º lá e, os 3º de lá são diferentes, são aqueles adolescentes de 16/17 anos que se interessam mais, eles cobram mais, e isso é muito bom, mas nem todos, tem um grupo, uma porcentagem. Normalmente eu procuro dar textos e nesses textos, por exemplo, dou uma prova com 20 questões, uma prova consulta, que era inclusive para eles consultarem com contagem de pontos, valendo meio ponto cada questão, mas ninguém conseguiu tirar oito, e olha que era consulta, e porque, às vezes, pensam que é só ver, ler e fazer, mas não é bem assim não e, tiveram muitas notas vermelhas.

P: Você se preocupa em incorporar os objetivos gerais da escola, tais como, atitudes e valores sugeridos no planejamento escolar no seu plano de ensino?

R: Objetivo normalmente é a educação, eu discordando, às vezes, em muitos fatos, a gente tenta fazer, mas a gente pode discordar, mas normalmente não tem muito, a gente tenta seguir as normas da escola, mas não que a gente concorde 100% com tudo.

P: Quais são os critérios de fixação dos objetivos e conteúdos no seu plano de ensino, ou no plano elaborado por você? Como você estabelece os objetivos dentro do seu plano de ensino, e como você seleciona os conteúdos?

R: No caso, Geografia como eu te falei, são as atualidades, mas o que está acontecendo, porque isso aí é mais informação, saber o que está acontecendo, lendo, se informando, eu acho que você não consegue expor uma coisa nova, um exemplo, aquele atentado nos Estados Unidos, eu procurei me informar bem para saber, para poder falar para os alunos, eu expliquei bem, você não consegue fazer nada se você não tiver uma estrutura financeira, você não consegue estudar, você não consegue entrar numa universidade.

P: Como você considera o aluno quando seleciona os conteúdos da disciplina?

R: A gente fala sobre atualidades, quer dizer, a matéria atual, acontecimentos, mas isso eu tenho passado, e esse aluno normalmente tem que ter uma visão muito cara, porque, às vezes, não é o problema só do momento, às vezes, ele está pensando em outras coisas, não está nem aí, então você tem que procurar trazer ele para você, se você começa falar uma coisa e o aluno não se interessa pelo assunto, se torna uma aula monótona, ele não está se interessando que você está falando, agora para você trazê-lo você tem que saber o que aconteceu com o aluno, muitas vezes tem problemas, dependendo do lugar, não aqui porque aqui a gente está no centro de São Roque, um local bem rural, você vê que as pessoas são bem simples, então a gente tem que trabalhar de outro jeito, e isso é meio complicado porque a sua cabeça tem que funcionar por aula, não é fácil e, o salário é pequeno.

P: Você faz seleção dos procedimentos metodológicos e de recursos no plano de ensino?

R: Na medida do possível a gente tenta fazer, a gente tenta porque corre de um lugar para outro, mas já vem na cabeça o que você vai dar, se você precisa de um mimeógrafo, ou de uma xerox, você chega na escola e já fala todo esse assunto que você quer.

P: Você planeja avaliação no seu plano de ensino?

R: Não, avaliação que normalmente eu dou é diária, porque se você focalizar só um dia, uma prova e acabou, não dá para avaliar, tem que avaliar diariamente, todo dia eu marco se o aluno está ou não, eu acho muito importante você falar sobre isso aí, porque, às vezes, eu falo para o aluno com números e, você não pode rotular os alunos com números, porque eu acho que de vez em quando tem que falar o nome do aluno, para o aluno saber que ele está caracterizado.

P: Você tem o plano de ensino escrito?

R: Eu faço ele, às vezes, eu direciono em casa.

P: Na elaboração do plano de ensino você se preocupa com mais alguma coisa que não foi perguntada?

R: Não, acho que não, acho que foi mais a atualidade, sempre que você tem um plano de ensino de um jeito, você vai atualizando mais diariamente, é como eu te falei, hoje é um dia, amanhã pode ser diferente.

P: Como você utiliza o plano de ensino na sua prática docente? Você refaz esse plano?

R: Normalmente, diariamente.

P: Você consulta esse plano para saber o que você vai dar essa semana?

R: Na medida do possível eu tento consultar, senão eu não vou saber o que vou dar, por exemplo, o diário é um documento importantíssimo da gente, o livro didático também, mas não só o livro didático, tem as atualidades também.

3ª Parte

P: Onde você aprendeu a fazer o plano de ensino?

R: Na faculdade e na escola.

P: Qual a importância que você atribui ao plano de ensino em termos de sua prática docente?

R: Para conseguir dar aula, eu acho que se você não tiver, você chega lá sem saber nada, se você não tiver uma noção, uma orientação básica do que você tem que dar, isso é essencial.

PROFESSOR MARCOS G

1ª Parte

P: Sua escola faz planejamento escolar, também conhecido como planejamento político pedagógico?

R: Não, que eu saiba não.

P: Então você não foi inteirado desse planejamento por ninguém, direção, coordenação?

R: Não, por ninguém.

P: Qual a importância que você vê nessa elaboração?

R: Bom, eu acho que a escola tem que funcionar em cima de planejamento, como uma empresa, como qualquer outro setor, e eu vejo assim, que a partir do momento que a gente tivesse um planejamento direcionante a gente teria um objetivo melhor, a gente poderia trabalhar mais diretamente relacionado à isso, assim como conduzir as nossas aulas, qual o objetivo que a gente tem que atingir, hoje a gente trabalha assim, cada um por si e Deus por todos, eu vejo a importância nisso, de se ter um planejamento, de se ter uma programação e, estar todo mundo falando a mesma língua, tendo os mesmos objetivos, se vai trabalhar ou não com inclusão, se o objetivo aqui é formar um aluno para o vestibular, se o objetivo aqui é formar um aluno para ser um cidadão, se de repente a escola tem ou não algum exemplo, que tipo de sistema educacional, tradicional, até então eu sinto falta disso, porque eu como veterinário, eu não tive essa formação, eu gostaria de aprender alguma coisa e a gente acaba não aprendendo nada, a gente acaba fazendo do jeito que a gente foi educado.

2ª Parte

P: Você elabora seu plano de ensino?

R: Não.

P: Mesmo não elaborando você poderia apontar algumas razões que determinam essa elaboração?

R: Eu acho que é importante a gente elaborar um plano, para pelo menos a gente poder também programar uma aula melhor, e assim, outros professores de Química na escola estarem também nos três períodos (manhã, tarde e noite), procurando fazer os mesmos trabalhos, quando eu cheguei aqui no período da noite, por exemplo, eu não sabia nem o que eu ia dar.

P: Se você fosse fazer plano de ensino, qual a sistemática que você utilizaria, o que você pensaria em primeiro lugar para elaborar seu plano de ensino?

R: Bom, eu particularmente, iria pensar em que objetivo eu tenho que formar, para que lado que o aluno tem que ir, para fazer um vestibular ou um concurso, ou simplesmente para formar um cidadão ou algo parecido, se for para formá-lo para o vestibular eu tenho que puxar mais a matéria, tem que ser mais tradicionalista, teria que dar mais exercícios, pelo que a gente percebe, pelo pouco que se tem de ensino, por exemplo, esse negócio de formar um cidadão, a gente fica meio perdido, mas eu procuraria saber qual é o objetivo principal, e para que minha aula irá ser direcionada.

P: Você se preocuparia em caracterizar o aluno com quem vai trabalhar, aspecto social, cultural, escolar?

R: Se eu fosse direcionar para um vestibular, eu não me importaria, se eu for levar para o lado cidadão, ou algo parecido, eu acho que eu levaria mais, mas eu acho também assim, esses aspectos sociais que são extremamente amplos, nem todos, alguns aspectos sim.

P: Você se preocuparia em incorporar os objetivos gerais da escola, como por exemplo, atitudes e valores sugeridos no planejamento escolar no seu plano de ensino?

R: Se tiver o plano escolar e esse fosse o meu objetivo, sim.

P: Quais seriam os critérios de fixação desses objetivos e conteúdos no plano de ensino?

R: Eu não sei se entendi direito, mas o meu objetivo está relacionado também ao meu plano, se eu for “jogar” para um aluno de vestibular o meu objetivo é conteudista, colocar o conteúdo e “bater” em cima, se eu for “jogar” para um aluno mais social, este como cidadão, que acho que teria que ver qual o principal objetivo a alcançar, quais são os caminhos nessa fixação de objetivos, e partir para tentar pegar o aluno na minha matéria que eu acho super difícil, abrindo a verdade, tentar jogar um contexto mais real, visitar mais indústrias, mostrar como a Química funciona no dia a dia, programar mais eventos, tentar integrar ele à sociedade de algum jeito, levar o problema do lixo para ele, da reciclagem, tratamento de água, poluição de ambiente, seria mais assim.

P: Você faz seleção dos procedimentos metodológicos e de recursos no plano de ensino?

R: Hoje não, porque o meu plano hoje, que é planejamento anual, eu pego ele, vou no meu livro, olho a matéria e continuo, uma forma expositiva.

P: Você planeja avaliação no seu plano de ensino?

R: Planejo, sim.

P: Na elaboração do seu plano de ensino, você se preocupa com mais alguma coisa que não foi perguntada?

R: Não sei responder, talvez não.

3ª Parte

P: Você teve conhecimento do plano de ensino?

R: Não, a primeira parte você falou de planejamento escolar, para ser bem franco eu vim escutar esse ano aqui na escola, que por um acaso comentaram, eu nem sabia que existia isso.

P: Mesmo não o fazendo nem o utilizando, você vê importância no plano de ensino em termos de sua prática docente?

R: Eu acho que é importante você ter um plano de ensino, porque é como uma empresa, eu sempre trabalhei em empresa privada, e trabalhei muitos anos como autônomo, então eu acho que a vida tem que ter um planejamento, tem que ter uma programação, senão fica muito o “diz que me diz”, e não se resolve nada, eu acho super importante, não tenho como falar com exatidão em detalhes sobre um plano, se um plano é melhor que o outro, isso eu não saberia, agora que eu acho que tem que ter sim, com certeza.

PROFESSOR ANTONIO H

1ª Parte

P: Sua escola faz o planejamento escolar também conhecido como planejamento político pedagógico?

R: Desde que eu estou aqui nunca, já ouvi falar, tanto na faculdade quanto no curso, aqui eu nunca fiz, mas na outra escola que eu leciono nós fizemos.

P: Mesmo não tendo feito você sabe se existe aqui esse planejamento?

R: Falam que existe, mas que ele está desatualizado, desde que eu estou aqui nunca foi feito, se é um do jeito que eu estou pensando, que é um planejamento político pedagógico que eu fiz numa outra escola, eu nunca tive acesso, mas falam que tem.

P: Qual a importância que você vê na elaboração do planejamento escolar?

R: É importante para conhecer a realidade do aluno, por exemplo, vou falar pela minha experiência da outra escola, nós fizemos todo um levantamento com os alunos, desde quantas pessoas tem na família, onde moravam, se tem água, se tinha luz, nós fizemos um levantamento geral.

P: Vocês fizeram isso antes do início do ano?

R: Foi em 2001, depois também não foi mais atualizado, desse eu participei, esses dados foram entabulados, aí nós tivemos uma idéia da realidade do aluno, se eles moram com os pais se eles moram com os avós, quantos irmãos tem, qual era mais ou menos a renda da família.

2ª Parte

P: Você elabora seu plano de ensino? Individualmente, ou em grupo com os professores da mesma disciplina?

R: Sim, elaboro. Aqui nós elaboramos em grupo com os professores da mesma disciplina.

P: Quais razões determinam a elaboração do seu plano de ensino?

R: Nós procuramos trabalhar com o que nós professores achamos importante, baseados tanto no conteúdo da Geografia, quanto na questão da atualidade, porque você não pode falar da atualidade para o aluno se você não der o conceito da Geografia, então nós procuramos trabalhar conceito e atualidade, para que as coisas façam sentido para o aluno, não só conceito e nem só atualidade.

P: Qual a sistemática que você utiliza para fazer seu plano de ensino? O que você pensa em primeiro lugar quando elabora o plano de ensino?

R: Procuo pensar principalmente nos conteúdos, porque eu vou passar o que eu acho importante, e questões ligadas ao vestibular, mas para que vá ser direcionado para isso.

P: Em que momento você o elabora?

R: No começo do ano.

P: Você se preocupa em caracterizar a aluno com quem vai trabalhar, aspecto social, cultural, escolar?

R: Não, nós não sabemos, nós não fazemos esse levantamento do aluno, mas o ideal é que você conheça a realidade do aluno no começo, eu não me preocupava com isso, hoje a minha preocupação é maior, porque tem gente que trabalha, então você não pode exigir demais do aluno, então para o período da manhã é um tipo de aula, para tarde é outro, e à noite é completamente diferente, eu faço planejamento baseado no período que eu vou trabalhar, em determinadas salas são diferentes.

P: Você se preocupa em incorporar os objetivos gerais da escola como atitudes e valores sugeridos no planejamento escolar no seu plano de ensino?

R: Dentro do que a Geografia nos permite a gente coloca, questões como temas transversais, aí você consegue trabalhar esse tipo de valores, mas dentro do possível, nem sempre é possível.

P: Quais são os critérios de fixação dos objetivos e conteúdos no plano de ensino elaborado por você?

R: A prioridade é parte de fundamentos da Geografia, porque são coisas que serão exigidas deles para o vestibular, porque queira ou não a minha formação é voltada para o vestibular, eu não estudei só para terminar o 3º colegial, eu continuei estudando e acho que é importante para eles terem o conhecimento do conteúdo que vai ser cobrado deles possivelmente, ou numa prova, ou num concurso público, ou alguma coisa assim.

P: Como você considera o aluno quando seleciona os conteúdos da disciplina?

R: Eu procuro conversar com eles, ver se trabalham ou não, ou geralmente se tem outras atividades, não só se trabalham, tem uns que fazem curso técnico.

P: Você faz seleção dos procedimentos metodológicos e de recursos no plano de ensino?

R: Dentro do que a escola me oferece, giz e lousa, eu procuro preparar minhas aulas para utilizar esses tipos de recursos, porque você não pode nem considerar a biblioteca como recurso porque ela

fica mais fechada, não tem uma pessoa para tomar conta, estourando são dez computadores, as salas são com 40/50 alunos, então a informática fica não como recurso, mas como fonte de pesquisa.

P: Você planeja avaliação no seu plano de ensino?

R: Não.

P: Como você utiliza seu plano de ensino na sua prática docente? Você o refaz?

R: Constantemente.

P: Você o consulta?

R: Sempre, eu acho que a partir do final do 1º bimestre eu já estou consultando o plano, se eu estou seguindo-o, se vejo necessidade de fazer alguma mudança eu faço.

3ª Parte

P: Onde você aprendeu a fazer o plano de ensino?

R: Na teoria eu aprendi na escola com os professores da área no curso de licenciatura, mas na prática com os professores da própria escola.

P: Qual a importância que você atribui ao plano de ensino em termos de sua prática docente?

R: Eu acho que é um caminho, uma direção, ele te dá um começo, aí depois é você que vai direcionando conforme a necessidade da classe, ou dependendo do período, é muito relativo, mas é um começo, porque tem que começar de algum lugar, eu planejo, mas eu posso segui-lo ou não, tem que ser flexível, senão você não consegue.

PROFESSORA MARIA H

1ª Parte

P: Sua escola faz planejamento escolar também conhecido como planejamento político pedagógico plano de ensino?

R: Faz.

P: Esse planejamento dá a você um panorama geral do contexto em que trabalha?

R: Dá.

P: Como você participa ou participou, foi obrigada ou não?

R: Não, eu acho que praticamente é uma coisa necessária, a gente tem que fazer, não se torna obrigatório, é necessário, ele faz parte, tem que vir no planejamento, mas acho que é uma coisa que é necessária, fazer um planejamento, senão não tem como trabalhar.

P: Depois do planejamento elaborado como você se inteira dele?

R: A gente costuma sentar, os professores de Matemática e, discutir o que a gente acha viável para as séries, o que a gente pode incluir, o que a gente pode retirar, e tenta trabalhar todo mundo dentro daquilo que foi planejado, pelo menos a gente tenta.

P: Nesse planejamento escolar participam todos os professores, de todas as disciplinas, não só de Matemática?

R: Não, a gente divide por áreas, então a gente divide a turma de Matemática e faz o planejamento de Matemática.

P: Qual a importância que você vê na sua elaboração?

R: Eu acho que em primeiro lugar, a gente faz um planejamento para conhecer a clientela, então a gente tem que conhecer a clientela para saber se tem que fazer algum replanejamento, acho que é por isso que tem que existir o replanejamento, porque, às vezes, você planeja uma coisa, mas a

clientela que você tem não está preparada, ou você tem que melhorar, ou você tem que dar uma reduzida naquilo que você vai dar, porque as salas são muito diferenciadas umas das outras, então nem sempre o seu trabalho você consegue andar de uma forma diferente, o rendimento é diferente de uma sala para outra, então acho que o planejamento é importante por isso, para a gente poder também diferenciar isso entre os alunos.

P: Não há nenhum momento em que se reúnem todos os professores de todas as disciplinas?

R: Sim, a gente se reúne primeiro, todos os professores, o diretor conversa com a gente no início do ano, passa alguma coisa e depois a gente se divide em áreas.

P: E essa reunião inicial, que estão todos os professores são estabelecidos alguns objetivos?

R: Eu acho que não, porque a gente sabe mais ou menos o andamento da escola.

2ª Parte

P: Você elabora seu plano de ensino? Individualmente, ou em grupo com os professores da mesma disciplina?

R: Elaboro, com os professores.

P: Quais razões determinam a elaboração do seu plano de ensino?

R: Eu acho assim, que dentro de cada série, a gente tem que ver o que vai ser mais necessário para o aluno, é o que eu falei, às vezes a gente tem um planejamento, e às vezes tem que mudar alguma, ou incluir alguma coisa, porque com a mudança a gente vai reformulando o planejamento, por isso que a gente discute o que vai ser feito.

P: Qual a sistemática que você utiliza para fazer o plano de ensino? O que você pensa em primeiro lugar quando elabora o plano de ensino?

R: Eu penso em primeiro no conteúdo que o aluno vai aprender.

P: Em que momento você elabora?

R: Eu procuro elaborar quando nós estamos reunidos, discutindo o que a gente vai fazer, e se necessário depois que a gente vai conhecendo os alunos e as salas a gente dá uma reformulada nesse planejamento.

P: Você se preocupa em caracterizar o aluno com quem vai trabalhar, aspecto social, cultural?

R: Não, caracterizar o alunos assim eu acho que não, porque eu acho que a gente tem que analisar no geral, porque se for ver na rede pública, nós não temos aquela de o aluno pensar em prestar vestibular para fazer uma faculdade, nós temos poucos alunos que pensam assim, então eu acho que a gente também não pode ficar só voltado, porque ele também não tem condições de fazer uma faculdade, eu acho que ele tem que ter um conteúdo mesmo que ele não vá fazer um faculdade, mas para que ele possa prestar um concurso, mesmo que ele fale assim, "eu não tenho dinheiro", pois eu acho que o dinheiro não é tudo, se ele for trabalhador, se ele estudar, ele pode conseguir muitas coisas, porque nós conhecemos muitas pessoas que vieram do nada e conseguiram muito através o estudo, então eu acho que a gente tem que estimular mesmo que o aluno estude, que ele aprenda, então eu acho que a gente não pode ficar caracterizando, o que a gente pode fazer é uma diferenciação do rendimento da sala.

P: Você se preocupa em incorporar os objetivos gerais da escola, como atitudes e valores sugeridos no planejamento escolar no seu plano de ensino?

R: Sim.

P: Quais são os critérios de fixação dos objetivos e conteúdos no plano de ensino elaborado por você? O que você prioriza quando estabelece a seleção dos conteúdos, e a fixação dos objetivos?

R: Quando eu estou dando um conteúdo e, às vezes, vejo dificuldades, eu procuro analisar em que ponto está sendo esta dificuldade, porque tem casos que a gente tem que voltar, porque se o aluno não tiver aquela base para ele acompanhar, não adianta, então, eu normalmente, como já tenho mais experiência, sei mais ou menos onde vai ser a dificuldade, então procuro, às vezes, até antes de dar a matéria daquele conteúdo, dar uma revisão, porque eu já sei que quando chegar naquele momento e os alunos falarem que não lembram, que não sabem, para que isso não aconteça eu volto, eu

passo antes, por experiência eu vou percebendo onde vai ser a dificuldade do aluno, eu não me incomodo de ter que voltar, porque eu acho que eu vou sair ganhando e ele também, não adianta querer passar tudo rápido, porque ele vai ter uma dificuldade grande, pois ele não tem o pré-requisito.

P: Como você considera o aluno quando seleciona os conteúdos da disciplina?

R: São os mesmos, em períodos diferentes, mas ele tem que ser dado de forma diferente, porque o aluno da noite, por exemplo, tem uma dificuldade maior, ele tem menos tempo para estudar, então o mesmo conteúdo tem que ser dado de uma forma mais clara.

P: Você faz seleção do procedimentos metodológicos e de recursos no plano de ensino?

R: A partir do momento que eu tenho que estar trabalhando com os alunos de forma diferente, eu tenho que fazer isso, dependendo da dificuldade do aluno a gente procura recursos, para que isso seja recuperado.

P: Você planeja avaliação no seu plano de ensino?

R: Planejamento.

P: Na elaboração do plano de ensino, você se preocupa com mais alguma coisa que não foi perguntada?

R: Eu me preocupo muito, não só com o que eu estou passando para eles de Matemática, mas também de formar o cidadão, eu me preocupo muito com isso, acho que dentro das minhas possibilidades, eu procuro passar para o aluno coisas que eu acho vão valer para eles, eu acho que isso colabora muito, para mim tem sido muito gratificante, eu percebo que muitos alunos mudam por esse fato.

P: Como você utiliza o plano de ensino na sua prática docente? Você o refaz?

R: Se for necessário, sim.

P: Você o consulta? Em que momento?

R: Consulto. Conforme o andamento dos bimestres e, o andamento das minhas aulas, eu procuro sempre estar olhando dentro, em que ponto eu estou no planejamento, o que eu preciso fazer para poder chegar em determinado conteúdo, são esses os pontos que a gente tem que ver realmente, se é necessário no ano seguinte alterar alguma coisa, se a gente não fizer isso, a gente não sabe o que a gente precisa melhorar.

3ª Parte

P: Onde você aprendeu a fazer seu plano de ensino?

R: Eu acho que foi com os colegas de trabalho mesmo, porque quando a gente sai da faculdade, se não tiver ajuda de alguém que já tem um pouco mais de experiência é meio complicado.

P: Qual a importância que você atribui ao plano de ensino em termos de sua prática docente?

R: Eu acho que eu posso estar sempre melhorando, porque se eu fiz o planejamento eu vejo se eu atingi as metas ou não, e com isso eu posso reformular no ano seguinte, ver o que eu posso melhorar, eu acho que a gente tem que sempre melhorar.

PROFESSORA AMANDA H

1ª Parte

P: Sua escola faz planejamento escolar também conhecido com planejamento político pedagógico?

R: Eu acho que não, porque a gente nunca fez.

P: Qual a importância que você vê na elaboração desse plano?

R: Eu acho que seria muito importante, porque todo os professores tem um objetivo comum para trabalhar, principalmente na disciplina, nas atitudes.

2ª Parte

P: Você elabora seu plano de ensino? Individualmente, ou em grupo com os outros professores da mesma disciplina?

R: Sim. Aqui nós fazemos em grupo, embora tenham professores novos que podem seguir o meu plano, tanto que, às vezes, o meu plano vai para Mairinque, vai para Germano, para outros lugares que querem seguir o plano.

P: Quais razões determinam a elaboração do seu plano de ensino?

R: A primeira coisa que eu penso é de levar alguma coisa de bom para eles, e o melhor que eu posso levar para ele ter uma boa compreensão da Arte, que eu quero que o aluno entenda a Arte, aprecie a Arte, tome gosto pela Arte, a primeira coisa que eu penso é nos alunos.

P: Qual a sistemática que você utiliza para fazer o plano de ensino? O que você pensa em primeiro lugar quando elabora o plano de ensino?

R: O que eu penso em primeiro lugar é se eu vou modificar alguma coisa no plano esse ano, se eu vou tirar algumas coisas e acrescentar outras, o que seria melhor para o meu aluno.

P: Em que momento você elabora o plano?

R: Às vezes em janeiro eu já estou pensando no plano, mas quando eu chego aqui na escola eu deixo em aberto, porque eu faço um plano junto com os outros professores para que eles dêem também sugestões, aí a gente chega num acordo e elaboramos juntos, então eu sempre dou dicas, tem alguns que falam que o que você fez está bom, e outros que falam que não, que querem acrescentar alguma coisa, aí eu acrescento.

P: Como você se preocupa em caracterizar o aluno com quem vai trabalhar, ou seja, aspecto social, cultural? Você busca conhecer que tipo de aluno você tem?

R: Às vezes, só duas aulas por semana é pouco para tudo isso, mas eu, nos primeiros, dias converso com a classe, eu quero saber de que bairro eles vieram, pergunto para eles o que eles estudaram de 5ª à 8ª série para saber o que eles entendem de Arte, como que vai ser minha linguagem com eles, e depois eu começo a perceber que o meu aluno é bom e, que não importa de onde ele veio, eu tento passar o melhor possível para ele, então, em primeiro lugar eu vejo o aluno como um ser humano que está ali para aprender.

P: Você se preocupa em incorporar os objetivos gerais da escola como, por exemplo, atitudes e valores sugeridos no planejamento escolar no seu plano de ensino?

R: No meu plano de ensino eu trabalho muito ética moral, respeito, coisas assim.

P: Você tirou isso do seu conhecimento, não que esteja no planejamento escolar?

R: Sim, é que eu acho importante e a minha matéria dá para trabalhar isso.

P: Quais são os critérios de fixação dos objetivos e conteúdos no plano de ensino elaborado por você? O que você priorizou?

R: Não sei se é isso que você está me perguntando, mas eu penso em primeiro lugar que o aluno tem que ter uma conscientização da Arte, ele tem que saber apreciar, e depois o fazer, então eu faço dessas três formas, eu trabalho com textos, eu passo primeiro um texto, eu passo a leitura do texto com os alunos lendo, depois eu converso sobre esse texto, aí eu passo a atividade.

P: Como você considera o aluno quando seleciona os conteúdos da disciplina?

R: Eu considero que ele é inteligente, que basta eu saber conduzir, que o que eu vou passar ele vai entender e fazer direito, eu penso sempre no lado positivo, se tiver alguma coisa que não dá certo eu dou um desconto, e ainda vou conversar, mas eu sempre penso do lado bom.

P: Você faz seleção dos procedimentos metodológicos e de recursos no plano de ensino?

R: Recursos a escola não tem muitos, é sulfite, é lápis, esses recursos são poucos, mas a gente tem que fazer eles se interessarem em fazer com esses recursos que a gente tem, agora o método é

sempre como eu te falei, todo baseado na história da Arte, para eles terem uma compreensão da Arte, a metodologia são os fazeres artísticos de acordo com as possibilidades que nós temos aqui, que eu acho que eles conseguem fazer.

P: Você planeja avaliação no seu plano de ensino?

R: Avaliação eu acho muito importante, então eu planejo sim, tenho duas avaliações no ano, uma que eu peço para eles fazerem, nessa eles mesmo se avaliam, e dizem se eu estou certa, ou injusta com a nota.

P: Na elaboração do plano de ensino você se preocupa com mais alguma coisa que não foi perguntada?

R: Eu me preocupo no fazer, com o apreciar, com o método que eu vou usar, em estar criando atividades que dão para eles trabalharem, e eles como ser humano, eu trabalho muito o respeito, a educação.

P: Como você utiliza seu plano de ensino na prática docente? Você o refaz?

R: Durante o ano eu não o refaço, o que eu estabeleci é para o ano todo, de um ano para o outro eu o refaço, sempre vou modificando alguma coisa.

P: Você o consulta?

R: Sim, estou todos os dias com ele na mão, eu sigo o plano exatamente.

3ª Parte

P: Onde você aprendeu a fazer o plano de ensino?

R: Quando eu comecei, dando aulas de música, eu cheguei na escola estadual e não sabia nem o que era e, nem que tinha plano, aí chegou a coordenadora e me disse que eu tinha que fazer um plano, eu disse que não sabia fazer e nem sabia o que era plano, ela me deu um plano de História, pediu para eu ler e colocá-lo em palavras de música, eu li e reli o mesmo, peguei toda minha linguagem de música e comecei a fazê-lo, esse foi o meu primeiro plano, daí para a frente eu comecei a consultar alguns livros de planejamento, fui me orientando e planejando melhor, hoje em dia eu já consigo criar objetivos e conteúdos.

P: Qual a importância que você atribui ao plano de ensino em termos de sua prática docente?

R: Eu acho que o plano é fundamental, como vamos dar aulas sem plano, eu acho assim, que o plano está lá e tem que ser cumprido, e que para cada série tem que ter um plano, que este tem que ser aperfeiçoado, o plano é importantíssimo.

PROFESSORA FABIOLA G

1ª Parte

P: Sua escola faz planejamento escolar também conhecido como planejamento político pedagógico?

R: Se faz eu nunca participei, que eu saiba existe um plano antigo, mas a gente já não conhece esse plano.

P: Qual a importância que você vê na sua elaboração, se fosse feito?

R: Eu acredito que seria importante fazer, estabelecendo a clientela, qual é a linha de trabalho que a escola pretende seguir, para tanto entender, eu acredito que seria até necessário um vínculo, por exemplo, quais são as principais escolas de que os alunos vem, daqui do município, o que é trabalhado lá, aí dar a seqüência, o estabelecimento de objetivos da escola para o Ensino Médio, eu acho que é fundamental, porque a gente acaba ficando sem um parâmetro de formação do Ensino Médio, do que a escola quer que você faça, como a escola quer que você trabalhe, para formar um aluno para quê.

2ª Parte

P: Você elabora seu plano de ensino? Individualmente, ou em grupo com os professores da mesma disciplina?

R: Elaboro. No início do ano tive uma reunião, e ainda tinha eu e mais um professor de Filosofia, a gente discutiu as opiniões, ele apresentou algumas idéias para mim sobre o que ele queria trabalhar, mas, cada um elaborou o seu plano.

P: Quais razões determinam a elaboração do seu plano de ensino?

R: Quando eu vou elaborar meu plano de ensino, eu penso sempre em traçar algumas idéias no começo do ano, antes que eu conheça os alunos, então como Filosofia é uma matéria que não tem conteúdos fixos, ela não precisa trabalhar fixamente como os conteúdos da Língua Portuguesa, de Matemática, etc., eu procuro sondar se eles já tiveram Filosofia, se a grande maioria não teve eu tento começar dando idéias gerais do que é, para que serve, de onde veio, como utilizá-la no nosso dia à dia, para não ficar desvinculado da realidade, porque muitas pessoas que não conhecem Filosofia, tem a opinião de que é uma coisa que não vai usar e, não serve para nada, então eu procuro fazer umas atividades nos primeiros bimestres que mostrem que não é isso, mostrar na prática onde se aplica Filosofia e, ter um parâmetro geral, eu tento trabalhar simultaneamente com temas de interesses dos alunos, mas, sempre vinculando ao período histórico, por exemplo, o projeto Eros fala das questões de amor, paixão, erotismo e sexualidade, mas outro exemplo temos Platão, o que ele falou sobre o amor, sendo contemporâneo que tem uma visão sobre o amor, sexualidade e, junto eu trabalho poesia, música, textos de jornais, para o aluno ter uma visão do que a Filosofia diz, o que o senso comum diz, o que os valores da minha família diz, eu trabalho a história da Filosofia junto com um tema que acaba ficando mais interessante para o aluno, eu tento elaborar o planejamento assim.

P: Qual a sistemática que você utiliza para fazer o plano de ensino? O que você pensa em primeiro lugar quando elabora o plano de ensino?

R: Eu penso no objetivo que eu tenho em relação àquela turma, como a sala está, quais são os interesses da sala para tentar vincular esses interesses, os meus objetivos e os conteúdos que eu quero trabalhar.

P: Em que momento você faz isso?

R: Eu traço idéias antes do início das aulas, mas só fecho o planejamento depois que eu conheço os alunos.

P: Você se preocupa em caracterizar o aluno com quem vai trabalhar, ou seja, aspecto social, cultural, escolar?

R: Eu não tenho parâmetros estatísticos dessa caracterização, mas eu tento no início das aulas, já aproveitando o gancho da Filosofia e da origem humana, levar o aluno a pensar quem é ele, qual é o papel dele no mundo, que responsabilidade ele tem, ou não no mundo, e nós fazemos discussão em grupo, aí eu guardo isso como registro, então eu lembro aquelas produções textuais, e eu acabo conhecendo o aluno porque nisso o aluno coloca um problema, uma angústia, como ele é, como ele veio ao mundo, então dali eu faço uma caracterização geral pessoal, mas não estatisticamente.

P: Você se preocupa em incorporar os objetivos gerais da escola, tais como atitudes e valores sugeridos no planejamento escolar no seu plano de ensino?

R: A gente não tem o referencial, mas eu procuro pegar o P.C.N., temas transversais ou, a introdução, e ver de modo geral o que é interessante para o aluno saber quanto a formação para o Ensino Médio.

P: Quais são os critérios de fixação dos objetivos e conteúdos no plano de ensino elaborado por você?

R: Eu priorizo essa referência que eu tenho, que o P.C.N. procura, ele quer que o aluno saia com autonomia de pensamento, de ação, que através dessa autonomia ele consiga ser um cidadão, conhecer todos os seus direitos e deveres, consiga pensar nessa relação, então eu procuro ver isso como um plano geral, meu objetivo geral seria esse junto com a questão da reflexão filosófica, eu procuro fazer com que o aluno saia daquele senso comum, onde ele consiga pensar no "todo", englobar todas as questões daquilo que ele está pensando, se ele tem preconceito, esses são os

meus objetivos gerais, a reflexão filosófica, autonomia e cidadania, eu também tento estabelecer objetivos específicos, por exemplo, a questão da ética, como ela influencia nas relações amorosas hoje, minha relação amorosa com o mundo, com a minha escola, com o meu companheiro, com a minha família, então tem também esses objetivos específicos que estão ligados à ética, à moralidade, e algumas vezes à própria compreensão do período.

P: Como você considera o aluno quando seleciona os conteúdos da disciplina?

R: Eu procuro ver a idade do aluno, o contexto social que ele vive e, procuro através do diálogo com a sala, estabelecer aqueles assuntos que são pertinentes para o momento que ele está vivendo, fazendo um vínculo com os conteúdos da própria disciplina, não que isso me leve a deixar uma liberdade excessiva do aluno escolher um tema que não tenha nada a ver com a Filosofia, eu sempre faço esse diálogo e seleciono o tema e os assuntos que são pertinentes para eles, mas que podem ser vinculados à Filosofia.

P: Você faz seleção dos procedimentos metodológicos e de recursos no plano de ensino?

R: Faço, por exemplo, quando eu escrevi do projeto Eros, eu selecionei todos os textos que eu ia trabalhar, é claro que as vezes você incorpora outros textos que aparecem, que são pertinentes, mas eu selecionei textos com transparência, já está lá especificado o dia que eu vou usar filme, o dia que eu vou usar retroprojetor na seqüência das aulas, mas o planejamento não é uma coisa fixa, às vezes você pensa que vai trabalhar uma aula com determinado assunto, mas aí o aluno se envolve, coloca uma outra questão, você vê um direcionamento que é mais viável para a sala naquele momento e, acaba atrasando o desenvolvimento daquele plano em datas fixas, mas está estabelecido onde eu quero chegar e, o que eu vou usar.

P: Você planeja avaliação no plano de ensino?

R: A atividade de avaliação eu não costumo colocar, exatamente as perguntas que eu vou usar, qual é o tipo de atividade que eu vou usar, não, mas, eu coloco o que eu vou observar nas avaliações, no comportamento, o que eu vou avaliar, se o aluno ouve o professor com atenção, se o aluno participa das atividades respeitando a opinião do outro, então aqueles critérios já tem determinados valores para eu fechar na média, assiduidade, comportamento, atividades de classe que vão somar tanto, eu não faço as atividades de avaliação específica, na verdade porque quando chega no final, eu não sei ainda o que é pertinente perguntar.

P: Na elaboração do plano de ensino você se preocupa com mais alguma coisa que não foi perguntada?

R: Como eu trabalho com essa questão de sistema, eu sempre procuro colocar o planejamento e o registro do projeto em si, não sei se seria interessante acrescentar, não tanto quanto ao planejamento, mas no projeto, eu sempre procuro visualizar o fechamento daquilo que a gente está trabalhando, não em avaliação, por exemplo, o objetivo desse projeto é de que a gente passa produções textuais, sobre o que o aluno pensa sobre o amor, o que ele pensa sobre sexualidade, ele pode trazer uma imagem que represente, e a idéia seria colocar isso numa encadernação de texto, então seria um fechamento, para o aluno ver que legal, produzimos isso juntos, olhar tudo o que estudou, os textos que foram trabalhados, que indicasse qual foi o percurso onde nós chegamos.

P: Como você utiliza o plano de ensino na sua prática docente? Você o refaz?

R: Eu o refaço assim, eu tenho aula dos conteúdos, e paro num determinado momento do 3º bimestre, por exemplo, e tento ver se cumpri, vejo o que não será interessante porque já teve um comentário em algum momento, refaço neste sentido, eu o uso assim, risco, observo.

P: Você o consulta?

R: Sim, em vários momentos, sempre que eu estou planejando aula, no mínimo 2 a 3 vezes no bimestre.

3ª Parte

P: Onde você aprendeu a fazer o plano de ensino?

R: Eu não sei se consigo responder onde eu aprendi, quando eu tive magistério, tive lá uma idéia de como você planeja aula, e eu acho que a coisa foi se complementando, quando eu comecei o curso de licenciatura tinha lá como elaborar um plano de ensino, como trabalhar com esses projetos de

temas de Filosofia, eu fiz cursos também sobre projetos políticos pedagógicos, plano de ensino, hoje em dia tem muita idéia de onde, quando, para que, então eu acho são perguntas básicas para o planejamento.

P: Qual a importância que você atribui ao plano de ensino em termos de sua prática docente?

R: Acho que é fundamental, porque eu não posso chegar na sala de aula e falar deixa eu ver o que eu vou dar hoje, eu tenho que ter uma linha traçada de onde eu quero chegar, e usar, porque não adianta fazer e ficar no armário, é fundamental para que a prática tenha um começo, meio e fim, uma coisa organizada, mesmo que em determinados você veja que o que você fez não é interessante e tenha que refazê-lo, mas eu acho que tem que ter.

PROFESSORA CARLA G

1ª Parte

P: Sua escola faz planejamento escolar também conhecido como planejamento político pedagógico?

R: Sim, nossa escola faz, nós temos um planejamento, mas a quatro anos não atualizo, inclusive eu estava falando com o coordenador que a gente tem que unir e pegar esse projeto político pedagógico e olha-lo, porque ele não está batendo com o nosso plano, temos que adaptá-lo.

P: Esse planejamento dá ou deu a você um panorama geral do contexto em que trabalha?

R: Nem tanto, pela defasagem.

P: Você participou do primeiro planejamento?

R: Por uma parte.

P: E na ocasião, esse planejamento deu a você esse panorama geral?

R: Sim, na ocasião sim porque a gente tinha o Ensino Fundamental aqui também, agora não porque nós passamos para o Ensino Médio, porque esse planejamento foi feito a quatro anos ou mais, foi o municipalizado, antes da municipalização, e agora aqui é só o Ensino Médio.

P: Na época como você participou, foi obrigada, ou não?

R: A gente participou na reunião, a diretora colocou a gente na reunião, colocou o que era o projeto, mas na época eu não dei muito valor, muita atenção para isso, mas agora eu estou vendo que é necessário.

P: Depois do planejamento elaborado como se inteira dele?

R: A diretora colocou-o para nós quase que pronto, algumas coisas a gente leu e colocou algumas observações, como eu te falei, nós não demos o devido valor na época, e agora toda a parte que nós estamos fazendo, até no curso do Ensino Médio, nós estamos percebendo que ele é o principal.

P: Qual a importância que você vê na sua elaboração?

R: Ele que vai centralizar tudo, ele que dá o objetivo de tudo, direciona o que nós iremos fazer.

2ª Parte

P: Você elabora seu plano de ensino? Individualmente, ou em grupo com os professores da mesma disciplina?

R: Todo ano nós elaboramos no começo do ano. Em grupo com os professores da mesma disciplina.

P: Mas apesar de ter feito em grupo, você tem um plano que é só seu?

R: Sim, não fugindo daquele que a gente faz em grupo, mas a gente cria muitas coisas em cima daquele que está feito.

P: Quais razões determinam a elaboração do seu plano de ensino?

R: Eu acho que a gente tem que colocar toda a parte que é importante para eles, como deve ser colocado, e conforme o ano e a série, isso tudo é evolução daquilo que a gente vai passar para eles.

P: O que você pensa em primeiro lugar quando elabora o plano de ensino?

R: Os pontos básicos que posso colocar para eles durante o decorrer do ano, com relação ao conteúdo.

P: Em que momento você elabora?

R: No início do ano.

P: Você se preocupa em caracterizar o aluno com quem vai trabalhar, ou seja, no aspecto social, cultural, escolar?

R: A gente tem um problema sério aqui no Ensino Médio, porque nós temos classes com 40/45 alunos, então fica difícil de ver isso, então alguns a gente vê, a gente conversa, a gente sabe, mas não são todos.

P: E esse conhecimento na verdade você se interessa no decorrer do ano?

R: Com certeza.

P: Você se preocupa em incorporar os objetivos gerais da escola, como atitudes e valores sugeridos no planejamento escolar no seu plano de ensino?

R: Sim, a gente sempre está colocando isso para eles, sobre atitudes, sobre educação, a gente tenta.

P: Quais são os critérios de fixação dos objetivos e conteúdos no plano de ensino elaborado por você?

R: Eu vejo bem o lado que ele precisa na Gramática para eles escreverem bem, e na Literatura o que eles precisam saber para terem uma boa cultura, falando sobre os nossos autores, as principais características da Literatura, eu acho que são os aspectos mais importantes, o ler, o escrever, o interpretar.

P: Como você considera o aluno quando seleciona os conteúdos da disciplina?

R: A gente leva em consideração a dificuldade do aluno, porque você tem alunos e alunos, uns que pegam fácil a questão, tem uns que precisam de mais tempo, mais conversa, mais explicação.

P: Você faz seleção dos procedimentos metodológicos e de recursos no plano de ensino?

R: Não, eu planejo um dia antes, o que eu vou precisar eu peço para a escola.

P: Em geral a escola tem?

R: Algumas coisas sim, mas por exemplo, apostila eu estou montando uma para eles, mas o difícil é arrecadar o dinheiro para pagar uma apostila, a escola fornece para a gente sulfite, lápis de cor e essas coisas assim, básicas, então a gente cria em cima do que tem.

P: Você planeja avaliação no seu plano de ensino?

R: Não, eu coloco que eu vou dar avaliação, mas como a avaliação vai ser dada não, eu vejo assim no conteúdo que eu estou dando, aí eu faço redação para avaliar durante o bimestre, ou então alguns testes que eu passo para eles de vestibular, de ENEM.

P: Essa avaliação varia de bimestre para bimestre?

R: Varia.

P: E você esclarece isso para o aluno?

R: Sim, todo bimestre eu falo para eles o que vai ser avaliado, e como vai ser.

P: Na elaboração do plano de ensino você se preocupa com mais alguma coisa que não foi perguntada?

R: Com projetos, a gente coloca projetos no meio do plano de ensino, faz os projetos da escola e os projetos particulares da área.

P: Como você utiliza o plano de ensino na sua prática docente? Você o refaz?

R: Eu o refaço, mas não naquele plano que a gente faz durante o ano, refaço no particular, no meu plano de ensino.

P: Você o consulta? Em que momento?

R: Sim. Sempre no começo do bimestre, para já estudar uma idéia que vai estar abrangendo.

3ª Parte

P: Onde você aprendeu a fazer o plano de ensino?

R: Na escola, no dia a dia, quando eu entrei na escola, quando você começa dar aulas um professor vai passando para o outro.

P: Qual a importância que você atribui ao plano de ensino em termos de sua prática docente?

R: Ele é importante para você não fugir muito daquilo que todos estão colocando no mesmo programa, no mesmo trabalho.

PROFESSORA ROSA G

1ª Parte

P: Sua escola faz planejamento escolar também conhecido como planejamento político pedagógico?

R: Sim.

P: Esse planejamento dá a você um panorama geral do contexto em que trabalha?

R: Não.

P: Como você participa?

R: Sou obrigada a fazer no início.

P: Depois do planejamento elaborado como você se intera dele?

R: Eu modifico muito de acordo com a clientela, eu vou acrescentando, ensinando.

P: Qual a importância que você vê na sua elaboração?

R: Depois de conhecer o aluno ele é importante devido ao interesse do aluno, porque realmente chama a atenção, daí a gente trabalha em cima disso.

2ª Parte

P: Você elabora seu plano de ensino?

R: Atualmente não, já está tudo na cabeça.

P: Quais razões determinariam a elaboração do seu plano de ensino?

R: Se houvesse alguma mudança, mas eu não estou vendo mudanças, tudo o que eu sei acho que é até demais para ensinar a quem não quer nada.

P: O que pensaria em primeiro lugar ao elaborar seu plano de ensino?

R: A experiência anterior dele.

P: Em que momento você deve elaborar esse plano?

R: A hora que eu sentir que eu tenho dificuldade em passar alguns conteúdos, porque aí eu tenho que estudar um pouquinho mais, para ver o que está acontecendo para eu melhorar.

P: Você se preocupa em caracterizar o aluno com quem vai trabalhar, quem é esse aluno socialmente, culturalmente?

R: Sem dúvida, depois dessa experiência que eu começo a trabalhar com ele.

P: Você se preocupa em incorporar os objetivos gerais da escola, sejam eles atitudes e valores sugeridos no planejamento escolar no seu plano de ensino?

R: Sem dúvida.

P: Quais são os critérios de fixação dos objetivos e conteúdos no plano de ensino elaborado por você?

R: A princípio, quando eu comecei trabalhar, eu pensava no vestibular, hoje em dia é só um conteúdo normal, sem pensar muito.

P: Você faz seleção dos procedimentos metodológicos e de recursos no plano de ensino?

R: Não, as minhas são cada uma diferente das outras, eu não posso dar o mesmo conteúdo em três aulas, as três são diferentes, não consigo ser a mesma coisa em três aulas.

P: Você planeja avaliação no plano de ensino?

R: Planejo.

P: Na elaboração do plano de ensino você se preocuparia com mais alguma coisa que não foi perguntada?

R: Não sei, assim de imediato não.

P: Na elaboração do plano de ensino você se preocuparia com mais alguma coisa que não foi perguntada?

R: Não sei, assim de imediato não.

P: Como você utilizaria o plano de ensino na sua prática docente?

R: Como eu não o faço eu não tenho como dizer.

3ª Parte

P: Onde você aprendeu a fazer o plano de ensino?

R: Eu aprendi no dia a dia, no conversar com os professores, no H.T.P.C..

P: Qual a importância que você atribui ao plano de ensino em termos de sua prática docente?

R: Ele é importante, você tem que se preparar, você não pode chegar de sopetão, o meu está preparado na cabeça, não está no papel, mas ele é importante.

PROFESSORA ELVIRA H

1ª Parte

P: Sua escola faz planejamento escolar também conhecido como plano de ensino?

R: Nós tentamos fazer, as coordenadoras começaram a fazer, houve um questionário junto aos professores também e a direção, para ser sincera eu não sei como está, na verdade é muito plano, a gente recebe orientações vindas da secretaria de educação, tem coisas que a gente faz só para cumprir, tem uma postura do diretor em relação ao conteúdo, o diretor é conteudista, quando vem projetos externos ele "poda", a não ser que a gente comprove muito bem, e tudo que dá trabalho a pessoa prefere não fazer.

P: Você está interessada desse planejamento em si?

R: Não.

P: Qual a importância que você vê na elaboração?

R: Eu acho que todos deveriam participar da elaboração, opinar e trabalhar para ele ser implantado realmente, o que a gente vê são muitos projetos, e nada funcionando.

2ª Parte

P: Você elabora seu plano de ensino?

R: Elaboro o meu e o da turma de Português toda.

P: Apesar de elaborar para todos você elabora sozinha?

R: Eu elaborei o plano, todo ano eu me disponho a fazê-lo, então eu passo uma cópia para cada um, e cada um trabalha dentro daquilo, para a gente ter um parâmetro, eu tenho muitos planos separados, individuais de aula.

P: Quais razões determinam a elaboração do seu plano de ensino?

R: A gente segue as diretrizes nacionais, os PCN's, os parâmetros curriculares, a grade mínima, os conteúdos mínimos e, em cima disso a gente vê pela prática o que funciona, o que dá tempo de trabalhar no ano, e o que não dá dentro da área.

P: Qual a sistemática que você utiliza para fazer o plano de ensino? O que você pensa em primeiro lugar quando elabora o plano de ensino?

R: O objetivo geral da área de Português que é a minha área, e depois o específico por plano, por série.

P: Em que momento você o elabora?

R: No início do ano, nas férias eu já fico pensando se vai haver alguma modificação em relação ao ano anterior, e aí eu tenho uma cópia em casa salva no computador, e ali eu já vou olhando o que vai ser mudado, e de acordo com a linguagem que vem, porque cada ano muda alguma coisa, alguma orientação que eles pedem, e aquelas palavras chatas que aparecem, agora está na moda falar de protagonismo juvenista.

P: Você se preocupa em caracterizar o aluno com quem vai trabalhar, aspecto social, cultural?

R: A gente verifica conhecimento prévio, mas se eu vou ver de que bairro ele veio, classe social, esse tipo de coisas eu acabo não fazendo, porque aqui a nossa escola recebe todo mundo da região, e as classes são misturadas, então eu vou ter grupos de todas as regiões, noturno é diferente, diurno não.

P: Noturno é diferente em que, é mais uniforme?

R: A maioria trabalha, eles já são de classes mais populares mesmo, moram bem mais longe, é difícil pessoas do Centro no noturno, são mais os dos bairros, e a gente acaba sabendo, eles tem dificuldades no transporte, mas isso eu não faço junto com o plano, é no convívio.

P: Você se preocupa em incorporar os objetivos gerais da escola, por exemplo, atitudes e valores sugeridos no planejamento escolar no seu plano de ensino?

R: Isso eu tento.

P: Quais são os critérios de fixação dos objetivos e conteúdos no plano de ensino elaborado por você? O que você priorizou quando foi estabelecer os objetivos?

R: Redação, produção de texto, sem separação da Literatura eu estou tentando contextualizar historicamente, chegar na Literatura e no momento tal, fazer uma parte para comparar agora e, para ver o momento atual.

P: Você lembra quais seriam os critérios de fixação desses objetivos?

R: Se eu priorizei escrita, eu quero que eles escrevam muito bem, em relação a isso nós vamos trabalhar a gramática em função da escrita.

P: Como você considera o aluno quando seleciona os conteúdos da disciplina?

R: Foi até coisa que é bom você perguntar, porque a gente tem um prazo para esse planejamento no início de fevereiro, a gente acaba conhecendo o aluno no meio de março, aí eles falam para a gente refazer o planejamento, mas quem refaz, na prática isso não funciona, mas a prática do dia a dia em função daquilo tem classes, por exemplo, no noturno que não tem condições de fazer leitura, a

biblioteca está na escola mas eles não pegam, pode indicar, pedir, exigir, aí acontece de uns fazerem e, os outros copiarem, então esse tipo de coisa que a gente já sabe que não funciona, então buscamos outras alternativas para trabalhar com aquele grupo, pela manhã, cada classe responde de uma maneira e eles se dividem em grupos do mesmo bairro, que já estudaram juntos que já se conheceram, e isso daí a gente deveria levar em consideração.

P: Você faz seleção dos procedimentos metodológicos e de recursos no plano de ensino?

R: Não, a gente coloca tudo, usamos tudo, mas tem muita coisa que é fictício ali, só no papel, o papel aceita tudo.

P: Você planeja avaliação no plano de ensino?

R: Geralmente, nós falamos que a avaliação é diária, o aluno é avaliado diariamente, isso consta no plano de ensino, mas é muito geral, cada professor busca por causa de seus métodos de avaliação particular, então no plano de ensino consta como geral.

P: Você tem a forma que você vai avaliar colocada dentro do seu plano?

R: Tenho.

P: Na elaboração do plano de ensino você se preocupa com mais alguma coisa que não foi perguntada?

R: Eu procuro atualizar sempre o plano, fazer uma ponte sempre, a gente até tenta interdisciplinaridade, tento fazer isso no plano, deixar pontas no plano que podem ser trabalhadas junto com outras matérias, e aí cada professor conversa com os colegas de classe para trabalhar isso, nós deixamos com alguns pontos fáceis para alguém acessar, ele funciona na verdade como norte.

P: Como você utiliza o plano de ensino na sua prática docente. Você o refaz?

R: Na prática eu o refaço.

P: Você o consulta?

R: De vez em quando eu consulto, para ver se eu não estou muito fora, se a prática está me deixando para fora.

P: Em que momento você refaz? De ano para ano?

R: É anual, durante o ano a gente já vai vendo as coisas que não funcionam e a gente vai fazendo essa correção.

3ª Parte

P: Onde você aprendeu a fazer o plano de ensino?

R: A primeira vez que eu fiz foi aqui mesmo, junto com outros professores, e eu peguei um plano pronto, peguei a proposta do Governo do Ensino Médio, proposta curricular e mais outra coisa, e em cima daquilo tudo eu fui vendo o que eles queriam da gente, e com isso eu fui chegando no plano.

P: Você não teve prática de ensino?

R: Tive na prática mesmo, a gente teve que montar um grupo, dar aulas, mas a prática de aula, a de preencher caderno, fazer plano de ensino, não.

P: Qual a importância que você atribui ao plano de ensino em termos de sua prática docente?

R: Trabalhar sem plano fica muito perdido, fica sem objetivo nenhum, precisa ter alguma coisa para seguir e o ideal seria ter o plano de aula, mais do que o plano geral.

PROFESSOR IVO G

1ª Parte

P.: Sua escola faz planejamento escolar também conhecido como planejamento político pedagógico?

R.: Sim.

P.: Esse planejamento dá a você um panorama geral do contexto que você trabalha?

R.: Ele dá idéias.

P.: Você participa, ou participou dele este ano? Obrigado ou não?

R.: Sim. Eu não acho que venha a ser uma obrigação.

P.: Depois do planejamento elaborado como você se inteira dele?

R.: Eu só participo depois que ele está pronto, porque as minhas aulas eu pego depois do efetivo, eu não participo porque não tenho lugar certo para ficar, quando eu chego na escola o plano já está pronto, porque ele é inicial.

P.: Esse plano não foi feito por alguns professores?

R.: Como se diz, eles revêem, é igual ao da Prefeitura, o da Prefeitura agora no H.T.P.C. estão fazendo toda a leitura dele de novo, para renovar, mas geralmente fica aquilo que está, modifica algumas coisas.

P.: Qual a importância que você vê na elaboração desse plano político pedagógico?

R.: Eu acho que é para os professores falarem a mesma língua, tanto no método de avaliação, no método de postura, o método de organização da escola, na disciplina, eu acho que é para você montar alguma coisa objetiva em cima dele, visando todas as matérias num único meio.

2ª Parte:

P.: Você elabora seu plano de ensino? É feito por você individualmente, ou em grupo com os mesmos professores da mesma disciplina?

R.: Sim, em grupo, com os professores da mesma disciplina.

P.: Quais razões determinam a elaboração do seu plano de ensino?

R.: Eu acho que é mais para eles se interessarem na matéria, na disciplina, porque de 5ª a 8ª o aluno muda de professor todo ano, eu acho que depende da ocasião que ele está estudando, o meio que ele está, se ele se afina com o professor, se ele vê que o professor está entusiasmado, eu acho que isso é uma relação do aluno com o professor, a gente olha o interesse dele com a disciplina, a razão seria despertar o interesse do aluno.

P.: Qual a sistemática que você utiliza para fazer o plano de ensino? O que você pensa em primeiro lugar quando elabora o plano de ensino?

R.: Para que ele construa alguma coisa visando o bem estar dele, para que ele passe em um concurso, o objetivo maior é que ele saiba que para a frente depende dele também.

P.: Em que momento você elabora o plano de ensino?

R.: No início do ano.

P.: Você se preocupa em caracterizar o aluno com quem vai trabalhar, ou seja, aspecto social, cultural, escolar?

R.: Não, é uma maneira unívoca, todos fazem a mesma prova, lógico que você percebe a dificuldade que ele apresenta, mas sem excluir, porque dependendo do local dá para você se basear no espaço físico que ele se encontra, mas eu não sou do meio que se preocupa com o aspecto social dos alunos.

P.: Depois de um tempo você não passa a conhecer quais são as preferências desse aluno? Que tipo de família ele tem?

R.: Eu acho que em quatro aulas não dá para entrar na vida dos alunos, porque são muitos alunos. Uma coisa ou outra você fica sabendo do aluno, isso não tem como escapar.

P.: Você se preocupa em incorporar os objetivos gerais da escola, como atitudes e valores sugeridos no planejamento escolar, no seu plano de ensino?

R.: Sim, principalmente a ética, conviver com a ética.

P.: Quais são os critérios de fixação dos objetivos do conteúdo no plano de ensino elaborado por você? O que você prioriza?

R.: Por ser matemática, o cálculo mental, a noção matemática, a visão geométrica, são assim conectivos que a gente tenta passar, para que gravem de uma forma de interesse.

P.: Como você considera o aluno quando seleciona os conteúdos da disciplina?

R.: Eu penso assim: você está dando aulas, você volta em muitos critérios, muitas regras, para você estar andando no caminho certo, porque o certo seria você só dar a continuidade sem retornar, porque você visa que ele já aprendeu, mas às vezes acontece de ele não ter aprendido. Cada item que eu estou lecionando, eu estou puxando o que eu vou precisar nas aulas, expliquei equação do 2º grau, eu volto na do primeiro para ele ver a diferença do X, com certeza eu faço uma estatística antes.

P.: Você faz seleção de procedimentos metodológicos e de recursos no plano de ensino?

R.: Vai de acordo com o tipo de conteúdo que está sendo abordado.

P.: E recursos:

R.: Eu tenho as aulas práticas que eu chamo de laboratório, que eu analiso o aluno não do critério mecânico apenas, não, estou ensinando meu aluno a só fazer exercícios, ele está fazendo problemas que envolvem aquele tipo de conteúdo, não sendo 100%, porque não é tão possível assim, ai entram os recursos, principalmente geometria que eu preciso de compasso. Eu já peguei vários 1ºs colegiais que na 8ª série não viram o que era geometria, eu precisei começar do início, avaliando tanto da parte algébrica quanto na parte geométrica, eu tenha a divisão das aulas para isso, não que o Estado tenha isso, mas pelo número de aulas, eu acho que isso é aquela parte do professor estar querendo melhorar o tipo de ensino, e isto o aluno enxerga. Se você ficar só na equação do 2º grau no semestre, como alguns fazem, eles percebem que está ficando mecânico.

P.: Você planeja avaliação no plano de ensino?

R.: Sim, as minhas provas são parte teóricas e parte práticas, essa parte prática seria para onde ele está usando aquele conteúdo, o conceito que ele está aprendendo e, tem a parte teórica que visa ele decorar, aprender fórmulas, aprender a teoria, eu avalio muito isso, porque se você fizer uma prova totalmente mecânica o aluno percebe, ele pode até copiar de alguém. Agora, se você puxar pela teórica, você pode ver se ele sabe o que fez, ai você realiza sim, você ensinou, você aprendeu, e esse método eu estou usando, não quero fazer um aluno mecânico, porque você dá um exercício e na hora ele faz, mas ele não sabe para quê, as vezes ele não sabe nem a teoria, ele sabe apenas a fórmula, mas ele não enxerga o que ele precisa saber. Física, principalmente, você tem uma fórmula, mas esta fórmula depende de outra, é uma seqüência.

P.: Na elaboração do plano de ensino você se preocupa com mais alguma coisa que não foi perguntada?

R.: No caso é postura do aluno, o que ele sente sabendo que ele aprendeu alguma coisa, porque eu acho que tem alunos interessados em saber o que eles aprendem, o que eles fazem, que volta em consequência do seu trabalho. à noite você não espera tanto quanto da amanhã, à noite decai um pouco, porque realizar o mesmo trabalho com os três períodos você vê que não tem as mesmas linhas de pensamento, pode ser que esteja relacionado com essa parte social, pode ser a parte que a noite o aluno trabalha, então ele não desenvolve o que você espera, a sua expectativa não corresponde à expectativa do professor, a expectativa do professor é perante ao que foi aplicado no plano.

P.: Como você utiliza o plano de ensino na sua prática docente? Você refaz?

R.: Bem, na verdade não.

P.: Você o consulta?

R. Sim, eu acho assim: que o professor pega o livro que vai utilizar durante o ano que é a base, eu pego pelo Autor, analiso o livro, ou eu uso para o ano, porque no caso da escola particular eu tenho a apostila, então eu tenho que acompanhar de acordo com a apostila. Aqui, agora, vai ter acompanhamento do livro com os alunos, então a gente tem que pegar um livro desde que você use

ele o ano inteiro, porque se você pegar ele hoje só para dar uma prova, para você não vai ser favorável.

3ª Parte

P.: Onde você aprendeu a fazer o plano de ensino?

R.: Se eu falar para você que eu aprendi na faculdade é mentira, eu acho que foi na prática, eu acho que é igual a você dar aula, é na prática. Você só vai se interessar pelo aluno desde que você precise dele, eu acredito que foi muito mais na prática do que pelo que foi pedido, pelo que foi mandado, do que foi imposto para você fazer.

P.: Qual a importância que você atribui ao plano de ensino em termos de sua prática docente?

R.: Eu acho que em relação à classe, à escola, aos alunos, eu acho que é mais a interdisciplinaridade, você falar citando as outras disciplinas na sua disciplina. Agora, em relação a mim a contribuição que ele me dá é complicado porque em cada escola o plano de ensino é diferente.

P.: Esse plano de ensino, na realidade ele é chamado pelo próprio professor. Então, por exemplo, aqui talvez você tenha um e numa outra escola outro plano?

R.: Sim, o plano por disciplina sim.

P.: Você tem importância na elaboração do plano em termos da sua prática. Se não houvesse esse plano você teria o mesmo rendimento na sua prática docente?

R.: Eu acredito que esse plano de ensino é o apoio, ele não é o que eu tenho que seguir, seria uma idéia para mim estar realizando junto à minha disciplina, à minha escola, acreditando sim que existem planos e planos. Você não pode estar fazendo o seu plano diferente do plano da escola, mas eu acho que ele é participativo ao meu plano, eu acho que o meu plano está interagido com o da escola, ele teria que existir sim, para você ter uma idéia do que você faz.

PROFESSORA AURORA H

1ª Parte

P.: Sua escola faz planejamento escolar, também conhecido como planejamento político pedagógico?

R.: Faz, mas eu não participei, não o conheço.

P.: Você procurou se inteirar dele, ou nenhum coordenador a colocou a parte?

R.: Não, e não colocou.

P.: Qual a importância que você vê a sua elaboração?

R.: Eu vejo nele uma importância muito grande, porque seria onde iria unir a escola toda, a administração da escola, dos professores, dos coordenadores, os diretores, mas, porém, ele fica meio a desejar.

2ª Parte

P.: Você elabora seu plano de ensino? Individualmente, ou em grupo, com os professores da mesma disciplina?

R.: Sim, em grupo com os professores da mesma disciplina, quando acontece o encontro, mas normalmente um pouco antes de iniciar o ano acontece, e esse ano tivemos que reelaborar por causa da grade, que houve um aumento no número de aulas. Então nós tivemos esse encontro e foram feitas algumas mudanças, temos oportunidades de trabalhar mais conteúdos.

P.: Quais as razões que determinaram a elaboração do seu plano de ensino? O que você levou em consideração?

R.: Eu preciso desse plano para trabalhar, é onde você se direciona com ele, sem o plano você fica muito isolado, agora você fica preso mesmo ao conteúdo.

P.: Qual a sistemática que você utiliza para fazer o plano de ensino? O que você pensa em primeiro lugar quando elabora o plano de ensino?

R.: Eu trabalho o conteúdo e depois a metodologia.

P.: Em que momento você elabora?

R.: No início do ano, e durante eu vou adaptando.

P.: Você se preocupa em caracterizar o aluno com quem vai trabalhar no aspecto social, quem é ele no aspecto cultural?

R.: Eu acho que há preocupação também.

P.: Você se preocupa em incorporar os objetivos gerais da escola, como atitudes e valores sugeridos no planejamento escolar, no seu plano de ensino?

R.: Não.

P.: Quais são os critérios de fixação dos objetivos e conteúdos no plano de ensino elaborado por você? O que você coloca em primeiro lugar para fixar esses objetivos e conteúdos?

R.: As práticas da gente na escola pública, você já conhece mais ou menos, a sua clientela, então você está pensando no aluno mesmo, no aluno como um todo.

P.: Como você considera o aluno quando seleciona o conteúdo da disciplina?

R.: A preocupação acontece sempre no começo do ano, que você faz uma revisão, tanto é que eu tenho dois 3^{os} esse ano que eu estou entrando no plano do 3^o ano agora no 2^o bimestre, o 1^o foi praticamente para terminar o ano anterior. Então há essa preocupação sim, onde parou, porque não teve, porque na escola pública também tem esses problemas, nem sempre eles têm aulas regulares, então eles têm problemas no final do ano; tem professores que saem, que se afastam, que não arrumam outro para começar. Então, tem essa falha.

P.: Você faz seleção dos procedimentos metodológicos e de recursos no plano de ensino?

R.: Sim, é pensado.

P.: Você planeja avaliação no plano de ensino?

R.: Sim, é planejado avaliação, como ela será no decorrer do ano.

P.: Na elaboração do seu plano de ensino você se preocupou com mais alguma coisa que não foi perguntada?

R.: Seriam atividades complementares, como ir ao teatro, faz parte do meu plano.

P.: Vocês vão ao teatro?

R.: Muito pouco, mas acontece.

P.: Como você utiliza o plano de ensino na sua prática docente: Você o refaz?

R.: Sim, ele é refeito no decorrer do ano, de acordo com a necessidade.

P.: Você o consulta?

R.: Sim, ele é sempre consultado.

3ª Parte

P.: Onde você aprendeu a fazer o plano de ensino?

R.: Na prática, “apanhando” bastante.

P.: Qual a importância que você atribui ao plano de ensino em termos da sua prática docente?

R.: Olha, para mim ele é muito importante.

Professora VANDA

P.: Sua escola faz planejamento escolar, também conhecido como planejamento político pedagógico?

R.: Não, não acontece de fato, ele é pensado, mas na prática não acontece.

P.: Qual a importância que você vê na sua elaboração?

R.: Na verdade o planejamento político pedagógico seria o coração da escola mesmo, o que faz funcionar, dar todas as diretrizes, a escola é pensada, ela tem uma identidade com o planejamento político pedagógico, na verdade há muitos anos atrás, eu participei do estudo dos professores para elaboração de um planejamento político pedagógico nesta escola, eu ajudei a construir esse plano, e foi a única vez que a gente fez esse plano, mas esse plano não foi atualizado.

2ª Parte

P.: Você elabora seu plano de ensino?

R.: Eu faço, na verdade o que a gente faz é elencar os conteúdos e depois que você elenca os conteúdos você vai no cotidiano separando as atividades.

P.: Individualmente ou em grupo, com os professores da mesma disciplina?

R.: No início do ano a gente faz em grupo e depois você caminha com o trabalho individual.

P.: Quais são as razões que determinam a elaboração do seu plano de ensino?

R.: Você tem determinados objetivos a atingir no ensino de história especificamente, e para atingir esses objetivos você tem que elencar quais são os conteúdos necessários para chegar nesses objetivos, mas o que eu percebo também é que quando você trabalha na teoria fica claro o quanto você está fazendo tudo muito errado, que na verdade as coisas não são assim, que a escola teria que ter uma outra organização, e você teria que trabalhar na área do problema mesmo. Então eu trabalho com isso, porque é a situação problema que vai te levar à construção do conteúdo, mas de uma forma muito precária. Você não tem as melhores condições para trabalhar numa situação problema e construir aquele conteúdo que você elencou. A prática é precária, mas você tenta chegar o mais próximo possível daquilo que teoricamente você propõe a fazer. Você tenta trabalhar na linha de construção de uma situação problema, mas a prática você não tem os recursos necessários para essa construção, então a gente trabalha de uma forma muito precária, eu trago meu próprio material, para tentar fazer alguma coisa, as classes estão lotadas, o trabalho de integração é muito complicado.

P.: Qual a sistemática que você utiliza para fazer seu plano de ensino? O que você pensa em primeiro lugar quando elabora o plano de ensino?

R.: Eu penso nos objetivos.

P.: Em que momento você elabora?

R.: Esse plano de ensino é elaborado no início do ano, mas depois você vai fazendo a revisão constante, se ele é adequado ou inadequado.

P.: Você se preocupa em caracterizar o aluno com quem vai trabalhar, aspecto social, cultural?

R.: No plano de ensino isso não aparece, isso aparece nas discussões entre as instruções dos professores informal, mas na minha cabeça eu procuro caracterizar.

P.: Você se preocupa em incorporar os objetivos gerais da escola? Por exemplo, como atitudes e valores sugeridos no planejamento escolar, no seu plano de ensino?

R.: Sim, porque no início do ano os professores procuram discutir, primeiro os objetivos gerais da escola, essa linha de valores e comportamento, embora não tenha o planejamento escolar isso é discutido, então a primeira parte do nosso planejamento é voltada para isso.

P.: Quais os critérios de fixação dos objetivos e conteúdos no plano de ensino elaborado por você?

R.: O nível de dificuldade que o aluno vai ter para desenvolver aquele conteúdo, para ver até que ponto ele vai conseguir chegar nessa construção.

P.: Como você considera o aluno quando seleciona o conteúdo da disciplina?

R.: Você tem que partir daquilo que ele já sabe, pressupor, e o ideal seria se a escola tivesse uma visão longitudinal dos objetivos de ensino para que você pudesse partir sempre daquele ponto para ir para a frente, mas isso também não tem.

P.: Você faz seleção dos procedimentos metodológicos e de recursos no plano de ensino?

R.: Dentro do possível, o apagador, o giz, a lousa, o vídeo está queimado, o livro é aquele mesmo, tem que usar muito a criatividade, é muito precário.

P.: Você planeja avaliação no seu plano de ensino?

R.: Sim.

P.: Na elaboração do plano você se preocupa com mais alguma coisa que não conversamos?

R.: Não, é basicamente isso que você conversou mesmo, a minha preocupação é se ele é viável, se eu estou fazendo um plano viável para dar conta dele durante o período, a preocupação é estar sempre replanejando para dar conta, não necessariamente de cumprir o conteúdo que se tem que cumprir, mas é um compromisso na verdade.

P.: Como você utiliza o plano de ensino na sua prática docente? Você o consulta?

R.: Cotidianamente, é necessário, não tem como consultar.

P.: Você o refaz?

R.: Refaço, remanejo, subtraio, aumento.

3ª Parte

P.: Onde você aprendeu a fazer o plano de ensino?

R.: Sozinha, depois com colegas, mas você aprende mesmo na vida, depois quando você retoma com as suas dificuldades você repensa, e isso você traz para sua prática, é um processo demorado de se aprender, não é fácil, e sem ele você não vive, é um lado burocrático que te dá referência de quanto está caminhando, eu anoto todos os detalhes do que eu estou fazendo, as atividades.

P.: Qual a importância que você atribui ao plano de ensino em termos de sua prática docente?

R.: É todo importante, não tem como escapar dele, é ele quem dirige as minhas ações, e é uma coisa gostosa, é a hora em que você pára para pensar. é o momento de reflexão, mas não é necessário mudar todo o conteúdo, a gente muda a forma de trabalhar, existe um compromisso do aluno do que ele tem que aprender, e se isso vai ter efeito, e de acordo com a dificuldade ele vai acompanhando.

PROFESSOR ORALDO H

1ª Parte:

P.: Sua escola faz planejamento escolar, também conhecido como planejamento político pedagógico?

R.: Veja bem, eu praticamente desconheço, eu tive acesso ontem ao planejamento, até então eu nem sabia que existia esse plano, e praticamente em todas as escolas nenhum professor tem acesso a esse documento. Eu tive acesso ontem e não o li porque nós estamos num determinado H.T.P.C., nós queremos formar, porque nós precisamos de um eixo-norteador para trabalhar direito.

P.: Esse planejamento político pedagógico que você teve contato ontem é muito antigo?

R.: Não deu tempo para ler, porque nós estávamos no H.T.P.C., nós estávamos respondendo sobre o ensino médio em rede, eu pedi para levar o plano para ler e não deixaram, pelo jeito é antigo, eu percebi que algumas coisas que nós fizemos, comentários, é que muitas coisas precisam ser incrementadas dentro do plano, porque o plano não pode ser fechado.

P.: Qual a importância que você vê na sua elaboração?

R.: O plano pedagógico dentro da escola, que eu era diretor até o ano passado, lá no Jd. Mairinque, ele é de suma importância, é ele que vai caminhar a escola, é o eixo norteador dentro da escola. Você vai traçar metas, objetivos, caminhos para que uma escola funcione, é através do plano político. Como você vai, a metodologia não, mas vai definir regras dentro dela. Se não tem um plano é cada um dando tiro pra cada lado. Então o professor, se ele não tiver seu diário anotado, quando eu fiz lá no Jardim, é um dos itens, avaliação, como que nós vamos fazer avaliação? Então nós vamos definir metas, pesos para as avaliações, mas tudo respeitando os pares. Por exemplo os pares de matemática acham que a avaliação não tem uma suma importância, eu também acho, o que tem importância para mim é a participação que eu faço um instrumento de avaliação.

P.: Certo.

R.: O que que eu quero formar do meu aluno? Um cidadão crítico, ativo e participativo, isso está no bojo do plano geral, mas será que realmente eu trabalho isso?

Eu sempre cito um exemplo, na minha visão, na nossa faculdade, aqui que nós temos essa aqui hoje, essa de Administração de Empresa. A nossa região é uma região agrícola, eu acho que nós deveríamos ter uma faculdade pra atender a essa demanda que nós temos, senão fica uma coisa totalmente sem nexos. E a mesma coisa pra mim é uma comparação com essa hipocrisia (...) do plano:

Cadê o plano?

Nós não fizemos, não tivemos acesso a ele, eu não sei o que eu estou fazendo e uma turma que muda constantemente de escola para escola. Como que você vai avaliar seu aluno: é menção? é nota? desempenho? P.IM., D.IM., é IM. Outra coisa pra mim, devia delinear é T.S. é transferência expedida, é transferência recebida, são essas siglas que nós avaliamos que não tem, cada escola trabalha de uma forma. Ai quando o Professor chega aqui, aqui eu trabalho com nota de zero a dez, na outra escola trabalha de meio em meio, na outra escola eu não posso dar dez.

Sabe? Na outra escola o aluno sai de uma série vai para outra é remanejado, de uma série pra outra, na outra escola ele é transferido. Então a gente fica meio perdido. Então se tiver esse Plano Político Pedagógico da Escola, a gente vai estar primeiro pré-disposto a conhecer, que com a correria as vezes não dá tempo para isso não.

2ª Parte

P.: Bom, com isso a gente passa pra segunda parte, que fala a respeito do plano de ensino, que é então um plano elaborado pelo Professor.

Você elabora seu plano de ensino?

R.: Sim.

P.: É individualmente, ou em grupo, ou com outros professores da mesma disciplina?

R.: Primeiramente eu faço o meu, após, primeiramente não após, primeiramente eu faço o plano de ensino com... Primeiro, a minha disciplina é filosofia, então raramente você tem uma escola que tenha dois ou mais professores de filosofia, é raro. Então a gente pega áreas afins: de história, de sociologia, e então a gente senta e procura conversar.

P.: Em primeiro lugar você faz individualmente?

R.: Não, eu faço com esse pessoal. Eu faço o meu plano individual depois que eu começo a conhecer minha clientela, porque senão fica uma coisa imposta e que no plano a gente sempre coloca que o plano tem que partir da realidade do aluno. Isso é em termos é um pouco de utopia, porque numa sala de quarenta, mas você vai partir de cada realidade individual, mas você pelo menos tem que fazer no bojo, tirar um senso comum ali, para você começar a trabalhar. Então o que você faz, eu, eu particularmente, eu faço esse plano junto com meus pares, ou similares, depois...

P.: Não necessariamente da mesma disciplina?

R.: Não, geralmente é só um professor de filosofia. Essa escola é um, tem outros que falam que outras tem mais, mas infelizmente nós Filósofos, geralmente a maioria não pega aula no primeiro momento, eles vem pegando depois, as vezes uma desistência, uma substituição e aí a escola já está andando então ai fica meio complicado.

P.: Quais razões determinam ou determinaram a elaboração do seu plano de ensino?

R.: O quê que eu quero do meu aluno. Essa é a primeira pergunta, eu estou fazendo um plano de ensino mas com qual propósito, o quê que eu quero dele? Eu quero que ele conheça todos, é utopia,

mas só para entender, que quero que ele conheça todos os nomes dos filósofos? Para quê? Com qual objetivo? Ou eu quero que ele conheça a essência do que aquele filósofo disse ou escreveu naquele período e ele traga para hoje fazendo um paralelo?

Aí eu estou estimulando o raciocínio, a interpretação do aluno, fazendo com que o aluno não fique aquele aluno que nós éramos antigamente, os reprodutores dos professores, até as vírgulas a gente tinha que responder igualzinho. Hoje não, eles tem que responder com seu entendimento, só que hoje com essa mídia que está aí, com essa gama de informação muito grande parece que eles não param mais para pensar. Por quê?

Hoje os nossos alunos, pelo menos dessa forma os meus alunos, é uma geração windows.

P.: Por que eles querem internet?

R.: É porque ali já tem tudo. Semana retrasada eu estava comentando com eles aí, em uma disciplina X eu não proibiria o uso da calculadora, mas eu ensinaria a usar a calculadora para estimular o raciocínio. Na nossa época uma conta de matemática dava uma folha e meia, nós tínhamos que mostrar que nós sabíamos fazer, hoje não digita ali já vem o resultado pronto. Isso é aprendizagem? Isso é uma assimilação. Então meu objetivo é: o quê que eu quero do meu aluno? Por quê que eu quero que meu aluno aprenda filosofia? O meu objetivo, meu propósito em hipótese nenhuma é formar filósofo, não é isso, o meu objetivo é formar cidadãos que pelo menos tenham uma noção do que é um senso crítico e o que é um senso comum e não, cometendo pleonasma, de andar com as próprias pernas.

P.: Qual a sistemática que você utiliza para fazer o plano de ensino?

a) ou seja, o que você pensa em 1º lugar quando elabora o plano de ensino?

R.: O que eu quero do meu aluno, para que eu estou dando essa aula para ele. Só que plano de ensino eu sempre, mesmo quando diretor, coordenador pedagógico eu sempre coloquei o plano de ensino, coloquem no final, plano sujeito a alteração, porque ele não pode ser fechado e de preferência, se for possível semestralmente você rever, isso é fundamental.

P.: Isso você já respondeu, mas eu vou fazer novamente a pergunta. Em que momento você o elabora?

R.: Eu elaboro primeiramente com pares ou afins, depois de feito, a classe andando ai eu faço meu plano realmente, não que eu conheça, geralmente a gente faz o plano, a aula começou dia 14 de fevereiro, vamos lá, dia 10, que também é uma outra crítica que eu tenho para fazer do plano de ensino, porque para mim é inconcebível fazer o plano de ensino em dois dias. O plano de ensino o nome diz: plano de ensino, é uma coisa pra ser discutida. Então é inconcebível fazer um plano de ensino de dois dias, tem que ser discutido, os objetivos, principalmente projetos dentro do plano de ensino como se coloca. Outra coisa eu quero fazer excursão mas com qual objetivo, excursão para mim não é só eu por o aluno no ônibus, trazer de volta, entregar pros pais e morreu. Não, ai é que começa o trabalho após a excursão, sabe?

P.: Você se preocupa em caracterizar o aluno com quem vai trabalhar, ou seja no aspecto social, cultural?

R.: Eu procuro é situá-lo, e antes de eu situá-lo para eu não cair naquele negócio de tentar, de eu estar discriminando o aluno, eu o instigo a falar, é difícil, é difícil, na teoria é uma coisa, na prática é totalmente diferente, eu tenho alunos que não abrem a boca de forma nenhuma, e aluno quieto não é sinônimo de aprendizagem, e aluno que fala muito também não é sinônimo de aprendizagem. A gente procura conhecer, mas muito pouco porque a gente não conhece ninguém.

P.: Você se preocupa em incorporar os objetivos gerais da escola, como por exemplo atitudes, valores sugeridos no encaminhamento escolar, em seu plano em si ?

R.: Com certeza, principalmente a conservação do patrimônio e a palavra respeito. Minha primeira aula eu escrevo na lousa de fora a fora RESPEITO, não aquele respeito no sentido por favor, dá licença, desculpe, respeito no sentido etimológico da palavra respeito, na sua origem mesmo, o quê que é o respeito, é postura, o modo de vestir, o modo de falar, o modo de se apresentar, é postura de uma forma geral. Então, isso é muito importante na escola, e a escola tinha que fazer isso, cobrar, porque é uma instituição de ensino, na minha concepção, fora a família, essa é a melhor instituição que vai formar gente para algo na vida, e ela não está valorizada.

Uma parcela de culpa no meu modo de ver somos nós, que eu não falo que nós somos professores, eu falo que nós somos profissionais na área de educação, nós não nos valorizamos, e a

gente precisa se auto-valorizar, resgatar a nossa dignidade do que é ser professor, que está ligado ao que é uma escola. E, eu começo o ano assim, com quatro perguntas:

_ O que é escola?

_ O que é ser professor?

_ O que é ser aluno? e

_ Qual é a sua perspectiva dentro dessa escola, o que você está querendo aqui. Então, eu faço essas quatro perguntas para todos os alunos, eu falo pra todos os alunos me respondam e aí a gente fala sobre isso.

Com filosofia não tem uma resposta pronta, fechada, sempre tem que deixar uma reticência para você ir questionando a posteriori, e a semana passada nós fizemos um trabalho sobre conservação do patrimônio nesta escola. Os meus alunos, nós, eles, eu não, filmaram toda a parte de depredação, aí o que eu falei para eles, nós não vamos deixar fechado dentro da escola, pedimos autorização para a coordenadora e vamos passar para a escola toda, é um trabalho de conscientização.

P.: Quais são os critérios de fixação dos objetivos e conteúdo no plano de ensino elaborado por você?

R.: Essa fixação, minha filosofia não é fixar o conteúdo.

P.: Uma escolha.

R.: é aquilo que eu te falei, eu faço planos com os pares, mas depois a gente precisa ver o que o aluno conhece. Um exemplo, meio banal, os meus alunos aqui não sabem o que é *hot-dog* porque que eu vou dar *hot-dog* pra eles? Se eles sabem o que é plantar alface, eles sabem que é plantar cebola, então eu tenho que partir daí. Não é excluindo-o de conhecer *hot-dog*, *excluindo-o de conhecer uma escada rolante* mas eu tenho que partir de alguma coisa.

P.: O Sr. está começando daquilo que eles estudaram, do que é comum pra eles.

R.: Para todos ali, porque comum para um aluno só, como eu te falei é uma sala de quarenta, talvez é utopia, não dá para trabalhar com eles. Então é aquilo que eu falo para eles, primeiro trabalho depois o quê que é democracia, o quê que é um absolutismo, o quê que é ética, o quê que é moralidade. Então, partindo principalmente da democracia que é 50% mais um você dá o arranque no seu trabalho. Como eu te falei não adiante eu ficar dando o expresso e prático do que eu vou dar para eles no 3º bimestre, mas não com objetivo de decorar nomes, nem decorar datas, mas trazendo a idéia de 300, 400 a.C., falando sobre a corrupção que hoje nós estamos vendo na TV aí o mensalão, então é partindo daí que a gente trabalha.

P.: Como você considera o aluno quando você seleciona os conteúdos da disciplina, ou seja, eu sei no seu caso há pré-requisitos, eu sei, você vai dar certos conteúdos, será que você estudou, já conhece os anteriores?

R.: Essa palavra pré-requisito já fica meio pesada, pela deliberação 11 a gente não podia usar essa palavra pré-requisito, mas você faz a pré-seleção, se o aluno te dá a devolutiva, como nesse caso específico aqui, no ano letivo eu fiz um apanhado das atividades que eles vão me apresentar, agendei todas até 18/11 eles já têm atividade, até o final do ano eles já tem atividade, em cima disso aqui, é como Jussara Hoffmam (?) diz: ação reflexão e reação. Então, em cima disso, tem atividades aqui que eles não me deram a devolutiva, aquilo que eu esperava. Tem atividades que eles superaram, então nessas que eles, no caso está lá: no sujeito uma modificação, então há essa um exemplo: eu estava falando sobre Karl Marx pra eles, mas a linha voltada não para o comunismo, mas uma linha voltada para o pensamento, voltado para a dialética, mais voltada para o sindicalismo, voltada para isso aí, deu a devolutiva? legal. Não deu? Opa, então no próximo trabalho eu não vou colocar isso aqui. É como se fosse um termômetro, eu pego meus alunos e é todo ano. Por isso que eu falo, semestralmente tinha que ser feito uma avaliação do que você deu no primeiro semestre, que nós vamos fazer a reunião dia 27, não, dia 27 é o replanejamento, me perdoe, a gente sai ...(?)

P.: Você faz seleção dos procedimentos metodológicos, ou você tem recursos no plano de ensino?

R.: Sim.

P.: Você faz seleção dos procedimentos metodológicos e de recurso no plano de ensino?

R.: Sim, eu procuro me expressar ao máximo, esse ano como eu te falei, para mim é novidade, eu sempre trabalhei com atividades que eu vi na minha psico-pedagogia, porque eu fiz psico-pedagogia, esse ano eu não estou trabalhando isto, mas eu introduzi uma atividade chamada "tema livre", o

aluno escolhe o tema, aí o que eu explico para eles é que no meu universo de 400 alunos se cada aluno trouxe um tema diferenciado, nós vamos sair com mais 400 conhecimentos, então é essa troca de informações, eu aprendo com vocês, vocês aprendem comigo, e eu aprendo muito mais com vocês, porque vocês são quarenta. Contra eu, e eu volto a dizer, essa atividade que eu impulsiono, o aluno em questão vai pesquisar, a hora que eu estiver dando aula sobre esse tema, ele vai estar com o conceito pré-formado. Então, quer dizer, você joga uma sementinha, um aluno fez uma pergunta de qual seria a maior arma que a gente tem hoje, aí eu fiz a mesma pergunta a ele, perguntei se ele era um 38 que é uma arma grande, é um canhão, aí ele disse que tinha uma passagem bíblica que dizia que a maior arma que nós temos é a língua, é a palavra. Então a maior arma que nós temos no nosso conceito hoje é a palavra, ela te salva, ela te pune, se você não souber postar-se você vai ser punido, é como se diz “peixe morre pela boca”.

P.: Você planeja avaliação no seu plano de ensino?

R.: Avaliação eu não tenho como provas, ela é constante, todo santo dia eu estou avaliando eles, eu faço anotações no meu diário, eu tenho várias informações que eu coloco no meu diário. Então a minha avaliação é diária. Eu tendo um “x” que eu marco atividade avaliativa, o aluno não está pré-disposto, tem o fator psicológico também, se você vai para uma prova o aluno já tem dificuldades na disciplina filosofia, e ainda vai fazer prova, você tem que deixá-lo meio a vontade, e faz tipo uma chamada oral, mas sem que ele perceba, eu uso também o dicionário, quando eles não sabem eu peço para procurar no dicionário, mas não é para ser como cópia, vai ter que interpretar, procurar outro adjetivo que comporte este daí, na sua linguagem formal, coloquial, colocar o seu conhecimento “para fora”, no nível de conhecimento, de aprendizagem nós somos igual “parteira”, temos que “colocar para fora” o que a gente sabe e a maioria dos alunos fazem isso, eu estico as minhas aulas, dou oportunidades de falarmos de outros assuntos, pode não ter nada a ver mas temos respeito para com os alunos e eu sei que a partir daí ele vai me respeitar também, então eu acho isso muito importante também, não que se equipare o aluno.

P.: Na elaboração do plano de ensino você se preocupou com mais alguma coisa que não foi perguntada?

R.: Eu me preocupo no plano de ensino, principalmente com a condição social do meu aluno. Aconteceu um acidente com uma aluna na semana passada, que eu fui socorrê-la. Ela praticamente furou o tímpano e estava com uma dor de cabeça violenta, estava vazando o ouvido da menina, e no caminho a gente estava conversando, ela estava há três dias sem comer, ela só come pão quando o pai recebe R\$300,00 por mês, ela mora num bairro longe, sai de casa às 10:00 horas da manhã sem almoço, a mãe teve derrame e ela cuida da mãe, aí vem para a escola, toma merenda às 15:00 horas, e vai comer só no outro dia às 15:00 horas, que é a merenda da escola, aí eu falei: espera aí, isso não pode acontecer, levei ela no hospital, marcamos, não que eu seja samaritano, mas pedi para o médico um encaminhamento para o posto de saúde, no otorrino, mas aí é uma coisa mais técnica, eu fui onde podia. Mas tem coisas que a escola pode fazer, é só ir na escola e pedir por favor para eles deixarem um prato de comida para ela, e essa menina ela tinha notas boas: 7, 8, hoje ela não passa de 3, mas porque ela está desnutrida, ela vem para a escola sem comer, ela é fraca, tem alunos em piores condições, mas essa foi aquela que eu tive acesso. Então, no meu plano de ensino eu sempre coloco isso, procurar conhecer um pouquinho do aluno, a realidade dele, e quando eu era Coordenador Pedagógico lá em D. Catarina, que eu fiquei dois anos lá, eu consegui o ônibus da Prefeitura, coloquei os professores dentro e nós fomos conhecer os bairros de onde os alunos vinham para que o professor não subjulgue o aluno, porque nós professores não podemos ser psicólogos, mas temos que ter essa afinidade com o aluno, e outra quem dá nota não sou eu, quem dá nota é o aluno, tudo em volta é o aluno, eu sou um caminho, eu sou um canal para ele, se ele souber aproveitar ótimo, se não souber...

P.: Como você utiliza o plano de ensino na sua prática docente? você o refaz?

R.: Não refaço, eu sempre acompanho se estou conseguindo, não sou conteudista, se eu atingir 10% do meu plano é ótimo, mas em termos de qualidade e não ser conteudista, eu não tenho objetivo de formar copiadores, meu objetivo é formar alunos críticos, que o aluno saiba onde procurar as coisas que para mim na educação são 4 coisas: saber ler, escrever, saber as quatro operações e principalmente ele saber pesquisar. Você tem que dar condições para o aluno, eu vou ter que dar as referências biográficas. Eu refaço o plano no 2º semestre, mas eu procuro acompanhar, sem preocupações de estar ou não atento ao plano, mas eu tenho que ter uma meta, tem que ter uma porcentagem e atender com qualidade. Agora, não atender é demagogia, você sabe melhor do que eu que cada sala é diferente da outra, porque eu acho que a parte negativa a gente deixa de lado. Na

educação, só enaltece as falhas dos nossos alunos, e ontem eu estava comentando isso na escola do Germano, que eles são vítimas da situação, porque os pais não dão atenção e acham que a escola vai resgatar vocês, mas tem que vir com o mínimo possível de condições de casa, e eu aqui, na escola, vou colocar esse mínimo e dar mais atenção para vocês. Então, essa é a minha função aqui na escola, não educar vocês, mas de cobrar educação de vocês, porque isso vem de casa, a minha área é pedagógica é onde eu tenho que interferir, não adianta eu querer abrir a sua cabeça, colocar conteúdo, se você não me der uma abertura para trabalhar com você não adianta.

3ª Parte

P.: Onde você aprendeu a fazer o plano de ensino?

R.: Eu aprendi nas próprias escolas onde eu passei, quebrando a cabeça, fazendo plano errado, e o meu plano também não é o plano ideal, mas eu fiquei muito contente com o meu plano. É assim, todo ano aprendemos, conversando e fazendo.

P.: Qual a importância que você atribui ao plano de ensino em termos de sua prática docente?

R.: É um eixo norteador, porque se você não tiver um caminho a seguir, você vai dar tiro para tudo quanto é lado, então eu acho que isso não adianta, o certo é traçar metas, objetivos e tentar cumprí-los.

PROFESSORA HELENA H

1ª Parte

P: Sua escola faz planejamento escolar também conhecido como planejamento político pedagógico?

R: Faz, tem o plano que foi feito já há alguns anos, e é feito plano de ensino anualmente.

P: Esse planejamento dá a você um panorama geral do contexto em que trabalha?

R: Sim, mas precisaria estar mais atualizado.

P: Como você participou, você foi obrigada, ou não?

R: Não, eu participei há quatro anos atrás da elaboração, eu ajudei a confeccioná-lo.

P: Depois do plano de ensino elaborado como você se inteirou dele? Você participou de todas as etapas dele?

R: De um modo geral sim, eu cheguei a manuseá-lo, houve na época algumas reuniões que forma mostradas, mas os professores que chegam atualmente não tem acesso.

P: Qual a importância que você vê na sua elaboração?

R: É a linha mestra para determinar o trabalho.

2ª Parte

P: Você elabora seu plano de ensino? Individualmente, ou em grupo com os professores da mesma disciplina?

R: Elaboro, normalmente com os professores da área, da mesma disciplina, mas não há uma interdisciplinaridade, a gente não consegue desenvolver isso, as vezes fazemos na prática na conversa de intervalos.

P: Quais as razões que determinam a elaboração do seu plano de ensino?

R: É você ter um objetivo, por exemplo, os alunos que entram no 1º colegial, eles vão ter que aprender determinados conteúdos até o 3º colegial.

P: Qual a sistemática que você utiliza para fazer o plano de ensino? O que você pensa em primeiro lugar quando elabora o plano de ensino?

R: Os conteúdos necessários para cada série.

P: Em que momento você elabora?

R: No começo do ano, em fevereiro.

P: Você se preocupa em caracterizar o aluno com quem vai trabalhar, aspecto social, cultural?

R: A gente tem visão geral do aluno, das dificuldades, a falta de pré-requisitos.

P: Você se preocupa em incorporar os objetivos gerais da escola como atitudes e valores sugeridos no planejamento escolar no seu plano de ensino?

R: Eu acredito que através dos conteúdos que eu desenvolvo, o mais importante é isso daí.

P: Quais são os critérios de fixação dos objetivos e conteúdos no plano de ensino elaborado por você? O que você priorizou para fixar objetivos e conteúdos?

R: Seria utilizar a disciplina da Geografia na formação do cidadão, capaz de enxergar o mesmo com mais clareza.

P: Como você considera o aluno quando seleciona os conteúdos da disciplina, na verdade você sabe o conhecimento que ele tem?

R: A gente parte normalmente, é sempre lidando com o que ele traz, é bem trabalhado em cima do que ele já sabe para poder ampliar esse conhecimento.

P: Você faz seleção dos procedimentos metodológicos e de recursos no plano de ensino elaborado por você?

R: Fazemos, só que tem que adaptar as condições, porque a escola tem recursos mais é difícil usar, então por exemplo, tem vídeo, tem sala de informática, só que não tem quem tome conta, a biblioteca não tem quem fique o tempo todo, isso dificulta o trabalho da gente.

P: Você planeja avaliação no seu plano de ensino?

R: Eu por exemplo, este ano estabeleci uns critérios, tipo duas provas valendo 4 pontos cada uma, e as atividades valendo 2 pontos, com o objetivo de fazer aluno estudar mais, e evitar que ele tirasse nota através de trabalhos, então eu priorizei isso já no plano de ensino.

P: Na elaboração do plano de ensino, você se preocupou com mais alguma coisa que não foi perguntada?

R: Em manter, por exemplo, os conteúdos da mesma série para todos os professores, preocupação assim em dar conta dos mais importantes, isso eu e os outros professores conversamos.

P: Como você utiliza o plano de ensino em termos de sua prática docente? Você o consulta?

R: Na verdade eu tenho bem claro esse planejamento, é como se eu consultasse, porque eu procuro me adaptar dentro dele.

P: Em que momento?

R: Sempre que vai começar o bimestre, eu acabo vendo o que foi possível e o que não foi.

P: Você o refaz?

R: No começo do ano, agora em julho provavelmente vai ter um período de replanejamento, a gente vai ver até onde caminhou, o que é possível continuar, o que não dá para atingir.

3ª Parte

P: Onde você aprendeu a fazer o plano de ensino?

R: Bom, quando eu fui coordenadora eu trabalhei, participei de cursos, na época da escola padrão, eu acho que até aqui a gente fez várias leituras de plano, aqui, quer dizer foi resultado de experiências, mas não da faculdade, foi a necessidade, experiência de vida de escolas.

P: Qual a importância que você atribui ao plano de ensino em termos de sua prática docente?

R: Ele direciona, ele dá um caminho, ele não é fechado mais você trabalha sabendo até onde você tem que ir, então é um instrumento importante.

PROFESSORA EDNA H**1ª Parte**

P: Sua escola faz planejamento escolar também conhecido como planejamento político pedagógico?

R: Sim.

P: Esse planejamento dá a você um panorama geral do contexto em que trabalha?

R: Dá.

P: Como você participou dele, foi obrigada ou não?

R: Eu não participei desse planejamento, quando eu entrei já havia sido feito.

P: Depois do planejamento elaborado como você se inteirou dele? Você conhece esse planejamento?

R: Eu conheço esse planejamento porque eu fui até a secretaria da escola e pedi para ver o conteúdo.

P: Qual a importância que você vê na elaboração desse planejamento?

R: É importante porque vai determinar metas que você tem a conquistar, durante as aulas ao longo do período.

2ª Parte

P: Você elabora seu plano de ensino? Individualmente, ou em grupo com os professores da mesma disciplina?

R: Sim. Deveria ser no participio, mas acaba sendo individual.

P: Quais razões determinam a elaboração do seu plano de ensino?

R: É um caminho que você tem a percorrer durante o bimestre, durante o ano letivo, são etapas que você vai conquistando, é mais fácil você direcionar um esqueleto para você seguir esse caminho.

P: Qual a sistemática que você utiliza para fazer o plano de ensino? O que você pensa em primeiro lugar quando elabora o plano de ensino?

R: Na realidade, os alunos que eu tenho, eu vejo a realidade deles para eu poder elaborar um plano de ensino.

P: Em que momento você o elabora?

R: Depois que eu inicio a aula com ele.

P: Você se preocupa em caracterizar o aluno com quem vai trabalhar, aspecto social, cultural, escolar?

R: Tem que trabalhar em cima da realidade.

P: Você se preocupa em incorporar os objetivos gerais da escola como atitudes e valores sugeridos no planejamento escolar no seu plano de ensino?

R: Sim, é muito importante.

P: Quais são os critérios de fixação dos objetivos e conteúdos no plano de ensino elaborado por você? O que você priorizou quando você fixou os objetivos e conteúdos?

R: Eu priorizo em fazer com que os alunos tenham conhecimento básicos dessa área específica, que é Educação Física, sabendo dar o valor, tendo o conhecimento da importância dela.

P: Como você considera o aluno quando seleciona os conteúdos da disciplina, ou seja, ele já vem com um conhecimento anterior?

R: Dá para a gente perceber se o aluno chega com algum pré-requisito ou não, se ele já teve ou não,

mas a gente começa a trabalhar, e muitas vezes ele já está preparado para a atual série.

P: Você faz seleção de procedimentos metodológicos e de recursos no plano de ensino?

R: Sim.

P: Você planeja avaliação no seu plano de ensino?

R: Sim.

P: Na elaboração do plano de ensino você se preocupou com mais alguma coisa que não foi perguntada?

R: Acho que não.

P: Como você utiliza o plano de ensino na sua prática docente? Você o consulta?

R: Às vezes sim, para ver se eu estou seguindo mesmo.

P: Em que momento?

R: Durante o bimestre, durante as aulas.

P: Você o refaz?

R: Quando necessário, quando eu percebo que a realidade está fugindo do conteúdo que eu programei, muitas vezes eu preciso parar, retomar ou até mesmo modificar, as vezes a mesma série, o mesmo 1º colegial, só que é uma realidade é diferente então eu tenho que adequar o plano com a realidade da sala.

3ª Parte

P: Onde você aprendeu a fazer o plano de ensino?

R: Na faculdade nós tivemos metodologia de ensino, mas a prática foi com a prática dos alunos na escola estadual mesmo.

P: Qual a importância que você atribui ao plano de ensino em termos de sua prática docente?

R: O plano de ensino é muito importante, porque você planeja, você tem uma meta a atingir, e quando você não tem um planejamento fica muito fictício, porque sem programação você acaba se perdendo, eu acho que é uma coisa que nos ajuda muito.

PROFESSOR VALTER H

1ª Parte

P: Sua escola faz planejamento escolar também conhecido como planejamento político pedagógico?

R: Não chega a existir na verdade, tem o plano geral, mas sem determinar a parte de todos, é feito por disciplina, cada um faz a sua, eles o chamam de plano geral, mas não se discute na área de Português, de Matemática, o que está acontecendo é que na rede do saber eles estão querendo esse plano diversificado, de todas as áreas, a interdisciplinaridade, então eles estão dando um treinamento agora.

P: Qual a importância que você vê na elaboração do plano político pedagógico?

R: Eu vejo que tem uma determinação em relação da formação do cidadão, apesar que tem a linha geral de todas as disciplinas, para dar aquela formação para aquele aluno.

2ª Parte

P: Você elabora seu plano de ensino?

R: Sim eu elaboro meu plano.

P: Esse plano é feito individualmente, ou em grupo com os professores da mesma disciplina?

R: Geralmente é feito com os nossos grupos de Educação Física.

P: Quais razões determinam a elaboração do seu plano de ensino? O que você visa?

R: Por exemplo, vamos trabalhar o que esse primeiro bimestre, semestre, depois vamos trabalhar o voleybol, aí segue, vamos trabalhar basquetebol, o alongamento que eles falam, aquecimento do mecanismo, praticamente os fundamentos e planejamentos de como a gente pode trabalhar com os alunos.

P: Qual a sistemática que você utiliza para fazer seu plano de ensino? O que você pensa em primeiro lugar quando elabora o plano de ensino?

R: Em primeiro lugar eu penso em atingir os objetivos, procuro ser um educador, então esse objetivo tem que estar incluído neste plano.

P: Em que momento você elabora?

R: No início do ano, consultando os livros.

P: Você se preocupa em caracterizar o aluno com quem vai trabalhar, ou seja, quem é esse aluno no aspecto social, cultural, você sabe quem é esse aluno quando você vai trabalhar com ele, ou faz o plano sem saber desses aspectos?

R: Isso aí deveria ter uma avaliação diagnóstica, para saber sobre o aluno, agora, por exemplo, eu não sei se levo uma linha do construtivismo e, eu tenho que fazer essa turma brincar e participar das atividades, então ser quase um tipo de jogos recreativos, para ele participar, fazer parte do grupo e, ir se relacionando com os outros, então independente, eu não estou ali para formar nenhum atleta, o importante é que eles participem das atividades.

P: Você se preocupa em incorporar os objetivos gerais da escola, como por exemplo, atitudes e valores sugeridos no planejamento escolar no seu plano de ensino?

R: Isso sim, por incrível que pareça você tem que ensinar o aluno a se organizar, saber, ouvir, respeitar, ser um pouco educado.

P: Esses objetivos gerais você os conhece, você sente que é na maioria?

R: A maioria dos professores trabalham com esse conceito, tem professores que tentam passar o conhecimento para o aluno, desenvolver o conhecimento para o aluno.

P: Quais são os critérios de fixação dos objetivos e conteúdos no plano de ensino elaborado por você? O que você priorizou para classificar os objetivos?

R: A prioridade no ponto de vista na área de Educação Física é saber com que a maioria participe da atividade física, um respeitando os outros, de vez em quando eu converso com eles, pois eles vão conviver o ano todo, então o respeito e a educação em relação ao companheiro, porque aí eles chegam no final do ano e é um grupo unido.

P: Como você considera o aluno quando seleciona os conteúdos da disciplina?

R: Tem aluno que é difícil de você convencer de participar, de entrar neste sistema, até queimada, nos parâmetros curriculares, para você ter uma idéia, no fim a gente está trabalhando queimada com o colegial para que todos possam participar, então através da brincadeira de queimada, que é uma brincadeira que todo mundo quer jogar, para mim é um fator muito importante, mesmo aquele que tem mais dificuldades, é um jogo mais calmo, agora o futebol e o voleybol já tem um grupo, mas o importante é que brinque.

P: Você faz seleção dos procedimentos metodológicos e de recursos no plano de ensino?

R: Os recursos, por exemplo, é pouco material na escola, agora os recursos é o meu relacionamento com os alunos, eu saber levar, saber conversar, dar um empenho para eles.

P: Ao dar aulas diferentes, você estabelece metodologia diferente, ou sempre faz do mesmo jeito?

R: Tem horas que às vezes eu dou eventos do voleybol, então pode conduzir, pode carregar à medida que ele vai conseguindo, em que ele vai dominando, eles aprendem, por exemplo, teve uma classe, era 1º colegial depois passou para o 2º, quando eles chegaram no 2º ano eles estavam jogando voleybol, aí eles queriam jogar só futebol, mas aí o meu objetivo já teria sido atingido.

P: Nessa ordem você fez procedimentos metodológicos diferentes?

R: A gente fez através da recreação e, eles foram conseguir o objetivo que era a brincadeira, que era jogar o voleybol.

P: Você planeja avaliação no seu plano de ensino?

R: Planejo, aí tem que ter a avaliação, esta no sentido do aluno participar, do interesse dele.

P: Na elaboração do seu plano de ensino você se preocupa com mais alguma coisa que não foi perguntada?

R: Do plano, de vez em quando, agora por exemplo, a qualidade de vida principalmente no colegial, inclusive teve uma coisa que é desagradável, chata assim em relação, é que os nossos geralmente acham que nunca vai acontecer nada com eles, mas a parte de saúde, a qualidade de vida nós trabalhamos muito.

P: Como você utiliza o plano de ensino em termos de sua prática docente? Você o consulta?

R: Sim.

P: Em que momento você o consulta?

R: Muitas vezes quando eu estou indo para as aulas, eu pego o livro e dou uma olhadinha, para poder dar uma seqüência nas coisas que eu vou trabalhar.

P: Você o refaz?

R: Refaço.

3ª Parte

P: Onde você aprendeu a fazer o plano de ensino?

R: Foi na prática, na faculdade, na realidade o meu professor já em 1973 dava aulas, e a gente ia na casa dele aos sábados para ele nos ensinar corretamente como se fazia esse planejamento, e com a troca também com os outros professores, porque vira e mexe está mudando o formato, a linguagem, principalmente agora em 2005.

P: Qual a importância que você atribui ao plano de ensino em termos de sua prática docente?

R: O plano de ensino é uma segurança, para você trabalhar, desenvolver o seu trabalho do que é programado.

